

resist.

CD Reiss

Resist

Songs of Submission - 06

C.D. Reiss

Sinopse:

A história de Jonathan Drazen e Monica Faulkner continua.

E chegou a hora da Monica assumir suas responsabilidades.

**Eu olhei para ele, em seu olhos turmalina e cabelos acobreados e acreditei nele, apesar do meu melhor julgamento. Então, eu o perdoei, apesar das minhas dúvidas. Eu o amava, simplesmente amava. Meu coração não foi sensato ou cauteloso o suficiente. Não por uma visão.*

*Eu era um nervo exposto caminhando no final da emoção, como se os anos que eu passei longe dos homens e do sexo me fizessem mais emocional, mais vulnerável, mais tola do que antes. Corri meus dedos pelo cabelo, me sentindo como a vítima de um crime sobre consentimento.**

AVISO JUSTO

Forte momento de angústia no final

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo de forma a propiciar ao leitor acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização parcial apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem em qualquer rede social (Orkut, Facebook, grupos), blogs ou qualquer outro site de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.

Dezembro/2013

Proibido todo e qualquer uso
comercial

Se você pagou por esta obra,

VOCÊ FOI ROUBADO.

Capítulo Um

Monica

Às 11h23min, me virei passando pelas

históricas árvores figueira. O portão se abriu. Eu puxei meu Honda e estacionei ao lado do Jaguar. Eu verifiquei o meu rosto no espelho e fui até a varanda. Deixei minha bolsa e bati. Esperei. Quando eu estava prestes a bater novamente, o portão ruidosamente fechou. O botão para o portão estava logo atrás da porta da frente, então ele devia estar lá. Eu não tinha ideia de quanto tempo ele me faria ficar do lado de fora. Paciência sempre foi uma parte do seu jogo.

A porta se abriu. Seu cabelo estava limpo e penteado para trás, com o rosto barbeado. Ele usava uma polo cor de canela que estava apertada nos braços, acentuando seus bíceps duros e lisos. A calça jeans pendurava em seus quadris como se ela tivesse sido feita para ele. E o filho da puta tinha a coragem de usar um cinto.

— Você é um colírio para os meus olhos. — Disse ele. Seus olhos, no entanto, não pareciam irritados por tudo. Ele parecia como se nada o tivesse tocado. Eu não tinha ideia de como ele fazia isso.

— Você está bem? — Perguntei. — Eu estava preocupada.

— Estou bem. Vai ficar tudo bem.

Eu esperava ouvir isso antes que eu lidasse com o outro problema que me impediu de comer e dormir por dois dias. — Então, que porra é essa?

— Que porra é essa, o quê?

Eu cruzei os braços. — Que. Porra. É. Essa. Jonathan.

Ele colocou seus dedos na minha boca e deslizou para o lado, no meu pescoço. Eu suspirei com sua carícia. Seu polegar roçou minha bochecha, seu dedo mindinho agradando a parte sensível da minha garganta. Eu involuntariamente inclinei minha cabeça para ele.

— Sua palavra de segurança? —Ele disse.

— Tange-caralho-rina. Agora, explic...

Ele agarrou meu cabelo na parte de trás da minha cabeça e me puxou com força até ficar de joelhos. Eu perdi a minha respiração, o movimento foi tão impetuoso e duro. Eu estava ajoelhada em um segundo, e ele abriu e deslizou as calças em poucos movimentos rápidos. Seu pau estava rígido e alinhado com os meus lábios, brilhando com uma gota de líquido.

Eu havia dito sobre essa fantasia na noite que eu lhe deia lista que se tornou uma canção. Ele disse que não iria cumpri-la até que eu confiasse nele. Fechei minha boca apertada.

— Abra. —Ele ordenou.

Eu virei meus olhos para ele, seu pau no primeiro plano da minha visão. Seu rosto se inclinou para mim. Ele bateu seu pau contra os meus lábios, torcendo meu cabelo. Eu abri meus lábios para dizer-lhe para se foder, mas eu não estava preparada para a ferocidade com a que ele enfiou o pau na minha garganta. Engasguei, sufocada.

Ele não parou. Ele agarrou meu cabelo com a outra mão e me girou, me controlando, me possuindo. Eu me senti como se ele me quisesse fora de equilíbrio e desconfortável, me levantando não por meus joelhos, mas pelos nós do cabelo em seus punhos que mudou o anguloda cabeça, onde ele queria o pau dele. Eu abri minha boca e garganta e o deixei me levar. Eu fazia ruídos, mas não havia

significado. Saliva corria pelo meu queixo, e quando olhei para ele, ele olhou de volta com uma intensidade feroz. Ele tirou o pau da minha boca.

— Você fodeu com ela. — Eu disse.

— Não, eu não fodi.

— Você está mentindo.

Ele me empurrou para dentro de casa. — Mãos nos joelhos.

Eu caí, mas me levantei. Eu recuei. Minha respiração era áspera pela foda na minha cara e na minha boca, mas eu simplesmente resisti. — Diga isso. Você e Jessica.

— Eu não fiz nada.

— Você. Mente.

Ele me empurrou contra a parede, com força. Eu o afastei.

— Levante sua saia. — Ele disse.

— Admita isso.

— Levante sua saia, Monica.

— Admita isso.

Ele pegou meus ombros e me virou para a parede, a poucos centímetros do Mondrian¹. Tínhamos combinado tudo isso, mais ou menos, no hotel em Vancouver. Horas depois de fazer a lista de limites no sofá, e um cenário que abraçamos foi um no qualeu lutasse algumas vezes com ele, e eu usaria a palavra de segurança, se a merda ficasse muito intensa ou dolorosa. Logo em seguida, eu desejaria foder com ele, tanto quanto conseguisse resistir. Eu ansiava por ele por dois dias, pairando em algum lugar entre raiva e pânico.

Ele puxou a minha saia, me empurrando contra a parede com a outra mão.
— O que estou admitindo?

— A polícia disse que você bateu na Jessica com um cinto e fodeu com ela.

¹Piet Mondrian (1872-1944), pintor holandês.

— Eles mentiram para fazer você falar.

— Foda-se. Você. — Ele puxou a minha calcinha de lado, enfiou os dedos na minha boceta, e agitou o meu clitóris com o dedo mindinho. — Na primeira chance que teve, você traiu. — Eu gemi.

— Você está tão molhada, Monica. — Ele puxou meu cabelo até meu pescoço virar para que eu pudesse enfrentá-lo. — Você não estaria aqui se você acreditasse nisso.

— Eles não te buscaram por nada.

— E se eu tivesse transado com ela? Você me deixou.

O pensamento me fez ter tanta raiva que joguei o braço para trás e lhe batina cara. Ele me jogou por cima do aparador, me batendo um pouco na escultura de bronze e derrubando todas as portas retratos das suas irmãs. Seu pau pressionado contra a minha bunda, duro, quente, e pronto. Um dos meus sapatos caiu.

— Eles disseram que tinham um áudio. — Eu chorava, meu rosto molhado de lágrimas. — Eles têm fotos de sua bunda. Está espancada. Você fez isso. Basta dizer que fez.

— Fiz. — Ele puxou minha calcinha até o meio da coxa.

— Você transou com ela.

— Eu mostrei a ela o que estava pedindo. — Ele deslizou seu pau em mim, como se tivesse um convite gravado, me fodendo como se ele me possuísse.

— Deus, Jonathan — Eu chorei, com lágrimas. — Por quê? Por que não significo nada para você? — Eu não disse “não” ou “pare”, porque, embora tivéssemos uma palavra de segurança, eu o conhecia. Se eu dissesse para ele parar, ele pararia, e as estocadas que eu estava recebendo eram esmagadoras e eu queria.

Ele bateu contra mim com cada palavra. — Eu. Não. Toquei. Nela.

— Mentiroso. — Eu balancei para trás, tentando acertá-lo. Minha recompensa foi ter meu braço torcido nas minhas costas para que eu não conseguisse movê-lo.

— O que você disse a eles, Monica? Você disse que eu batia em você, também?

— Eu disse que era consensual. Eu não menti.

— Bom para você. — Ele soltou meu braço, mas pressionou meu rosto na mesa tão forte que eu não podia me mover. Ele mudou de ângulo e fodeu duro e lento por alguns golpes, empurrando-me para baixo. O cheiro do verniz atingiu as minhas narinas. O prazer estava me superando, oprimindo meu melhor sentido.

Isso era o que eu queria, não era? Eu queria ser fodida, mas não queria desejar. Eu queria seu pau, e queria isso duro, sem a responsabilidade de pedir explicações. Ele puxou meu cabelo novamente, puxando minha cabeça para o lado para que eu pudesse vê-lo.

— Eu quero ver você gozar. — Ele disse.

— Vai se foder. — Resendi sem fôlego.

— Coloque sua mão sobre sua boceta.

Me torci, resistindo à ordem, e ele usou o movimento para arrastar uma perna e tirar minha calcinha. Ele colocou a perna por cima do ombro, enquanto a outra ficava sobre a mesa. Meu outro sapato caiu com um trotar. Fiquei deitada de lado, enquanto ele ficou de pé, se movendo para equilibrar a perna que não estava por cima do ombro.

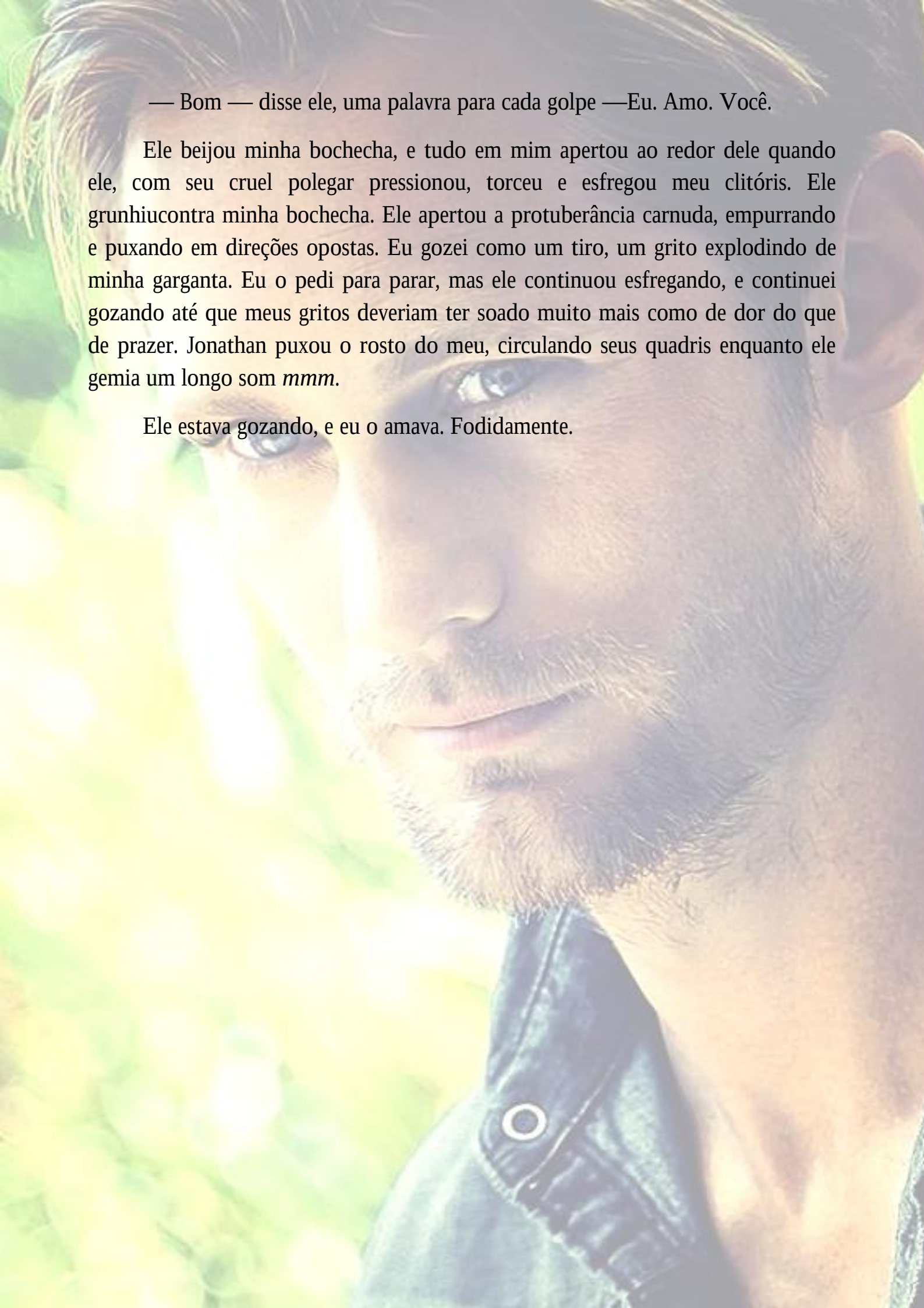
— Agora. — Ele colocou o dedo na boca e o molhou, sugando e fazendo um barulho *pop* quando puxou para fora. Ele o apertou contra o meu clitóris.

— Oh, Deus.

Ele me bateu duro. O porta-retrato ricocheteou no aparador e caiu no chão.

— Eu disse que quero ver você gozar. — Ele suspirou, colando minha boceta ao seu pau.

— Foda-se. Eu te odeio, filho da puta. — Eu virei para ele com minha mão livre, mas ele a pegou antes que eu o atingisse. Ele prendeu o meu tornozelo com os dedos fortes. — Eu te odeio. — Soou como uma súplica.



— Bom — disse ele, uma palavra para cada golpe — Eu. Amo. Você.

Ele beijou minha bochecha, e tudo em mim apertou ao redor dele quando ele, com seu cruel polegar pressionou, torceu e esfregou meu clitóris. Ele grunhiu contra minha bochecha. Ele apertou a protuberância carnuda, empurrando e puxando em direções opostas. Eu gozei como um tiro, um grito explodindo de minha garganta. Eu o pedi para parar, mas ele continuou esfregando, e continuei gozando até que meus gritos deveriam ter soado muito mais como de dor do que de prazer. Jonathan puxou o rosto do meu, circulando seus quadris enquanto ele gemia um longo som *mmm*.

Ele estava gozando, e eu o amava. Fodidamente.

Capítulo Dois

O s policiais tinham tomado o meu depoimento e se certificaram de que Lil me pegasse. Eles não me pediram nada além das informações mais básicas e me avisaram que eu tinha que ficar disponível para um interrogatório no dia seguinte. Eles vieram até a minha casa de manhã, perguntando gentilmente as questões mais dolorosas, quebrando meu coração com cada palavra.

Eu tinha limpado todos os cantos da minha casa, exceto o quarto de Gabby. Eu fiquei acordada a noite toda, com os olhos grudados na televisão e na internet. O que quer que esteja acontecendo com Jonathan, tinha sido, ou indigno de atenção da mídia ou mantido no escuro, por debaixo dos panos.

Eu tinha ligado para Geraldine Stark para agradecê-la por nos informar sobre Kevin. Ela deveria ter nos contado imediatamente, antes de Darren ter que ligar aleatoriamente, mas ela tratou a coisa toda como uma fofoqueira estridente. Me desculpei e desliguei. Liguei para Darren. Ele estava com Adam e não podia falar. Eu não contei a ele sobre Jonathan. Levaria uma eternidade para explicar que eu não sabia de nada.

Eu não poderia ter imaginado dias mais tortuosos entre vê-lo entrar na viatura e receber sua mensagem de texto.

-Onde você está? -

Eu agarrei meu telefone, deixando metade da tensão do meu corpo sair de dentro de mim e cair no chão da cozinha.

- Casa -

Eu estava congelada no lugar, olhando para as reticências na parte inferior da tela, que significava que ele estava escrevendo. As prateleiras da minha geladeira estavam pingando sabão, esquecido lá dentro.

-Você pode jogar? -

Inicialmente, meu maior medo era que eu fosse de alguma forma responsável pela acusação de violência doméstica. Que alguém tinha ouvido falar de nós, ou viu minhas contusões no show Eclipse. Ou que talvez Kevin tivesse falado algumas palavrassábias na fronteira. Porque com quem mais ele esteve? Quem mais que ele tinha machucado?

- Vai se foder -

-Esteja aqui às 11h23min, exatamente -

Mas, em seguida, a polícia havia me questionado suavemente. Nenhuma sala fria. Nenhum bom policial, nem mau policial. Duas oficiais do sexo feminino falaram em voz baixa e me disseram que iriam me proteger do homem que eu amava e do sexo que eu desejava. Elas me disseram que Jessica tinha chegado com uma ordem de proteção e com fotos provando que ele abusou dela durante o sexo. A reputação dela como alguém que não queria nada com o lado bizarro de Jonathan, indicava que havia sido uma vítima relutante de abuso e possivelmente estupro.

Eu passei pelo depoimento, usando o meu sorriso de serviço ao cliente, mas por dentro, eu fervia.

-Você perdeu a parte do vai se foder-

-Não, eu vi isso -

Às 11h22min, eu estava sentada no meu carro do lado de fora do portão, esperando o minuto virar no meu telefone. Eu não sabia por que exatamente se tratava essa hora. Eu me senti como se estivesse pegando uma fatia do controle e conexão em uma situação onde isso sentia que não tinha nenhuma.

Eu não acreditei que ele a estuprou, porque eu o conhecia. Eu não acreditei que ele a golpeou sem o consentimento pelo mesmo motivo. Eu estava furiosa porque durante o tempo em que estávamos separados, ele estava quebrado por mim, porque estava fodendo por aí, com quem mais? Jessica.

Por outro lado, por dois dias, eu tinha sentido falta dele. Eu me preocupei com ele. Eu não dormi o suficiente. Fui jantar com amigos, mas quase não comi. Eu chequei meu telefone várias vezes, até que Yvonne o agarrou fora da mesa e o guardou no bolso. Quando ele finalmente me mandou um sms, sentialívio e raiva, e com a visão da palavra *jogo*, senti necessidade de se apressandoentre as minhas pernas que só ele poderia liberar.

Depois que ele assumiu o controle total do meu corpo resistente, arrancando um orgasmo fora de mim, me pegou e me colocou de pé. Toquei a barra da minha saia, mas ela se moveu das minhas mãos.

— E agora, Jonathan? — Eu estava emocionalmente frustrada, sexualmente satisfeita, e fisicamente exausta.

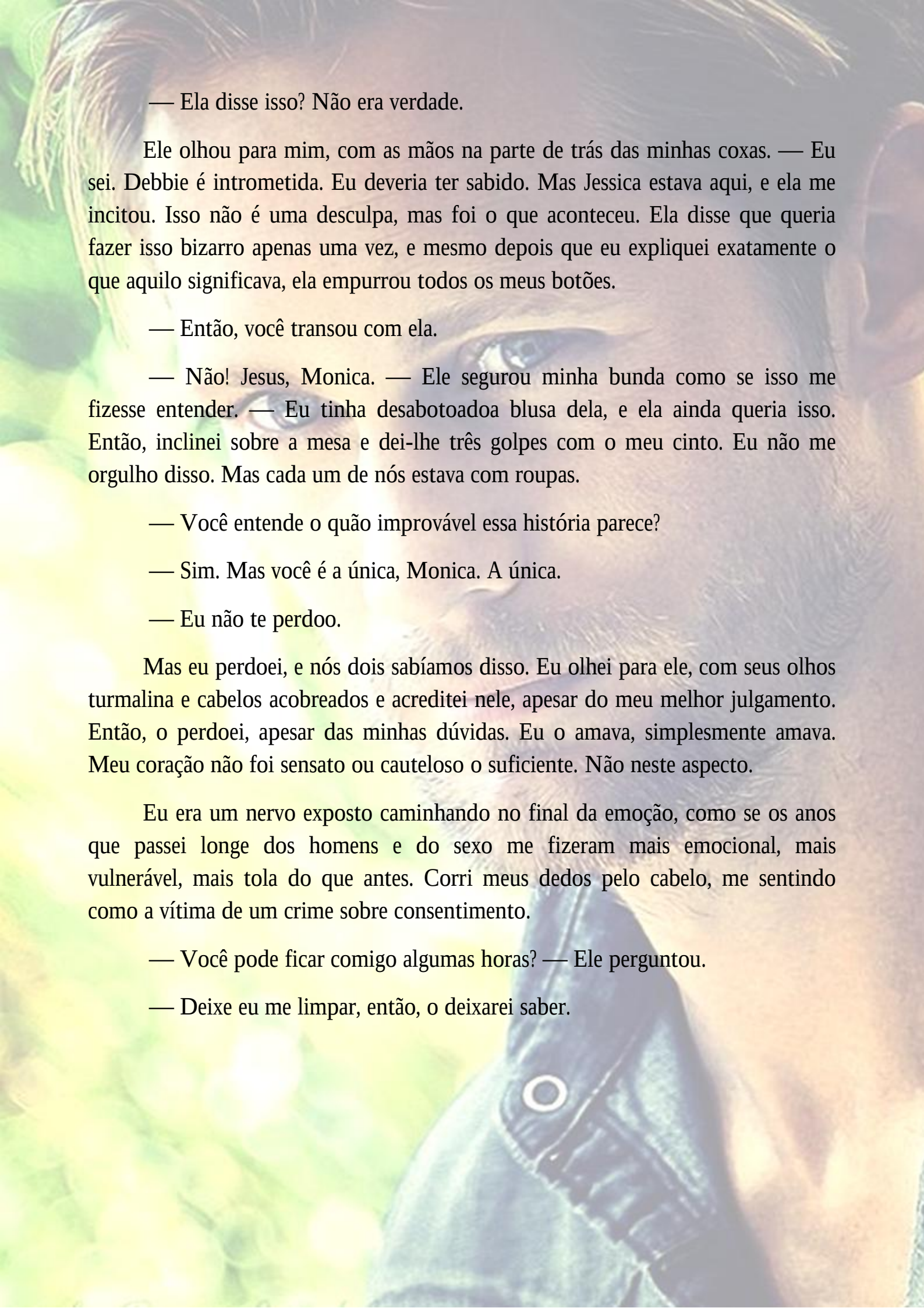
— Deixe que faço isso. — Disse ele, se ajoelhando diante de mim. Ele estendeu a perna vazia da minha calcinha, e eu dei um passo para entrar nela.

— Você me magoou. E você me traiu.

— Magoar você não foi minha culpa. Foi da Jessica. E o segundo não é verdade. — Ele deslizou minha calcinha de volta nas minhas pernas, correndo os dedos debaixo dela para levá-la ao lugar certo.

— Não importa que nós houvéssomos terminado. — Eu disse.

— Sim, importaria, se eu tivesse feito alguma coisa. — Ele puxou minha saia, acariciando minha bunda, minhas coxas, e meus joelhos como se fossem preciosos. — Ela veio aqui no dia em que te vi no Stock. Debbie disse que você tinha seguido em frente, e eu estava chateado.



— Ela disse isso? Não era verdade.

Ele olhou para mim, com as mãos na parte de trás das minhas coxas. — Eu sei. Debbie é intrometida. Eu deveria ter sabido. Mas Jessica estava aqui, e ela me incitou. Isso não é uma desculpa, mas foi o que aconteceu. Ela disse que queria fazer isso bizarro apenas uma vez, e mesmo depois que eu expliquei exatamente o que aquilo significava, ela empurrou todos os meus botões.

— Então, você transou com ela.

— Não! Jesus, Monica. — Ele segurou minha bunda como se isso me fizesse entender. — Eu tinha desabotoado a blusa dela, e ela ainda queria isso. Então, inclinei sobre a mesa e dei-lhe três golpes com o meu cinto. Eu não me orgulho disso. Mas cada um de nós estava com roupas.

— Você entende o quão improvável essa história parece?

— Sim. Mas você é a única, Monica. A única.

— Eu não te perdoo.

Mas eu perdoei, e nós dois sabíamos disso. Eu olhei para ele, com seus olhos turmalina e cabelos acobreados e acreditei nele, apesar do meu melhor julgamento. Então, o perdoei, apesar das minhas dúvidas. Eu o amava, simplesmente amava. Meu coração não foi sensato ou cauteloso o suficiente. Não neste aspecto.

Eu era um nervo exposto caminhando no final da emoção, como se os anos que passei longe dos homens e do sexo me fizeram mais emocional, mais vulnerável, mais tola do que antes. Corri meus dedos pelo cabelo, me sentindo como a vítima de um crime sobre consentimento.

— Você pode ficar comigo algumas horas? — Ele perguntou.

— Deixe eu me limpar, então, o deixarei saber.

Capítulo Três

Ele estava no pátio dos fundos, pés com meias sobre a mesa, telefone encostado ao ouvido. Eu o observei, pensando sobre o quanto tinha mudado desde a última vez que o vi naquela cadeira, conversando com Jessica por telefone. Eu o tinha deixado sem dizer adeus. Há quanto tempo foi isso? A pouco mais de dois meses? Sair novamente sem me despedir seria imperdoável.

Deslizei a porta, a mudança na pressão fez um estalido. Ele olhou para cima, e quando me viu, ele me acenou do lado de fora. Ele desligou na hora que cheguei até ele.

— Minha advogada-irmã. — Ele disse, estendendo a mão. Eu peguei, mas me sentei na cadeira, balançando minhas pernas por cima do braço.

— Isso soa estranho.

Ele riu. — Você não tem ideia. E não fique muito confortável, porque ela quer te conhecer.

— Quando?

— Agora.

— É sábado.

— Os advogados não atendem nos fins de semana. Ela não tem filhos ou marido, então ela trabalha.

Eu suspirei. Eu queria passar as próximas horas me acalmando com o seu corpo, tentando polir a sensação de ser manipulada e usada. Minha decepção deve ter sido evidente, pois Jonathan me puxou para cima, envolvendo os braços ao meu redor.

— Eu te devo. Eu sei. — Ele disse.

— Tudo bem.

Lil dirigia. Aparentemente, estávamos indo para Beverly Hills. O tráfego estava terrível, mesmo para um fim de semana. Jonathan e eu nos sentamos no banco de trás. Eu tinha uma perna em cima do banco para que eu pudesse ficar de frente para ele. Ele se inclinou na minha direção, apenas encarando-me.

— Você espera que sua irmã me interrogue? E qual delas é essa?

— Esta é Margie. Ela é a mais velha. Ela é muito simples. Eu acho que você vai gostar dela.

— E ela vai me falar tudo em linguagem jurídica, porque você não vai dizer uma palavra sobre ser pego no aeroporto e ser colocado em uma viatura policial, enquanto sorria como se aquilo fosse uma grande piada.

— Eu estava sorrindo para o seu benefício. — Ele pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos. — Eu não queria que você se preocupasse.

— Eu estava preocupada. Muito preocupada. Eu estava mal do estômago até que a polícia veio e me contou o que aconteceu.

— O que era mentira.

— Então, eu estava preocupada com você e louca ao mesmo tempo. Então, fracasei. E parei de me esquivar.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para fora da janela.

— Isso é ruim? — Eu perguntei.

— Nós não sabemos. Temos o silêncio total da minha exesposa. — Ele se sentou e me encarou. — A Promotoria vai querer falar com você.

— Eu vou dizer a eles a mesma coisa que eu disse a polícia.

— Eu não quero que você pense que mentir vai me proteger.

Nós apenas nos encaramos por alguns segundos, talvez mais. Eu me sentia como se o tempo todo não fosse tempo suficiente antes de eu ter que machucá-lo. Ele colocou seus dedos na minha bochecha, roçando o polegar no meu lábio inferior. Suas mãos eram mágicas, acendendo uma fogueira, tocando um fusível que corria para o núcleo entre as minhas pernas, passando pelo meu coração.

— Eu sei que você tem mentiras em você. — Eu disse.

— Minhas mentiras são todas brancas.

— Flocos brancos.

— As mais brilhantes, as mais livres de culpa da parte branca.

— E são tão tóxicos que é ilegal.

Um sorriso curvou num lado da boca. — Eu não estou mentindo sobre Jessica ou sobre qualquer coisa que importa.

— Quem decide o que é importante?

Sua mão deslizou pela minha garganta e pelo meu seio, descansando em meu esterno. — Você é importante. Somos importantes. Eu não toquei em outra mulher desde que tive você no Loft Club. Monica, é só você. Estar com você é tudo que posso pensar. É tudo que eu quero. Estamos ligados. Eu não posso ser infiel a você mais do que o céu pode ser infiel ao mar.

— Belas palavras.

— Seus mamilos estão duros. — Ele roçou as costas dos dedos. — Seu corpo não nega o que sua mente luta.

— Se eu decidir acreditar em você, compreender, eu sei que há coisas que você mentiu.

— Como assim? — Ele puxou e apertou meu mamilo, fazendo atrito com o tecido, o deixando deslizar. Meus lábios se separaram.

— Eu não acredito que Kevin foi pego simplesmente. —Eu disse.

Ele beliscou meu mamilo duro, dando uma pequena torção. Minhas costas arquearam.

— Quem se importa? — Ele sussurrou.

— Eu me importo. Sobre a verdade.

Ele colocou a mão debaixo da minha saia. Eu estava um pouco dolorida da foda de ódio em sua sala de estar, mas meus lábios molhados vibraram sob seu toque.

— Abra suas pernas.

Eu abri, e ele puxou o meu vestido para cima, até que cobrissem meus seios. Ele colocou meus calcanhares no banco até que a minha calcinha era a única coisa entre seus olhos e eu.

— A verdade, Monica. —Ele disse, colocando o polegar levemente no meu clitóris, com meus sucos deslizando sobre a pele. — A verdade é que eu te amo. O resto é complicação desnecessária.

— Eu discordo. — Mas eu estava perdida. Não importava se eu concordava ou não. Eu queria alguma parte de seu corpo para esfregar contra mim. Ele friccionou meu clitóris inchado, e minha respiração engatou com a dor e o prazer.

— Você não discorda. — Ele tirou uma pequena caixa do bolso, a abriu e tirou o meu piercing de diamante do umbigo de sua cama de veludo. Ele beijou entre as minhas pernas, na minha calcinha, respirando sobre meu clitóris para torná-lo quente e receptivo. Seus lábios viajaram para meu umbigo nu, que ele beijou suavemente. — Você me pertence. Isso significa que eu cuido de você. Do seu corpo e do seu coração. — Ele deslizou meu piercing no umbigo. — Isso significa que estou comprometido com a sua felicidade. E isso significa que não há outra mulher. — Ele deslizou o fecho de diamante menor em cima, selando a pedra preciosa em mim. — Eu não compartilho. E você não pode também. Você tem que confiar em mim.

— Eu não posso.

— É uma escolha. Faça isso. — Ele caiu de joelhos diante de mim e enfiou os dedos sob minha calcinha. Eu levantei minha bunda, e ele a puxou. Sua língua correu do meu joelho até a minha coxa. Quando sua língua encontrou minhas dobras, eu pensei que estouraria.

— Ah... — Eu coloquei meus dedos em seu cabelo.

Ele olhou para cima e disse: — Mãosdebaixo da sua bunda.

Sentei em cima delas.

— Mantenha estas pernas abertas.

Os comandos me excitaram, enviando outra onda de prazer através de mim. No momento em que sua língua encontrou meu clitóris, eu não era nada verbal. Ele lambeu tão suavemente, sacudindo-o, em seguida, circulando meu buraco, se certificando de que cada centímetro meu estava em alerta máximo. Uma pequena chupada, um movimento com os dedos. Doce e deliciosa tortura. Ele deslizou os dedos me agitando, então chupou meu clitóris novamente.

— Posso gozar, senhor? — Eu pergunteissem fôlego.

— Talvez. — Ele sussurrou. — Mantenha as pernas abertas para mim. — Ele passou a língua sobre o meu clitóris novamente.

— Oh, Deus.

Ele deslizou o polegar na minha boceta, e quando o tirou, ele traçou a linha de cima e para baixo de mim. Um tapa de leve me fez morder de volta um grito.

— Deixe-me gozar, senhor.

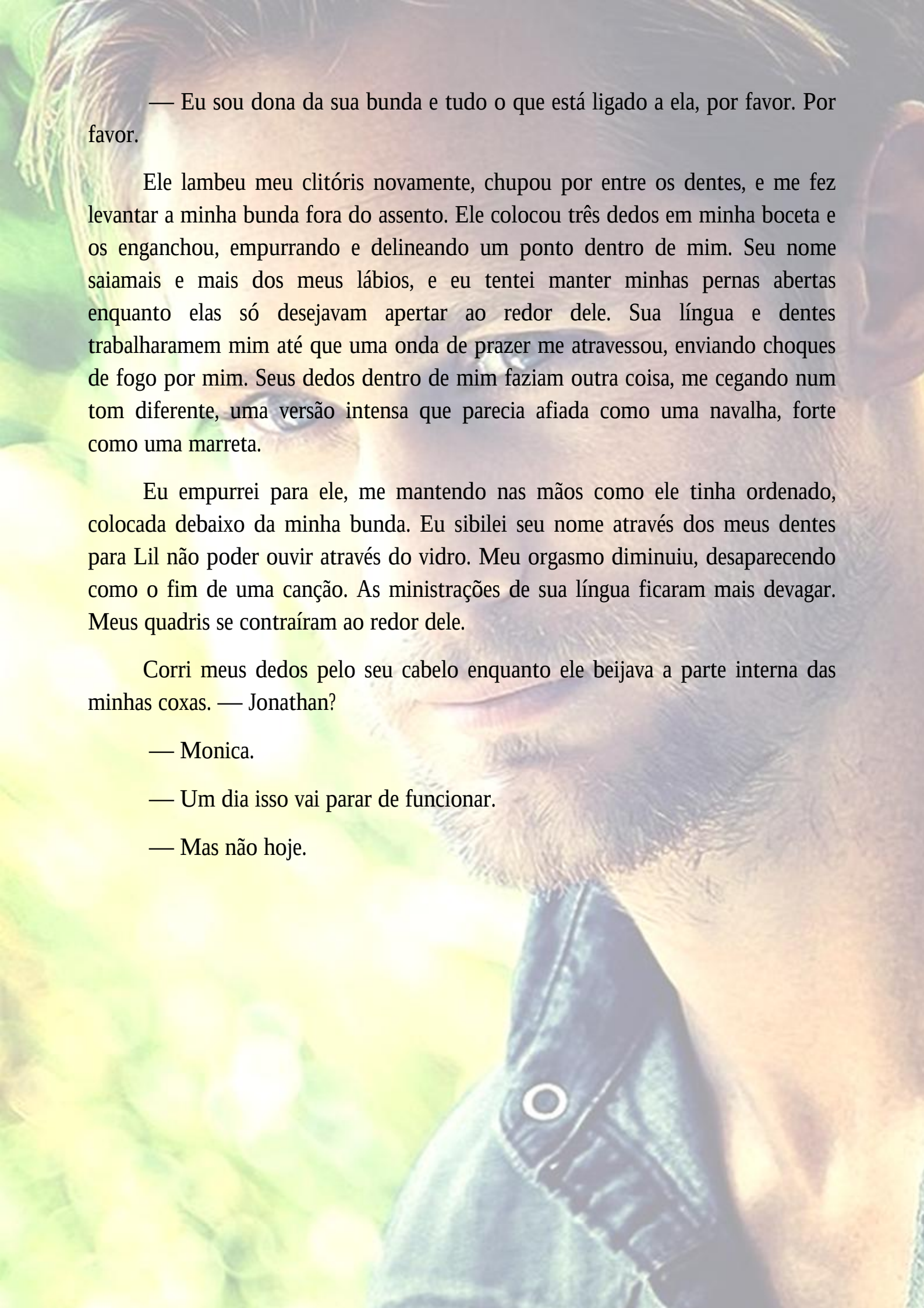
— Diga por favor.

— Por favor, eu imploro. Por favor.

— Você é minha? — Ele perguntou.

— Eu sou sua. Você me possui. Minha boceta é sua. Por favor, me deixe gozar.

— Eu sou seu?



— Eu sou dona da sua bunda e tudo o que está ligado a ela, por favor. Por favor.

Ele lambeu meu clitóris novamente, chupou por entre os dentes, e me fez levantar a minha bunda fora do assento. Ele colocou três dedos em minha boceta e os enganchou, empurrando e delineando um ponto dentro de mim. Seu nome saíamais e mais dos meus lábios, e eu tentei manter minhas pernas abertas enquanto elas só desejavam apertar ao redor dele. Sua língua e dentes trabalharamem mim até que uma onda de prazer me atravessou, enviando choques de fogo por mim. Seus dedos dentro de mim faziam outra coisa, me cegando num tom diferente, uma versão intensa que parecia afiada como uma navalha, forte como uma marreta.

Eu empurrei para ele, me mantendo nas mãos como ele tinha ordenado, colocada debaixo da minha bunda. Eu sibilei seu nome através dos meus dentes para Lil não poder ouvir através do vidro. Meu orgasmo diminuiu, desaparecendo como o fim de uma canção. As ministrações de sua língua ficaram mais devagar. Meus quadris se contraíram ao redor dele.

Corri meus dedos pelo seu cabelo enquanto ele beijava a parte interna das minhas coxas. — Jonathan?

— Monica.

— Um dia isso vai parar de funcionar.

— Mas não hoje.

Capítulo Quatro

Nós entramos no elevador com um homem em um terno cinza, colocando as costas para a parede e observando os andares iluminarem acima de nós. A mão do Jonathan segurava a minha e a apertou.

Ele estava segurando a minha mão em um elevador. Como uma pessoa normal. Eu olhei para ele, e ele se virou para mim.

— O quê? — Ele perguntou.

— Nada.

O terno cinza saiu, e as portas se fecharam.

— Margie litigiou o meu divórcio. — Jonathan disse, ainda enfrentando as portas.

— Bom.

— Nós tivemos que falar sobre um monte de diferenças irreconciliáveis sobre sexo. Como foi tudo e etc. Havia ordens de mordança que foram canceladas. Sem trocadilhos.

— Ok.

— Minha irmã pode olhar para você daquela forma que você estava com medo antes. Ela ainda está curiosa sobre essa coisa toda.

— Isso é estranho.

— Você não tem ideia.

Meu rosto doía por segurar um sorriso nervoso.

— Se ela está curiosa, você deveria enviar Debbie para ela com um chicote.

Ele olhou para mim, e eu sabia que ele estava tentando segurar um riso nervoso tanto quanto eu. O elevador apitou, e as portas se abriram.

— Madame Silk a receberá rastejando no chão em um segundo.

— Eu sabia! — Exclamei.

Ele colocou o braço em volta de mim, e entramos no corredor. Ele abriu as portas de vidro para mim. Duas recepcionistas estavam atrás de um balcão totalmente branco coberto com flores vermelhas. A mais velha parecia conhecê-lo e pegou o telefone quando o viu. Ele ainda estava com o braço em volta de mim.

— Será que Madame Silk já pegou você de chicote? — Eu sussurrei.

— Nós discutimos e decidimos contra.

— Como atencioso e sensato é você.

Ele me puxou para ele. — Foi muito, muito mais complexo do que isso.

— Senhor Drazen? — A recepcionista chamou. — Venha por aqui. — Nós a seguimos passando pela mesa dela até o escritório. Ele segurou minha mão durante todo o caminho.

Margie era quase tão alta quanto eu, e ela apertou minha mão como um homem. Ela não me avaliou e nem me deu a impressão de que tinha um pinga de curiosidade sobre o que eu fazia na cama com seu irmão. Ou Jonathan estava errado e ela não dava a mínima, ou ela estava tão no controle quanto ele. Sua saia lápis e jaqueta faziam conjunto, eram sob medida para existir sem ser notadas, como nada além de uma parte de um todo criado por Deus. Eu sabia a idade dela, e ela usava isso bem. Ela tinha a agilidade de uma criança, mas seu comportamento era tão gracioso e com autoconhecimento, que ela era mais adulta do que pensei ou senti que fosse.

Sentamos em frente a sua mesa como alunos rebeldes, enfrentando as enormes janelas que davam para a cidade. Nós compartilhamos conversa fiada, algumas linhas sobre sua família que eu não entendia, uma ou duas palavras sobre o tráfego na 405, e algumas perguntas inocentes sobre como servir mesa e música.

Então Margaret Drazen colocou os cotovelos sobre a mesa e indicou seu irmão ao falar comigo.

— Então o que ele disse a você?

— Ele mentiu. Como de costume. — Eu olhei para Jonathan. Ele se debruçou no braço da cadeira e esfregou o lábio superior como se estivesse tentando esconder sua boca. Eu sabia que ele estava reprimindo um sorriso.

— Que mentira foi dessa vez? — Margie me perguntou.

— Aquela em que os dois tinham suas roupas e não houve nenhum toque.

— Este mesmo acontecimento dramático em que ele bateu na ex-mulher com um cinto?

— Esse mesmo.

Margie se inclinou para trás. Ela parecia como se fosse cair para fora pela janela e se derramar sobre Los Angeles. — Isto é tão fodidamente fascinante. Veja, ele me conta essa história, e estou pensando em agressão e espancamento. Você ouviu exatamente a mesma história, e eu penso em infidelidade.

Jonathan interrompeu: — Você está saindo dos trilhos, Margie.

— Mas, Jonny...

— Nós conversamos sobre isso. — Disse ele, sua postura ainda relaxada.

— É muito simples. — Eu disse, minha voz cortante e brusca. — O cinto é para segurar as calças, me amarrar e me machucar. O seu corpo e qualquer parte dele, é para me dar prazer e dor. Se ele dá a qualquer outra mulher uma coisa ou outra com seu corpo ou qualquer acessório de vestuário, isso é traição. — Me virei para ele. — O fato é que estávamos oficialmente separados, apesar disso.

— Você disse que ela não gostaria de falar sobre isso. — Margie disse a Jonathan.

— Aparentemente eu estava mal informado.

— Vocês dois precisam conversar mais.

— Desculpe se você está por fora do assunto.

Margie levantou a mão. — Ok, isso foi divertido, vamos seguir em frente. — Ela se virou para mim. — Primeiro. Deixe-me dizer-lhe sobre o grande estado da Califórnia. Nós somos um estado de prisão preferencial. Qualquer acusação de violência doméstica, com algum mérito, justifica uma prisão.

— Defina esse mérito. — Eu disse.

— Você é afiada. Mérito significa que ela tinha uma gravação do incidente em seu telefone e fotos consistente de uma bunda avermelhada que ela alega ter conseguido ao ser atingida por um cinto. Uma vez que ela forneceu tudo isso para a polícia, a promotoria decide como proceder. Mas, com a apresentação multimídia disponibilizada por ela e os anos de rumores, se ele não prendesse Jonathan pela bateria de crimes dolosos, ele perderia o emprego. Mesmo que ela retire as acusações ou renegue, a acusação ainda tem que continuar.

— Bateria de crimes dolosos? — Eu disse suavemente.

— Eles são obrigados a prender quando é crime doloso. — disse Margie. — A promotoria pode assumir isso como contravenção, mas se a Rainha do Gelo permanecer incisiva, a redução será improvável.

Eu não conseguia olhar para Jonathan. Parecia tão terrível, e ainda, o que ele tinha feito com ela não era uma fração do que ele tinha feito comigo. — Eu não entendo como isso vai fazer com que ela consiga seu marido de volta.

— Ex-marido. — Jonathan resmungou.

— Concordo. — disse Margie. — Especialmente com o mandato obrigatório de proteção.

— Isso é muito simples. — Jonathan virou todo o seu corpo para me enfrentar. — Minha ex-mulher não me quer de volta. Na época, eu não sabia o que ela queria, e estava tentando tirar isso dela. Você não tem que gostar do jeito que eu fiz, e se você quiser me pedir desculpas mais uma vez, aceito.

— Você pode esquecer seu pedido de desculpas.

— Eu vou ter a certeza de fazer isso. Você e eu ficamos separados, mas eu sabia que você voltaria. — Seu rosto brilhou com a arrogante confiança e depois mudou para algo mais sincero. — Mas o que eu queria dizer era que, no momento, eu não sabia o que ela queria. Margie e eu percebemos isso na noite passada.

— Ela quer você, Jonathan. — Eu disse.

— Não. Ela quer dinheiro. Ela teve problemas para manter seu estilo de vida e sua arte ao mesmo tempo. Criei um fundo para ela sacar sempre que quisesse. São alguns milhões por ano e não notei isso, mas esse fundo é o que ela usa para financiar seu trabalho. Nós estávamos prontos para renovar os termos, mas depois de dez anos, eu a cortei.

Margie interrompeu: — É um fundo revogável. Ele pode fazer o que quiser, a menos que ele seja declarado incompetente. Em seguida, isso se torna automaticamente um fundo irrevogável. Os termos serão restabelecidos. É um paliativo contra hospitalizações, vícios de drogas, esse tipo de coisa.

Jonathan interrompeu: — Ela está usando a minha excentricidade para chamar a minha sanidade mental para a questão. Ela me empurrou para bater nela e gravou para mostrar quão fora de controle estou.

Eles fizeram uma pausa nas suas revelações, e eu olhava de um para o outro. Margie se inclinou para frente, com os cotovelos sobre a mesa, Jonathan cruzou o tornozelo sobre o joelho, se inclinando sobre o braço da cadeira para mim.

— As câmeras? — Eu disse. — Ela estava tentando conseguir alguma coisa para mostrar que você estava louco? Como isso seria admissível?

— São todos acordos de bastidores. — Disse Margie. — Nós achamos que ela poderia ter contado com você sentindo um pouco de vergonha para confirmar,

assim como o desejo do meu irmão de proteger você. Merda pervertida em vídeo poderia ser servido a uma centena de propósitos.

— Foda-se ela.

— Esse é o espírito.

Ele pegou minha mão. — Ela veio até mim só porque as câmeras foram um fracasso.

Eu apertei sua mão. — Eu a conheci. Eu vou te dizer uma coisa. Ela largaria tudo para ter você de volta.

— Eu estou comprometido.

— Independentemente. Ela sempre consegue te levar a fazer as coisas, não é?

Silêncio construiu entre nós, quando nossas mãos procuraram os rostos um do outro. Eu o examinava para compreender que aquilo que ele fez foi errado, e eu achei que ele procurava meu perdão.

Margie pigarreou.

Eu e ele não nos mexemos.

— Monica. — Ela disse. — Eu quero dizer por que você está aqui.

— Para verificar se ele está dizendo a verdade? — Eu disse, sem mover os olhos dele.

— Não. Eu preciso te dizer o que te espera.

Mudei meu olhar dele para Margie e me recostei na cadeira. Ele não soltou a minha mão. Ela tomou isso como sua sugestão para continuar.

— Ela provavelmente vai entrar em contato com você para te perguntar e verificar se ele bate em você. Só sei que tudo o que disser a ela, será distorcido. Ela tem que provar que o que ele faz está prejudicando sua capacidade mental. Exceto se, realmente ela esteja atrás do dinheiro dele, ela vai ameaçar ir a público e chantageá-lo.

Jonathan apertou minha mão, e eu me virei para ele. — Se eu passar 30 dias exatos na cadeia, vamos voltar aos velhos termos do fundo e ela poderá drená-lo.

— A Audiência é na próxima semana. — Margie disse.

Me senti como se eu estivesse sendo jogada, como se os dois tivessem trabalhado fora de uma rotina e entregue o resultado. Eu não poderia dizer se eu estava sendo enganada ou apenas manipulada, mas não acreditei que Jonathan dava a mínima sobre alguns milhões ao ano. Outra coisa que estava em jogo que eles não estavam falando, e eu precisava agitar as coisas.

— Eu acho que eu deveria ir vê-la. — Eu disse.

O ar saiu da sala.

— Não. — Jonathan disse.

— Desculpe-me? — Margie parecia ansiosa por uma explicação.

— Absolutamente não. — O tom do Jonathan foi definitivo e dominante.

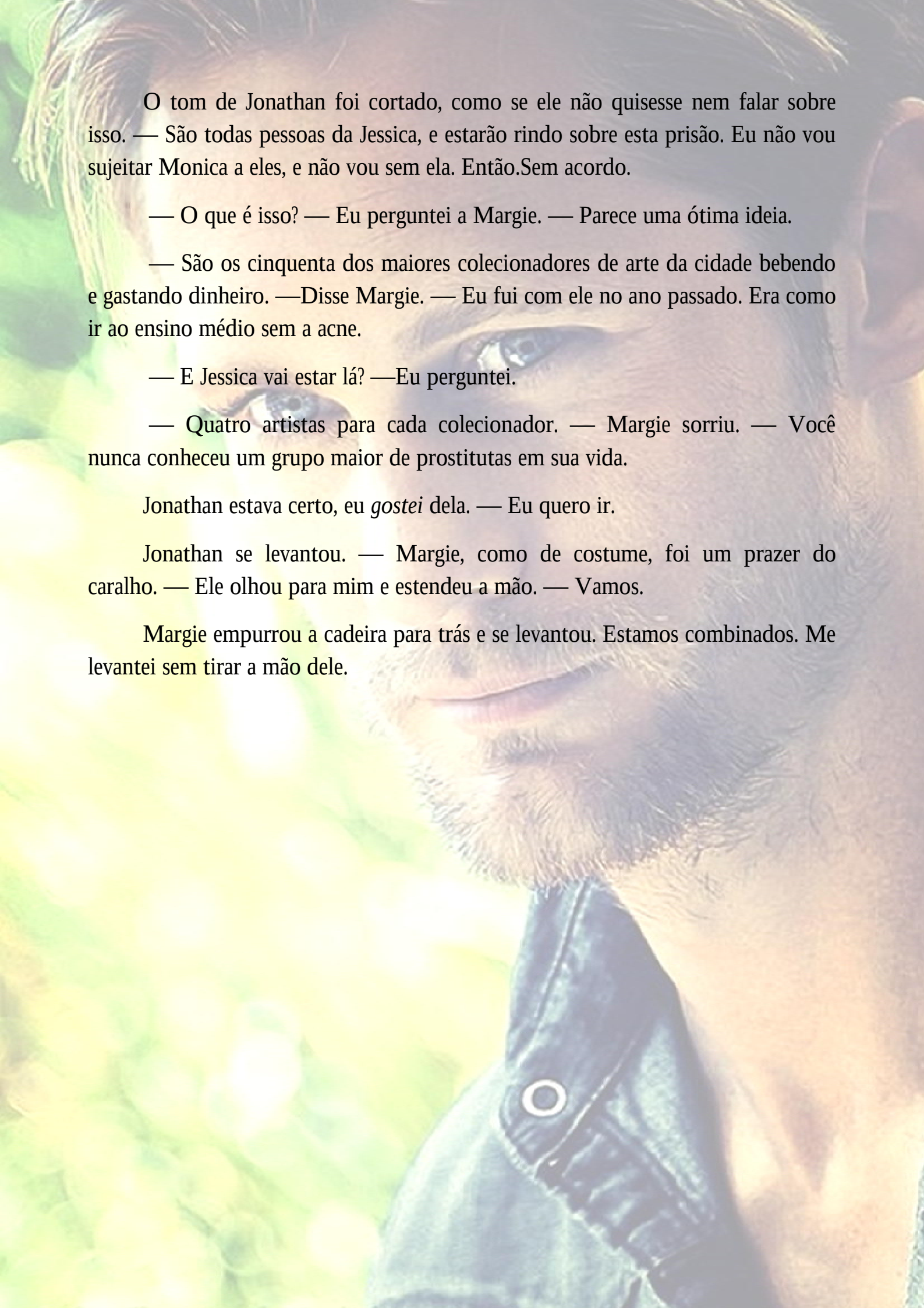
— Eu não estava pedindo permissão. — Eu respondi sem a minha voz submissa.

— Vamos ouvi-la. — Disse Margie. — Ela pode ter alguma coisa.

— A única maneira de você obter informações sobre o que ela pretende é se eu for vê-la. Se ela fizer uma proposta, posso levá-la a isso e considerar que ela pode conseguir algo sujo de você. Vou dizer a ela que estou chateada com você porque você bateu nela. Vamos tomar um chá e conversar sobre o quão idiota você é. Eu volto aqui e relato tudo.

— Não.

— Você vai para aquela coisa de Conselho de Colecionadores? — Margie perguntou a Jonathan antes de se virar para mim. — Ela vai estar lá. Pode ser uma conversa casual.



O tom de Jonathan foi cortado, como se ele não quisesse nem falar sobre isso. — São todas pessoas da Jessica, e estarão rindo sobre esta prisão. Eu não vou sujeitar Monica a eles, e não vou sem ela. Então. Sem acordo.

— O que é isso? — Eu perguntei a Margie. — Parece uma ótima ideia.

— São os cinquenta dos maiores colecionadores de arte da cidade bebendo e gastando dinheiro. — Disse Margie. — Eu fui com ele no ano passado. Era como ir ao ensino médio sem a acne.

— E Jessica vai estar lá? — Eu perguntei.

— Quatro artistas para cada colecionador. — Margie sorriu. — Você nunca conheceu um grupo maior de prostitutas em sua vida.

Jonathan estava certo, eu *gostei* dela. — Eu quero ir.

Jonathan se levantou. — Margie, como de costume, foi um prazer do caralho. — Ele olhou para mim e estendeu a mão. — Vamos.

Margie empurrou a cadeira para trás e se levantou. Estamos combinados. Me levantei sem tirar a mão dele.

Capítulo Cinco

Monica

Eu não falei até que as portas do elevador

se fecharam. — Você sabe que estou certa.

Ele estava em mim em um segundo, sua língua forçando minha boca para abrir, com as mãos no meu rosto, seu pau duro contra o meu quadril. Eu tinha muito a dizer, mas nada parecia importante. Eu estava indefesa. Um círculo de fogo construiu entre as minhas pernas ao seu toque, presságios de prazer me empurrando para frente. Ele enganchou minha perna para cima e fez um lento roçar contra mim.

— Jonathan. Eu deveria fazer isso. É sério. — Minhas palavras vieram em suspiros.

— Não.

— Eu posso te ajudar.

Ele bateu o botão vermelho no painel de controle, e o elevador parou. Um sino tocou em um barulho constante, mas ele não se afastou. Ele puxou minha saia para cima e enganchou o dedo na minha virilha e na minha calcinha, deslizando o dedo ao longo de minhas dobras molhadas.

A voz veio pelo interfone. — Qual é a sua emergência? — Parecia automatizado, como se realmente não houvesse alguém do outro lado.

Ele se virou para o painel e disse algo em uma língua que eu não entendia, então, colocou seus lábios nos meus, como se fosse nosso último beijo.

— Você pode repetir isso? — Perguntou a voz robótica.

Ele repetiu isso e desabotoou as calças, puxando o seu lindo pau.

— Eu vou ter alguém aí em dez minutos.

— As câmeras.

— É sábado. Ninguém está na mesa. E todo o sistema provavelmente está desligado.

Ele caiu em cima de mim, me empurrando contra a parede, uma mão puxando a borda de minha calcinha para longe com as pontas dos dedos cravando em minha bunda. Eu coloquei a minha perna em seus quadris. Ele guiou seu pau em mim empurrando com força, chocando a respiração fora de mim. Trazendo minha outra perna ao redor dele, ele empurrou novamente. E mais uma vez.

— Oh, foda. — Eu disse.

— Foda é certo. — Ele torceu meu mamilo através da minha blusa. A dor requintada era uma linha direta entre as minhas pernas, me fazendo espalhá-las mais abertas. Ele enterrou seu rosto no meu pescoço. — Você não vai vê-la, deusa.

— Jesus. Eu não consigo pensar.

— Não pense. — Ele empurrou sua barriga no meu clitóris, e milhares de fogos de artifício explodiram entre as minhas coxas. — Basta fazer o que eu peço. — Ele girou seus quadris, me esfregando por trás, em seguida, pela frente. Ele me olhou nos olhos, e eu deixei a sua mão se aproximar de meu rosto. Ele deslizou um dedo na minha boca. Eu tentei chupá-lo, mas não conseguia manter meus lábios fechados, eu estava ofegando duramente. Ele o puxou para fora, arrastando saliva pela minha bochecha.

— Eu vou gozar. — Eu disse.

— Você vai gozar, o quê?

— Senhor.

Ele não poupou. Ele dava estocadas, me levando para frente até que gritei com os dentes cerrados, apertando as minhas pernas em volta dele, rezando para um Deus que eu nem sequer acreditava, e orando para que Jonathan estivesse gozando bem atrás de mim, e ele grunhiu no local onde meu ouvido encontravacom meu pescoço. Seus impulsos propositais desaceleraram em empurrões, deixando nada além da respiração quente em mim. Nossos peitos subiam e desciam ao mesmo tempo, e nossas bocas se encontraram em um suave beijo satisfeito.

O alarme de repente parecia mais alto e mais irritante, e o elevador frio e duro. Apenas o rosto de Jonathan, pegava toda a minha visão, estava suave e convidativo. Ele retirou-se de mim e abaixou delicadamente minhas pernas. Quando endireitei a minha saia, ele apertou o botão do alarme. Silêncio satisfeito nos seguiu, e o elevador começou a descer.

Eu tinha cerca de trinta segundos para dizer o que eu queria dizer, e não estava ansiosa para fazê-lo. — Eu vou. Ela queria me dizer alguma coisa durante oultimo mês, e é hora de ouvi o que era.

Ele apertou os lábios. — Não.

— Você tem que confiar em mim. Me comprometi com você. Isso significa alguma coisa.

— Eu entendo. Você não precisa provar isso para mim.

— Eu não estou tentando provar nada para você. Eu não preciso. Eu me dediquei a você. Eu dei o meu corpo para você. Isso não significa que estou de repente mais obediente.

Capítulo Seis

Jonathan

Coloquei Monica no Bentley para Lil

poder levá-la para o trabalho. Eu me recusei a ouvir mais uma palavra sobre ela ver Jessica, mas eu deveria ter agido mais descontraído. Essa rigidez só iria fazê-la querer, cada vez mais, ver a minha ex-mulher. No entanto, eu não conseguia nem fingir que eualaria sobre isso mais tarde. Eu tive que deixar Monica pensar que era sobre o dinheiro, mas a verdade é que Jessica sabia demais. “Só dando dinheiro a ela” poderia parecer mais barato em curto prazo, mas, em longo prazo, isso não fazia nada para me proteger. Eu tinha que encontrar uma maneira melhor de gerenciar o problema, e eu precisava ganhar tempo a respeito disso.

Meu almoço com Eddie Milpas era a três quarteirões de distância. Liguei para minha irmã e caminhei.

— E aí? —Eu disse.

— Ela não é seu tipo. —Disse Margie. — Ela tem o cabelo escuro e um cérebro.

— Obrigado. Eu não preciso de sua aprovação.

— Nem ela. Por isso que eu gostei. Eu sempre esperei que a sua próxima estivesse sobre mãos e joelhos, lambendo como um capacho. Isso não é o que você tem. Você tem alguém maior do que o seu controle. Então, boa sorte com isso.

— Se eles a colocarem no tribunal, eu ficarei preocupado.

— Você não deveria ficar. Ela me olhou bem nos olhos quando fez sua reivindicação sobre o conteúdo do seu armário. Se a verdade é algo que você precisa esconder, ela vai falar. Mas eu não contaria com ela para mentir. —Disse Margie.

— Monica? Não. Eu nunca pediria isso a ela. Ela é... — Eu parei, querendo usar palavras como transparente e pura. Elas pareciam ridículas. — Ela é honrada.

— Deus te ajude, então.

— Eu não quero que ela fale com Jessica.

— O que você quer que eu faça sobre isso? — Margie perguntou como se estivesse aborrecida, mas eu poderia dizer que ela sabia que eu pediria.

— Eu quero a equipe do Will Santon, atrás dela.

— Você quer segui-la. Depois que ela acabou com os equipamentos de vigilância na casa dela. Você é um exemplo de sensibilidade. Realmente.

Eu parei do lado de fora do restaurante Karen M. Eu vi Eddie em uma janela. Nada insignificante. Um ano atrás, eles o teriam colocado sentado perto do banheiro. — *Você quer que ela fale com Jessica?* Porque essa mulher vai mentir. Ela vai transformar uma surra sem sexo em uma foda rancorosa, e então serei eu a lamber o chão como um capacho.

Margie suspirou. — Eu tenho que te dizer, irmãozinho, nas raras ocasiões em que você sente alguma coisa, você vai fundo.

— E com relação a isso, aprecio a sua indulgência.

— Leve Santon. Mas em uma nota pessoal...

— Sim?

— Não seja pego. Caso você não tenha notado, você já está em gelo fino.

Nós desligamos. Sheila era a minha irmã favorita, mas Margie sempre foi a voz da sanidade quando as coisas ficavam caóticas.

Me sentei em frente ao Eddie. A janela dava para uma linha de bambu altoque significava o bloquear da visão do tráfego da Wilshire Boulevard. Eddie olhou para o cardápio, depois para mim, depois de volta para o cardápio, como se ele não soubesse exatamente o que era aquilo.

— Bonita gravata. — Eu disse enquanto abria uma lata.

— Obrigado. — Seu tom era cortado e tranquilo. Eu conhecia o cara. Ele era um caso que filtrava uma diarreia verbal, a menos que ele estivesse chateado.

— Ouvi dizer que eles mudaram o local do cultivo de tomates. — Eu disse. — Para evitar a caprese.

— Eu ouvi a mesma coisa.

— Há uma mancha em seu punho. — Eu disse. Ele olhou para mim, depois para longe. — Estamos namorando, Ed? Acabei de comer a sua melhor amiga ou comprei presente de aniversário errado ou algo assim?

Eddie, se reconectou a conversa, inclinou-se sobre a janela, abrindo o braço por cima da mesa para que ele pudesse mexer com uma caixa de fósforos. — Meu patrão chegou de volta de uma viagem na sexta-feira. Alguma coisa de última hora para ele ver uma propriedade ao norte, e ele viu a garota que eu estava promovendo. Mas de acordo com ele, venho fazendo isso errado. Toda a minha estratégia de marketing? Errada. Então, *elea* está gerenciando. *Elea* está contratando. Pessoalmente. Harry Enrich não tem contratado pessoalmente, um talento há quinze anos.

— Ela vai ficar feliz em ouvir isso.

— Ela não deveria ficar. Não são poucas as competições ardentes no CD. Ele não foi pego caindo aos pedaços no meu My Space. Ela vai ficar em sua curva de aprendizado, enquanto ainda não sabe que ela tem um. Esse espartilho de couro vai começar a parecer verdadeiramente confortável.

O garçom veio. Nós pedimos rapidamente. Isso, aparentemente, o estava incomodando, e eu precisava esclarecer isso. Ele foi queimado. A captação de talento era o seu trabalho, e uma voz singular foi puxada debaixo dele. Em uma cidade repleta de músicos promissores, vozes como a da Monica eram impossíveis

de encontrar. Como agulhas em palheiros. Encontrar outra voz que ele pudesse usar poderia levar um ano ou uma vida inteira.

— Ed, ouça. Eu não quero nenhum ressentimento. Mas isso não estava acontecendo à sua maneira. Eu poderia ter começado isso com Randy do Vintage Records, lá é tão fácil.

— Randy Rothstein? Por favor.

— Mas eu mantive o Carnival em respeito a você.

Ele riu. Admito que sorri também. A noção era ridícula. Ele foi até ao inferno e tinha o direito de estar com raiva. Eu tinha o direito de não me importar.

— Você foi a minha cabeça menos de uma semana depois que você me golpeou na cabeça. — Ele disse. — Eu tive uma dor de cabeça por um dia e meio.

— Pedi desculpas.

Eddie empurrou a bebida de lado como se fosse um obstáculo real. — Ouça, idiota. Se você tinha um problema comigo assinando com a sua namorada, deveria ter me dito.

— Então você diria o quê? Mandaria eu me foder? Ela não ia assinar com você de qualquer maneira. Nem com todos vestidos de couro e correntes.

— Você não sabe disso.

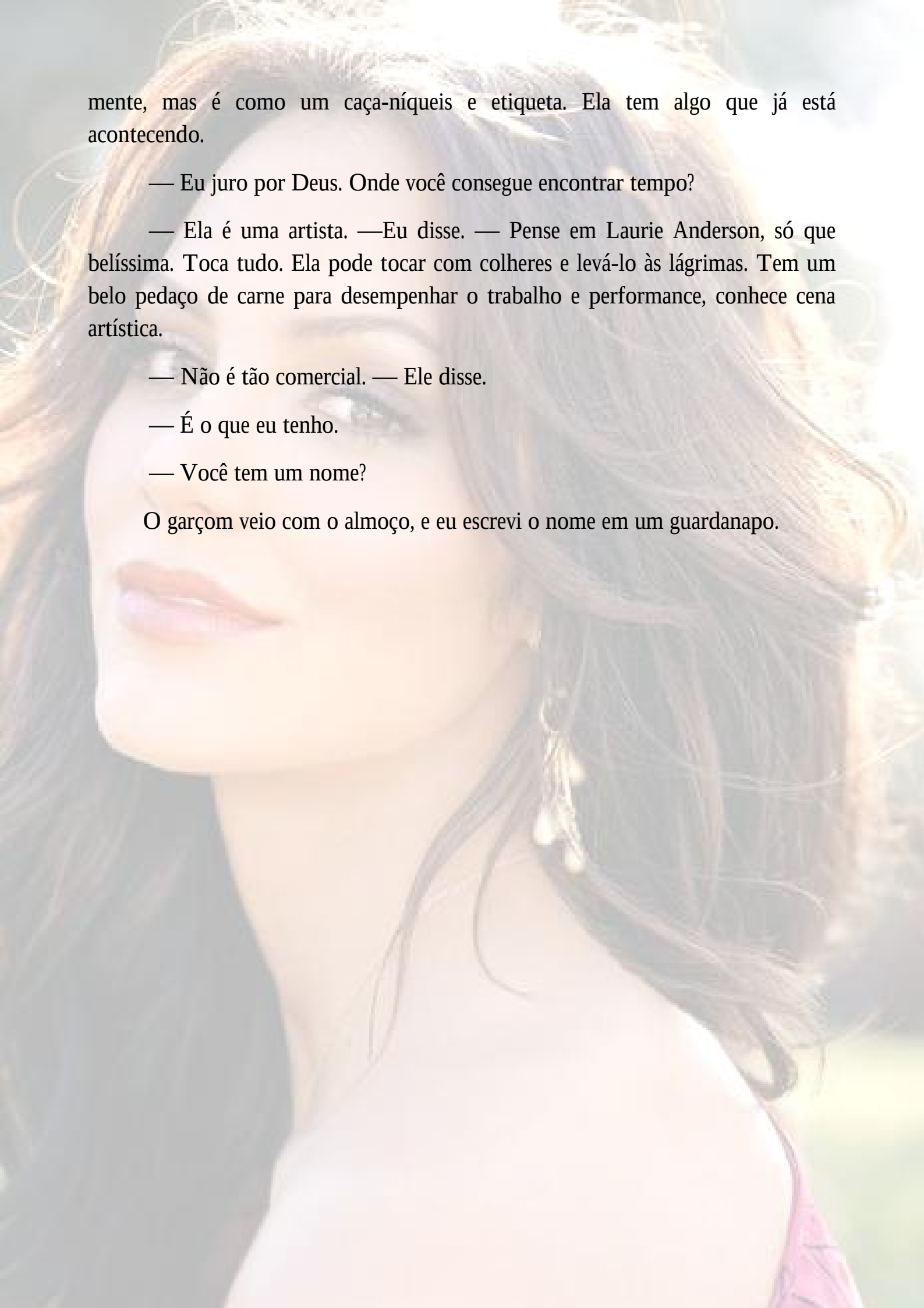
— Ed. Ela estava começando. Quem a conhece melhor do que eu? Eu salvei a sua bunda e a dela. Agora todos vocês podem ganhar dinheiro juntos.

— Eu não tenho nada. Enrich pode tê-la. Sem um ângulo de marketing, ela pode cantar como uma sereia e não iria me importar.

— Sereias não cantam. Você está pensando em sereias.

Ele balançou a cabeça e sorriu. — Você precisa sair e me encontrar outra garota que gosta de ficar amarrada.

— Eu tenho uma para você. — Baixei a voz e me inclinei — Bela voz, mas ela vem de outro ângulo. Pode não ser tão quente quanto o que você tinha em



mente, mas é como um caça-níqueis e etiqueta. Ela tem algo que já está acontecendo.

— Eu juro por Deus. Onde você consegue encontrar tempo?

— Ela é uma artista. — Eu disse. — Pense em Laurie Anderson, só que belíssima. Toca tudo. Ela pode tocar com colheres e levá-lo às lágrimas. Tem um belo pedaço de carne para desempenhar o trabalho e performance, conhece cena artística.

— Não é tão comercial. — Ele disse.

— É o que eu tenho.

— Você tem um nome?

O garçom veio com o almoço, e eu escrevi o nome em um guardanapo.

Capítulo Sete

Monica

Eu desci a avenida Echo Park a pé, com o

telefone no meu ouvido.

— Você está em casa? — Eu perguntei enquanto empurrava a porta para abrir.

— Apenas mevestindo. — Disse Darren.

— Eu estou a caminho. Não, espere, eu estou em seu pátio. Você está sozinho?

Ele abriu a porta de jeans e com sua pólo da Music Store. — Sim. Como foi a viagem para casa?

— Eu realmente, seriamente gostei daquele avião. — Eu coloquei meu telefone na bolsa.

Ele deu um passo para o lado, e eu entrei. Meu material estava todo na sala, empilhado ordenadamente, mas o ambiente ainda parecia como se alguém estivesse estado em seu sofá, sem pagar aluguel.

— A polícia interrogou você? — Ele perguntou.

Eu fiquei um pouco surpresa, e ele deve ter visto isso no meu rosto. — Como você sabe?

— Está tudo nas páginas da alta sociedade. E o *LA Times*, conhece você... Isso é notícia quando se trata de pessoas ricas batendo em suas esposas.

— Ela não é sua esposa, e ele não bateu nela. — Eu o defendi e sua palavra, conhecendo a verdade e a familiaridade conveniente que Jonathan teve no passado.

— Não no sentido convencional. — Ele colocou seu laptop no bar da cozinha e girou para que eu pudesse ver a tela. Em seguida, ele começou a fazer o café, como se ele não quisesse olhar para minha reação.

Seção Celebrity. A seção que eu sempre ignorei porque Gabby sempre lia, assimilada, e digeriria a coisa toda, todas as manhãs, destilando isso para mim no café da manhã. Fiquei grata por não ter o hábito de olhar para isso, porque no dia seguinte que Jonathan foi preso no aeroporto de Santa Monica, uma foto dele e sua ex esposa apareceu na coluna Rumors Bureau. Foi a única menção de sua prisão em qualquer lugar do noticiário, e foi curta, pequena, mas com uma foto de casamento de duas pessoas felizes se comprometendo uma com a outra. O ciúme ardente que borbulhou no meu intestino deixou um gosto horrível na parte de trás da minha língua. Ele era meu. Eu o possuía. Essas fotos eram mentiras.

— Monica? — Darren me observava enquanto enchia o pote com água.

— O quê?

— Você está bem?

— Isso quase não diz nada. Preso no aeroporto sob a acusação de abuso doméstico, causado por sua ex esposa. História de atividade bizarra. Sua esposa se recusa a comentar porque ela está “muito chateada”. Oh, e eu sou um caso sexual passageiro não identificado. Ela é uma putinha de merda. Me lembre de nunca mais olhar para a internet novamente. — Eu empurrei o laptop longe e me virei para a minha pilha de lixo. Eu poderia ter parado e fingido estar vasculhando minhas coisas, mas eu sabia exatamente onde o envelope estava. Corri minhas mãos sobre ele, as bordas envelhecidas e as pontas amassadas.

— E isso é o que acho que é? — Perguntou Darren.

— Sim. Você abriu?

— Isso é longo e complicado, então eu apenas o coloquei de volta. — Ele olhou para mim por cima da borda de sua xícara de café.

— Ótimo. Longo e complicado. — Deslizei para fora o conteúdo. Páginas de papel carta impressas e grampeadas. Cerca de vinte páginas depuro texto. Com espaçamento duplo e margens amplas. Marcações por todo ele com lápis vermelho. Sinalizações. Rabiscos. Uma confusão dos diabos. Na parte superior: *Lloyd Willman / Evert Toth, ed.*

— Isso se parece com o rascunho do trabalho de alguém.

Ele olhou por cima do meu ombro. — Acho que a ed. significa *editora*. Minha primeira suposição é que isso era um artigo de jornal.

— Fan-maldito-tástico.

— E não foi publicado, parece. Ou isso parece ser algo que alguém entregou para a sua tese final. Minha irmã era uma menina assustadora. Eu acho que cavar sujeira nas pessoas era mais divertido para ela do que realmente tentar conseguir que eles assinassem com ela.

— Quando você tem que sair? — Eu perguntei.

— Em quinze minutos.

Eu me joguei no sofá. Folheei. Todas as palavras e marcações. Eu olhei para Darren, que estava limpando o balcão. Limpei a garganta.

Ele nem olhou para cima quando disse: — Você está enrolando.

— Por que eu enrolaria?

— Você me diz.

Eu tinha uma centena de respostas.

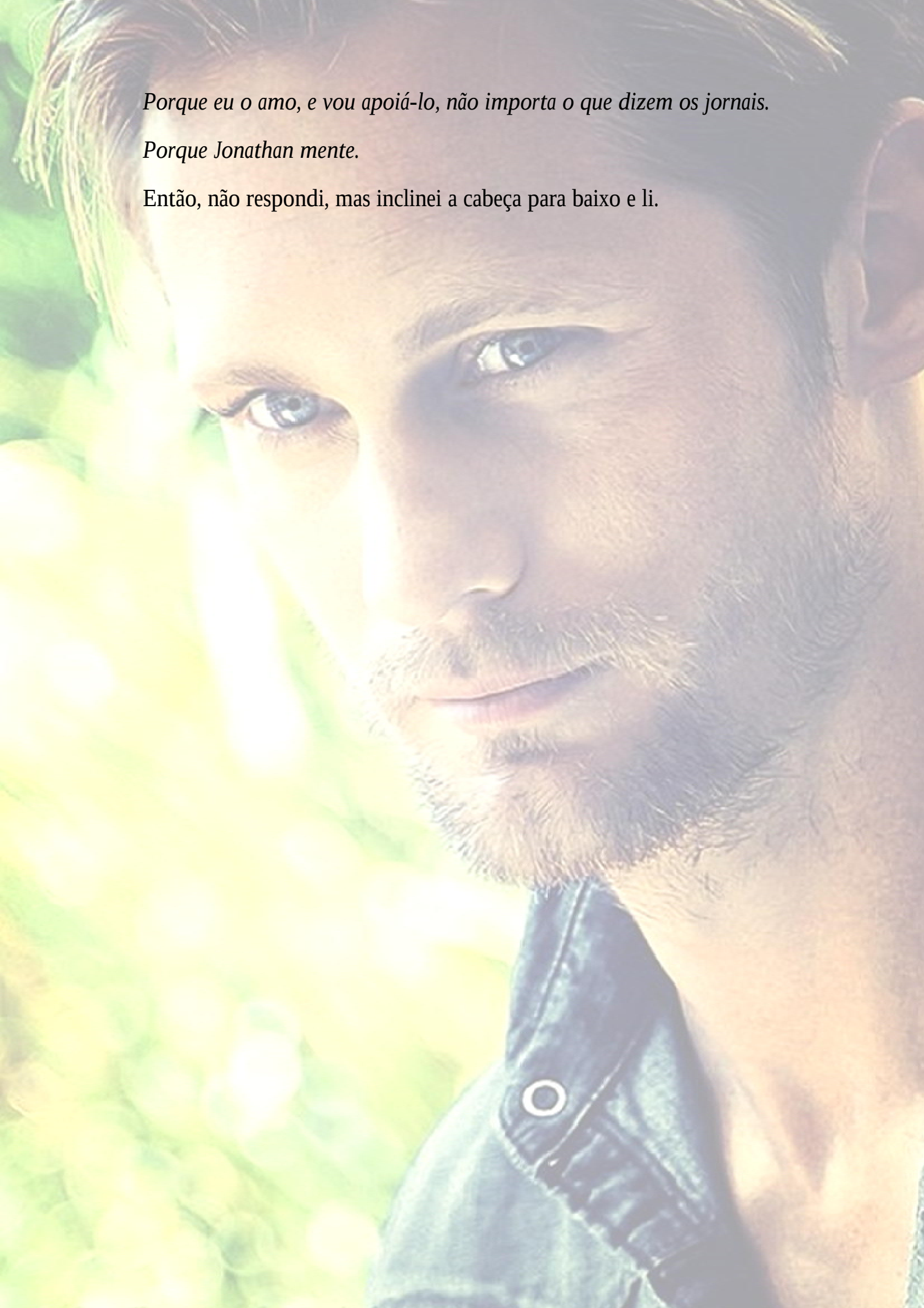
Porque eu sei meias-verdades e partes de uma história.

Porque estou comprometida com um homem que ainda é um mistério para mim.

Porque eu o amo, e vou apoiá-lo, não importa o que dizem os jornais.

Porque Jonathan mente.

Então, não respondi, mas inclinei a cabeça para baixo e li.



Capítulo Oito

A estrela do artigo era a chuva.

Houve um inverno com tempestades. Eu tinha nove anos. Meu pai estava fora, como de costume. Natal foi horrível porque estávamos falidos e o forro inundado. Os cascalhos da escola Montessori estavam na entrada da garagem devido as enchentes, interditando o lado norte da casa por horas.

Eu não tinha feito as contas antes. Por que eu? Por que eu iria me lembrar que estava na terceira série quando ele estava ocupado fazendo sexo e se apaixonando? Mas esse foi o ano que aprendi multiplicação e divisão e, o ano que Jonathan perdeu Rachel.

A história não foi muito diferente do que eu imaginava. A festa tinha começado com um caso na família de Sheila Drazen, e ela se tornou mais selvagem com a inspiração de droga uma vez que os adultos saíram e as crianças chegaram. A polícia encontrou um bong²contendolico deabsinto, restos de broto de White Widow³e o DNA deJonathan S. Drazen III, de dezesseis anos de idade.

O que aconteceu depois foi recheio para um processo policial, mas segundo testemunhas, Jonathan discutiu com sua namorada, Rachel Demarest. Ela agarrou suachave do carro e correu para a chuva. Todo mundo pensou que ela estava escondendo sua maldita bunda na condução. Na manhã seguinte, Jonathan foi encontrado desmaiado no gramado enlameado, a quatrocentos metros afastadode uma casa e seu carro alagado foi encontrado na praia há três quilômetros ao sul

²Também conhecido como purificador, é um aparelho utilizado para fumar qualquer tipo de erva.

³ Tipo de maconha.

sem nenhuma namorada dentro. Um dia e meio depois, ele foi enviado para a instituição Westonwood após uma tentativa quase bem sucedida de suicídio. Isso não foi um grito indiferente para ajudar, ele quase morreu de insuficiência cardíaca.

Três meses em Westonwood. O lugar era conhecido por seu confinamento: sem telefone, sem rádio. Nada. Uma prisão para os ricos e perturbados.

Mas enquanto ele estava fora, o seu mundo não foi tranquilo. O que tinha acontecido durante as chuvas, havia ondulado para fora naqueles meses, e os Drazens tinham desviado e encoberto tudo.

O corpo de Rachel não foi encontrado, e sua morte dissolveu uma família já conturbada. A polícia foi à casa dos Demarest mais de uma dúzia de vezes nos últimos seis anos por perturbações domésticas. Vizinhos contaram histórias de abuso sexual por parte de seu pai biológico, e quase constantemente havia gritos e lutas depois que seu padrasto se mudou. Rachel encontrou consolo em sua colega Theresa, que abriu a casa da família Drazen para ela para estudar.

Nos meses antes do acidente, de acordo com a mãe de Rachel, Rachel começou a voltar para casa com presentes. Brincos de pérola. Pulseira de ouro. Um novo laptop. Ela se tornou fechada e distante. Quando a polícia questionou a Sra. Demarest sobre os presentes, ela lançou isso em torno da acusação. Ela não acreditava que a filha tinha tido um acidente. Ela queria que o assunto fosse investigado porque Rachel tinha dado uma dica de que a família Drazen não era tudo o que eles estavam demonstrando ser. Ela ligou para o *LA Times*, que a entrevistou e a rejeitou como se fosse uma maluca, e o *LA Voice*, ao que pareceu ser um artigo de papel, foi escrito.

De repente, ela não queria falar com ninguém. Ela ligou para todos e se tornou não responsável por uma investigação mais aprofundada. Não havia entrevistas, somente os depoimentos necessários para a polícia, ela foi atendida com um advogado muito caro.

Os Demarests foram pagos, isso estava claro, e o artigo acabou ali mesmo, no meio da frase.

— Que porra é essa? — Eu disse. — Mesmo essa coisa é meio que uma história fodida.

Darren colocou seu sapato. — O que é que isso diz?

— Sua namorada de dezesseis anos atrás morreu em circunstâncias suspeitas, e a família pagou qualquer pessoa associado a isso. Ou os despediu. Pelo que sei, o resto do artigo é sobre quem matou.

— Você vai contar isso a ele?

Enfiei os papéis de volta no envelope. — Como posso? Eu não sei se nada disso é verdade. Poderia ser a ideia de alguém com uma história curta. Ele tem bastante merda acontecendo sem eu ter que ir a ele com este... este... Eu nem sei o que é isso.

— Gabby está causando problemas do túmulo. — Ele deu de ombros em sua jaqueta. — Eu gosto disso.

— Você gosta. Posso usar o seu computador? Eu quero procurar um pouco disso.

— Sim. Não que eu me importe, mas você vai estar aqui quando eu voltar? Parece que você já tem seus sapatos.

— Eu estou indo para casa hoje. — Eu olhei para o meu monte de porcaria, me perguntando se poderia fazer disso uma viagem.

— Eu estou pensando no quarto de Gabby.

— Mudar para lá.

— Você perguntou?

Revirei os olhos. — Tudo bem. Eu vou perguntar ao papai se está ok se um menino morar comigo.

Eu pensei que era hilário. Darren não.

Capítulo Nove

A internet sabe tudo, revelou um grande e gordo ovo de ganso, mas eu nunca fui muito de pesquisar. Eu encontrei Evert Toth, que tinha um cabeçalho listado pelo editor chefe do *LAy Rag*, local onde a ala esquerda livre tinha um papel na esquerda local, pagavam propina por toda a cidade. Embora se possa assumir que tal papel era lixo, comparado ao pornô a minha volta. Coisas maiores para expor, assovios soprados, e sem besteira jornalismo acontecendo lá dentro.

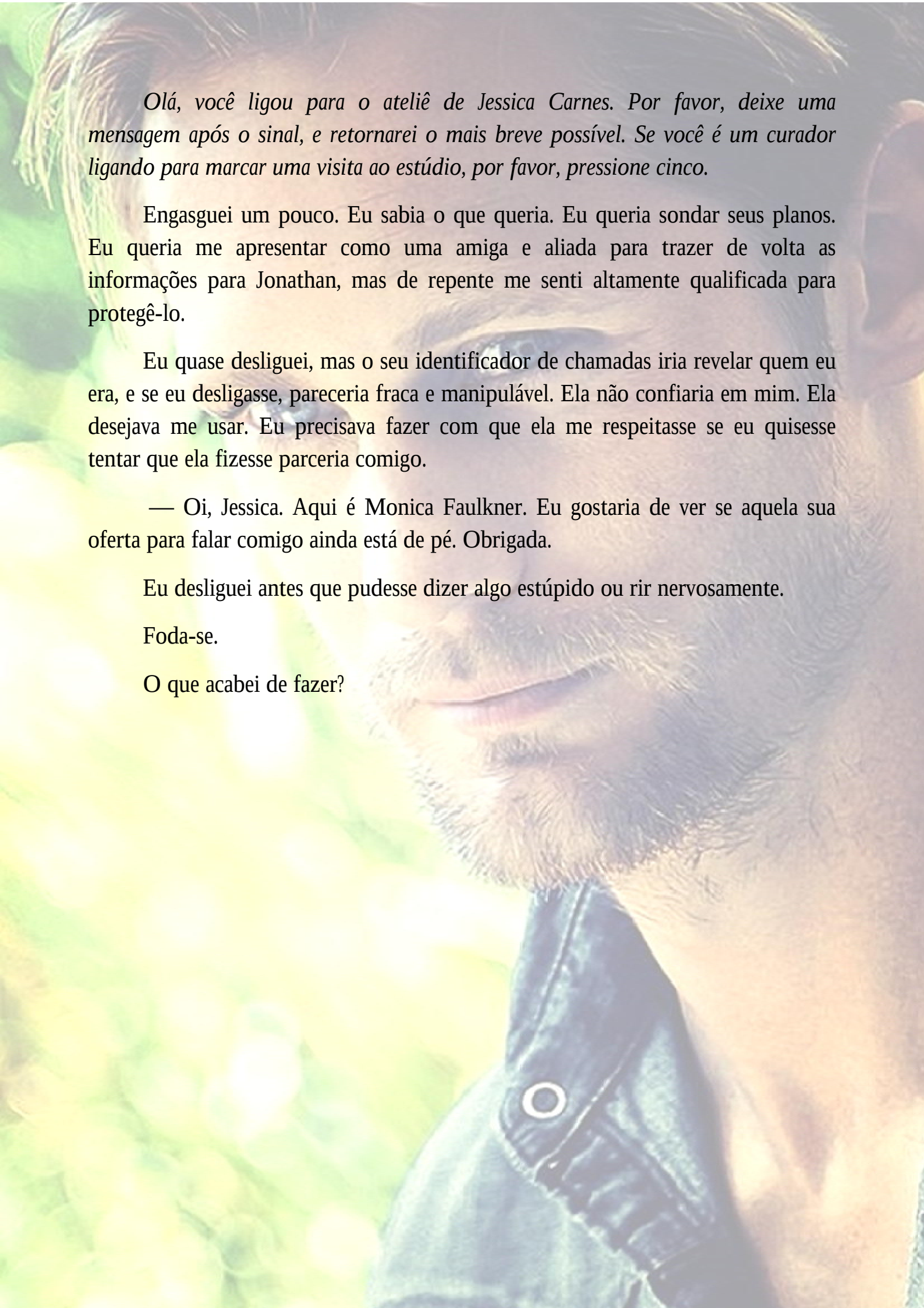
Liguei para o número telefônico que estava no papel, a ligação foi encaminhada para outro lugar e, finalmente acabou no correio de voz. Eu deixei uma mensagem.

Eu voltava para casa, o telefone na mão, não querendo colocá-lo no bolso. Eu tinha outra coisa para fazer. Alguém para ligar.

Eu era muitas coisas. Eu era submissa. Eu era masoquista. Eu confiava. Eu era uma escrava sexual. Mas obediente?

Nem tanto.

Eu procurei na minha bolsa e encontrei um cartão branco fosco. Parei na esquina, porque se eu esperasse até chegar em casa, poderia mudar de ideia. Eu disquei o número. A voz que veio era suave como seda, nada traíra enada generosa.



Olá, você ligou para o ateliê de Jessica Carnes. Por favor, deixe uma mensagem após o sinal, e retornarei o mais breve possível. Se você é um curador ligando para marcar uma visita ao estúdio, por favor, pressione cinco.

Engasguei um pouco. Eu sabia o que queria. Eu queria sondar seus planos. Eu queria me apresentar como uma amiga e aliada para trazer de volta as informações para Jonathan, mas de repente me senti altamente qualificada para protegê-lo.

Eu quase desliguei, mas o seu identificador de chamadas iria revelar quem eu era, e se eu desligasse, pareceria fraca e manipulável. Ela não confiaria em mim. Ela desejava me usar. Eu precisava fazer com que ela me respeitasse se eu quisesse tentar que ela fizesse parceria comigo.

— Oi, Jessica. Aqui é Monica Faulkner. Eu gostaria de ver se aquela sua oferta para falar comigo ainda está de pé. Obrigada.

Eu desliguei antes que pudesse dizer algo estúpido ou rir nervosamente.

Foda-se.

O que acabei de fazer?

Capítulo Dez

Stock estava lotado. Super lotado. De parede a parede. Bunda-batendo-em-bunda-e-eu-não-sei-explicar-porque-estava-tão-lotado, especialmente considerando a chuva que ameaçava no horizonte. Coloquei uma cara feliz, mas minha preocupação reduziu o poder do meu sorriso de atendimento ao cliente. Eu não podia ver o meu telefone enquanto estava trabalhando, e eu precisava saber se Jessica tinha me ligado de volta. Eu queria ver as mensagens de Jonathan, porque eu tinha certeza que havia pelo menos uma.

Mal tive tempo para uma pausa, mas corri para o banheiro. No caminho da saída, vi Debbie.

— Sairei à meia-noite. — Ela disse. — Robert está cuidando das gorjetas.

Minha decepção deve ter se mostrado no meu rosto. Não sobre Robert gerenciar as gorjetas. O sistema para a sua divisão era a prova de idiotas, o que era bom, pois Robert precisava de um sistema exatamente com esse nome.

— O quê? — Ela perguntou.

— Eu queria falar com você após o expediente.

Ela olhou para o relógio. — Você tem quatro minutos.

— Eu não quero dizer isso tão rápido ao ponto de te ofender e perder meu emprego.

— Então não diga.

Eu tinha ensaiado um bilhão de vezes, mas não havia nenhuma maneira neutra de perguntar. — Você me disse que eu não deveria ter levado Jonathan tão a sério, e você disse a ele que eu segui em frente.

— Sim.

— Por quê?

— Eu não entendi a pergunta. Ele geralmente não é sério. E isso parecia como se tivesse seguido em frente. — Ela encolheu os ombros, como se tudo estivesse certo.

Comecei a me sentir como se fosse a única que tinha problemas. — Eu sinto muito por ser franca, mas me deu a impressão, bem... que foi... — Eu parei. Como se eu tivesse sido colocada de lado?

Debbie simplesmente ficou esperando eu falar. Ela não disse uma palavra ou parecia impaciente.

— Por que você nos quer juntos? — Eu perguntei. Consegui não utilizar a palavra *manipuladora*.

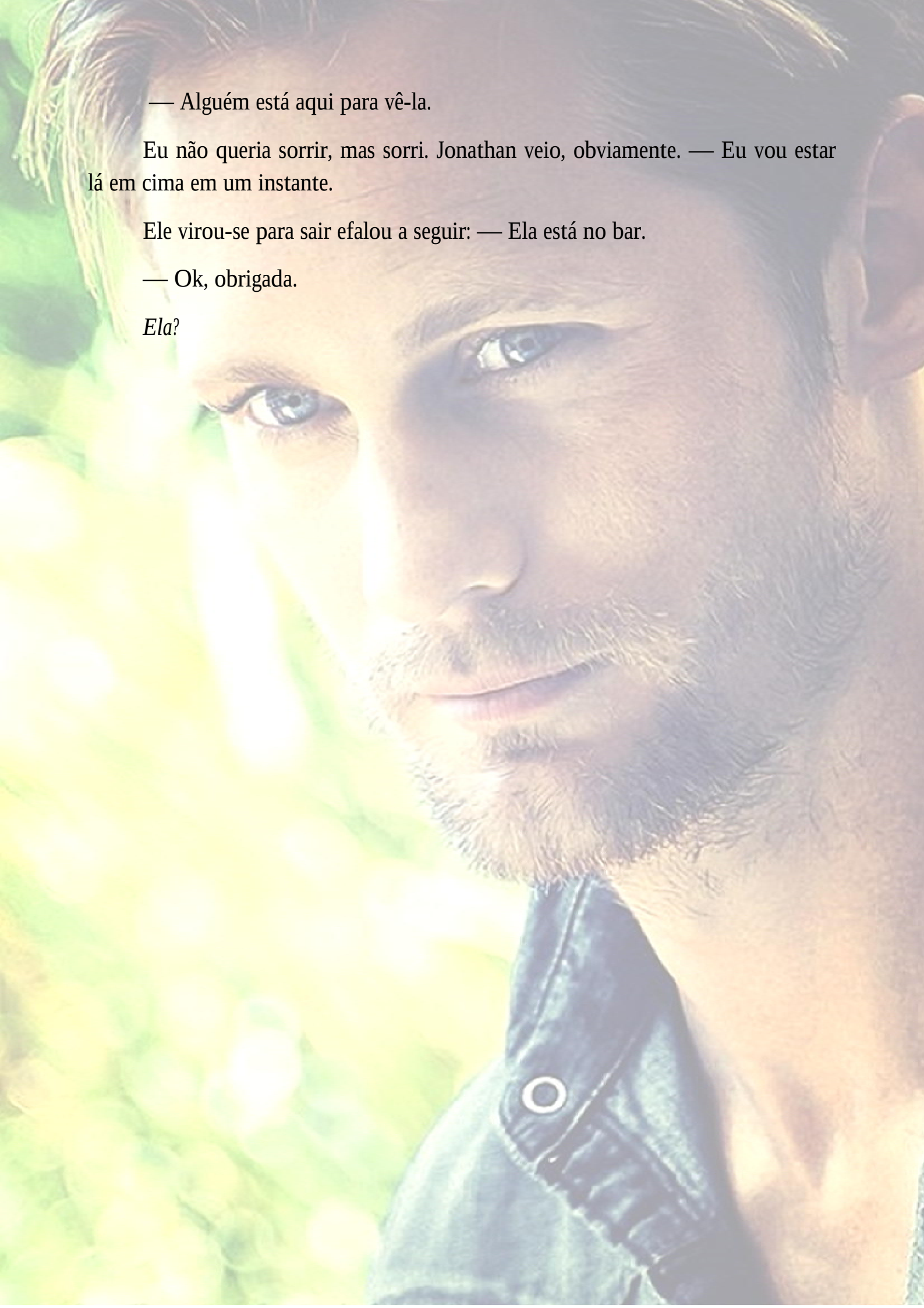
— Você acha que estou motivada por algo diferente do que amizade?

— Eu não vou fingir que sei. — Esperei. Eu senti como se pudesse ouvir os segundos passarem.

Debbie não olhou para o relógio, e não havia relógio na sala, mas quando ela se endireitou em uma fração, disse: — O tempo acabou. — Eu sabia que ela estava certa até mesmo sobre os segundos.

A pausa acabou. Hora de voltar ao trabalho. A segunda metade do meu turno passou dolorosamente, mas rapidamente. Cada babaca em um terno Hugo Boss ou com chaves de Audi me fazia querer gritar. A intensidade deve ter me caído bem, porque as minhas gorjetas foram maiores do que qualquer outro dia. Comecei a pensar em colocar algum dinheiro na minha modesta conta poupança, ou comprar alguns acessórios bonitos para combinar com meus vestidos.

Eu estava fechando meu armário quando Robert veio na minha direção, um pouco auto-importante em seu caminhar arrogante.



— Alguém está aqui para vê-la.

Eu não queria sorrir, mas sorri. Jonathan veio, obviamente. — Eu vou estar lá em cima em um instante.

Ele virou-se para sair e falou a seguir: — Ela está no bar.

— Ok, obrigada.

Ela?

Capítulo Onze

Subi com menos expectativa, consciência

mais relaxada do que estaria se achasse que me encontraria com Jonathan. Era provavelmente Yvonne ou alguma amiga aleatória que estava de passagem e queria bater um papo após o expediente.

Ver um bar após o fechamento, com as luzes acesas e a música desligada, era muito parecido como ver uma mulher bonita sem maquiagem. Todas as peças estão lá, mas menos atraente. Copos sobre as bandejas, cestos de lixo sendo arrastados pelo chão, o som do movimento dos esfregões de franja cinza. O pessoal sorrindo das piadas uns dos outros, que são, invariavelmente, sobre os clientes. Os convidados permanecendo, principalmente em conversas sinceras sobre o próximo destino para beber ou foder. Alguns se agarravam a uma ideia com unhas e dentes, como se uma mudança de local fosse quebrar o feitiço.

Durante este processo, a cidade havia escurecido sob nós, como sempre, e o céu estava de um tom alaranjado queimado com luzes refletidas. Era uma e quinze da manhã. Eu tinha o bolso cheio de dinheiro. Talvez eu vá para o inferno e fale com as pessoas. Pode ser que eu me agarre a um local até quatro horas, para evitar dormir na minha casa pela primeira vez em semanas.

Mas eu não sairia. Eu não ficaria bêbada, e eu não me familiarizaria com ninguém. Apenas uma mulher estava no bar. Era Jessica, e ela não estava sozinha. Jonathan estava com ela, e eles estavam discutindo ferozmente. Eles pareciam um casal à beira de um desastre, falando um sobre o outro, as mãos tensas na frente deles. Eu não queria abordá-los. Mas alguma coisa tomou o comando.

Ela não devia falar com ele. Ela não deveria estar a cinquenta metros dele. Ele era meu. Tive uma reação que só poderia ser descrita como biológica. A fúria encheu meu sangue de alguma glândula da raiva, meus dedos cerraram e meus dentes rangeram.

Jonathan olhou para cima. Assim que ele me viu, veio em minha direção como um torpedo.

— Que porra é essa? — Eu disse.

Ele agarrou meu ombro e me virou. — Ande.

— Não. — Ele me empurrou em direção ao quarto dos fundos. Dei de ombros. — Eu quero falar com ela. É por isso que ela está aqui. — Ele pegou meu bíceps e me tirou do chão. — Me solta.

Ele não quis ouvir. Ele me puxou pelos corredores, passando pelos poucos colegas de trabalho que ficavam ao longo dos pisos de concreto, os corredores ficavam pra trás. Seu rosto estava rígido e branco, uma máscara fixa de determinação. Ele empurrou-me para a sala de descanso, trancou a porta e puxou cortinas sobre a janela do corredor. Quando ele finalmente me encarou de novo, eu o empurrei.

— Você *nunca* mais faça isso novamente. — Eu disse.

Ele me pressionou contra a parede e grudou seu rosto no meu em um beijo punitivo. Eu aqueci com a urgência da sua boca na minha, sua língua respondendo exigente, suas mãos ainda empurrando meus ombros. Eu gemi com ele, minha voz um suspiro que eu não tive escolha, a não ser aceitar.

— Eu lhe falei para não se encontrar com ela. — Ele disse com o rosto próximo suficiente para me beijar novamente.

— Você não é meu dono.

— Ah, não?

— Arrastando-me para longe de uma conversa, tentando me isolar, você está dando a ela muito caso.

— Suba sua saia.

— Usando o sexo para me controlar...

— Mostre-me sua boceta, Monica.

Senti uma piscina de excitação abaixo da minha cintura ao seu comando. Embora Jonathan não segurasse meus braços, tinha o controle sobre os meus ombros, fazendo minhas mãos arrastar minha saia de uma forma incômoda e constrangedora. Eu agarrei o tecido e dobrei meus pulsos, deslizando a saia um centímetro, depois dois. Eu peguei o tecido de algodão e puxei. Subi a coisa inteira ao mesmo tempo em que os nossos olhos se encontraram, nossa respiração se misturava.

— Então, o quê? Você vai me foder agora?

— Eu vou.

— Você pensa que vai me parar?

Ele colocou a mão na minha garganta, dedos na base do meu queixo, forçando-me a olhar para o teto. A restrição e postura enviou uma onda de desejo entre as minhas pernas. Eu queria envolvê-las em torno dele e levá-lo para dentro de mim.

— Eu nunca te puni deusa. Mas vou.

— Vá em frente. Eu não tenho medo de você.

Ele enrolou seus dedos em minha calcinha e os levou ao longo da minha fenda molhada. Engoli em seco e gemi quando ele enfiou dois dedos em mim. Quando ele puxou-os para fora, senti a sua perda. Eu queria ser preenchida com eles, apesar do fato de que ele estava me irritando, ou por causa dela. Pressionando o seu tronco para o meu e mantendo a mão no meu queixo, ele colocou os dedos molhados na minha boca.

— Esta boca é minha. — Ele disse. — Não fale a menos que eu diga.

O gosto do meu sexo encheu minha boca enquanto ele dirigia seus dedos pela minha garganta. Chupei-os limpando para agradá-lo, para agradar a mim mesma. As sensações provocadas por sua contundência eram avassaladoras.

Ele deslizou a mão dele da minha garganta e arrastou ao longo da minha barriga, para as minhas coxas, dentro delas. Ele encontrou a entreperna da minha calcinha e a puxou. Então, sem uma pausa, ele me empurrou para a mesa de almoço. As pernas de metal raspavam o piso quando ele me deslizou para trás, e inclinou minhas pernas para que minha boceta encharcada ficasse diante dele.

— Você não está fodendo minha decisão fora de mim.

Entre as minhas pernas, ele soltou o cinto. — Não me faça amordaçá-la.

Eu levantei meu dedo do meio. Ele sorriu como se não pudesse parar, em seguida, pegou minha mão e segurou-a para baixo, com força. Seu polegar segurou meu pulso, e eu sabia que a minha expressão irradiava dor. Minhas pernas apertavam fechadas, mas ele as empurrou.

— Eu vou foder com você, e você vai calar a porra da boca por um tempo. — Ele entrou em mim sem mais um pinga de advertência. Ele me fodeu como se eu o pertencesse, meu corpo curvado, impotente, exposto.

Ele me disse para levá-lo, mas ele era o único que estava me tomando. Ele segurou a carne das minhas coxas, espalhando minhas pernas. A dor das mãos cavando a minha pele, seu pau batendo, ele em cima de mim me dominando. Eu não olhei para as luzes fluorescentes, sentindo um zumbido em minha boceta novamente.

Levantei-me em meus cotovelos, e ele me empurrou de volta para baixo. — Não se mexa, a menos que eu diga para você.

— Eu vou...

— Você não vai.

Eu ia gozar. Um tsunami de prazer correu no horizonte, subindo como água reunida aos meus pés, tornozelos e joelhos. Eu tinha outro meio minuto para chegar ao completo esquecimento. Mas seus olhos estavam fechados e ele grunhia,

então gemeu, empurrando para dentro de mim lentamente. Ele estava gozando, filho da puta, e ele nunca tinha perdido o controle assim, e neste momento ele não poderia fazer nada. Fora a primeira vez que ele me fodeu sem camisinha, ele nunca perdeu o controle. Os orgasmos de Jonathan sempre tinham um propósito.

Tirando as mãos de minhas coxas, ele se inclinou para frente — Dê-me um número entre um e dez.

— Dois.

— Esqueça isso, então. Entre cinco e dez.

— Sete.

— Isso é quantas vezes você terá um orgasmo antes do amanhecer. Mas você tem que voltar para casa comigo.

— Seu filho da puta. Estamos jogando jogos de orgasmo de novo? — Eu perguntei.

— Você está sendo um péssimo jogador.

Levantei-me em meus cotovelos, sentindo o rumo desta conversa. — Amanhã é meu dia de folga, e eu quero trabalhar em algumas músicas.

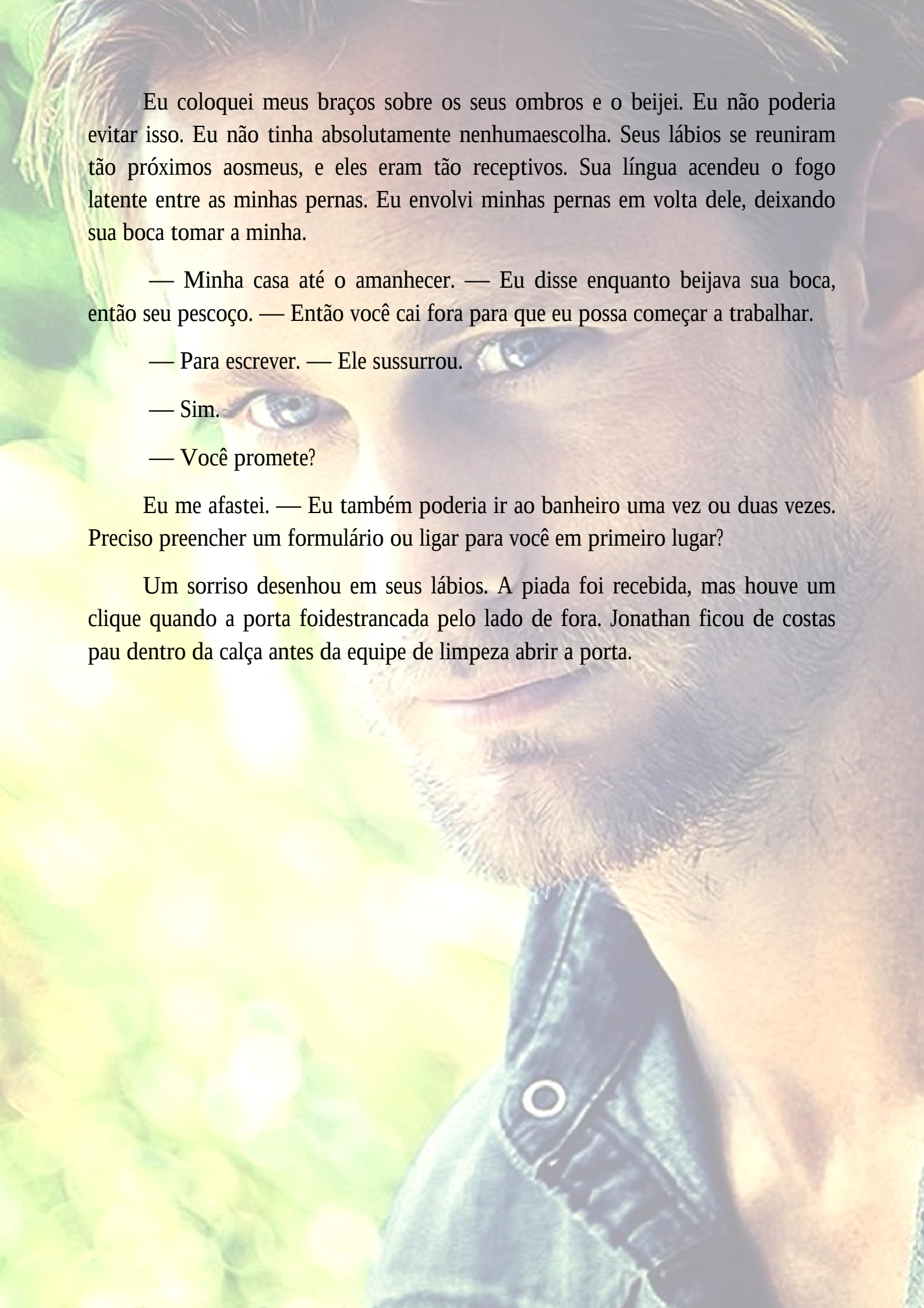
— Eu tenho um piano.

— Todas as minhas partituras estão em casa. Todas as minhas notas. Esqueça isso.

Ele me pegou gentilmente pelos meus bíceps, mas as pontas dos dedos enviaram centelhas de dor não tão boas através de mim. Ele deve ter visto minha reação — Você está bem?

— Eu estou bem.

— Eu vou entrar na sua casa. Deixe-me dirigir. Por favor. Me dê algumas horas para fazer nada além de fazê-la se contorcer. — Ele puxou minha saia, e me levantou para que ele pudesse colocá-la de volta no lugar.



Eu coloquei meus braços sobre os seus ombros e o beijei. Eu não poderia evitar isso. Eu não tinha absolutamente nenhuma escolha. Seus lábios se reuniram tão próximos aos meus, e eles eram tão receptivos. Sua língua acendeu o fogo latente entre as minhas pernas. Eu envolvi minhas pernas em volta dele, deixando sua boca tomar a minha.

— Minha casa até o amanhecer. — Eu disse enquanto beijava sua boca, então seu pescoço. — Então você cai fora para que eu possa começar a trabalhar.

— Para escrever. — Ele sussurrou.

— Sim.

— Você promete?

Eu me afastei. — Eu também poderia ir ao banheiro uma vez ou duas vezes. Preciso preencher um formulário ou ligar para você em primeiro lugar?

Um sorriso desenhou em seus lábios. A piada foi recebida, mas houve um clique quando a porta foi destrancada pelo lado de fora. Jonathan ficou de costas pau dentro da calça antes da equipe de limpeza abrir a porta.

Capítulo Doze

— Dizer que não sei com

o que estou lidando é simplesmente um insulto.

Estávamos em um foguete preto fosco, que eu adorei, porque tinha meus braços em volta dele, dentro de sua jaqueta, e eu podia sentir os ângulos e saliências de seu corpo. Eu prendi minha saia ao redor das minhas coxas, e para sua satisfação e para que eu não mostrasse a minha calcinha e sua glória para Los Angeles. Uma vez que isso foi resolvido, ele colocou capacete em mim como se quisesse cortar qualquer discussão mais aprofundada. Conversar com ele quando era uma voz sem corpo era difícil. Eu não queria esperar até chegar à minha casa para falar com ele, porque nós estaríamos em um lugar privado e ele tentaria me calar com o sexo novamente. Ele iria trabalhar, pela centésima vez.

— Eu não estou te insultando. Eu estou dizendo a verdade. Jessica pode ensinar a Maquiavel algumas coisas. — Disse ele através do alto-falante no meu capacete.

— Eu preciso ver seu rosto.

— Você vai ver em abundância.

— Pare a moto.

Estávamos na Sunset, no Junction, um bairro onde as pessoas se reúnem na rua, andando de bar em bar, restaurantes ou casas.

— Nós vamos estar em sua casa em oito minutos.

— Agora.

Ele parou em um semáforo e tirou seu capacete. Seu cabelo estava espetado e bagunçado, e quando se virou para mim, incredulidade transparecia em seus olhos. Eu não consegui ouvir o que ele disse, e cruzei os braços. Eu quis dizer o que eu disse, não importava a sua resposta sem precedentes.

Ele puxou o canto do capacete para seus lábios, e sua voz veio através do meu capacete. — Você não consegue dar ordens.

Tirei o meu capacete. Eu só podia imaginar o que isso fez ao meu cabelo, mas eu dava uma merda por isso. Eu coloquei o capacete no assento e deslizei para fora da moto.

— Monica.

— Jonathan.

A luz mudou. Buzinas gritaram. Maldições cortaram a noite. Jonathan e eu olhávamos um para o outro, enquanto a nossa pista lotava lentamente ao nosso redor.

— Qual é o problema? — Ele perguntou zangado e olhando ao redor.

— Eu quero conversar, e quero fazer isso em algum lugar que você não possa me foder.

— Você acha que me arrastando para um café vai me impedir de te foder? Merda, se eu quiser você no meio do cruzamento, vou tê-la.

Ele o faria, também. Mas também, não.

Dei um passo para longe da moto. Um Acura⁴ chegou a frear centímetros de mim.

— Porra! — Jonathan gritou, balançando a perna sobre o assento, como se estivesse prestes a segurar meu corpo no berço de seus braços.

⁴ Modelo japonês de automóvel.

O motorista do Acura gritou obscenidades. Algo sobre eu ser uma puta de merda estúpida. Blá blá. Eu já tinha sido chamada coisas piores aleatoriamente, terça à noite no bar. Virei sem sequer olhar, andando para trás, puxando Jonathan para fora da rua.

Mas o que considerei um gesto sem sentido, o motorista considerou um chamado às armas. Ele se debruçou tão longe para fora do carro que eu não tinha ideia de como o seu pé ficou no freio. — Coloque sua boceta grande acenando fora da rua, sua puta vadia!

Jonathan colocou o estribo lateral para baixo na moto, o que eu não entendi. Por que diabos ele estacionou no meio da rua? A luz do semáforo ficou vermelha novamente, mas obviamente era temporário. O cara do Acura lançou mais algumas maldições a meu respeito. Aparentemente, ele não viu o cara com uma expressão fria como pedra olhando para ele. Se ele visse, deveria ter parado de me chamar puta e ter começado a ficar em uma postura defensiva.

Merda.

Corri na frente de Jonathan, mas ele estava se movendo tão rápido, que eu quase não tive tempo para ficar entre eles. Minha bunda pressionou contra a porta do carro, e Jonathan estava quase lá. Eu levantei minha mão.

— Pare.

— Saia do caminho.

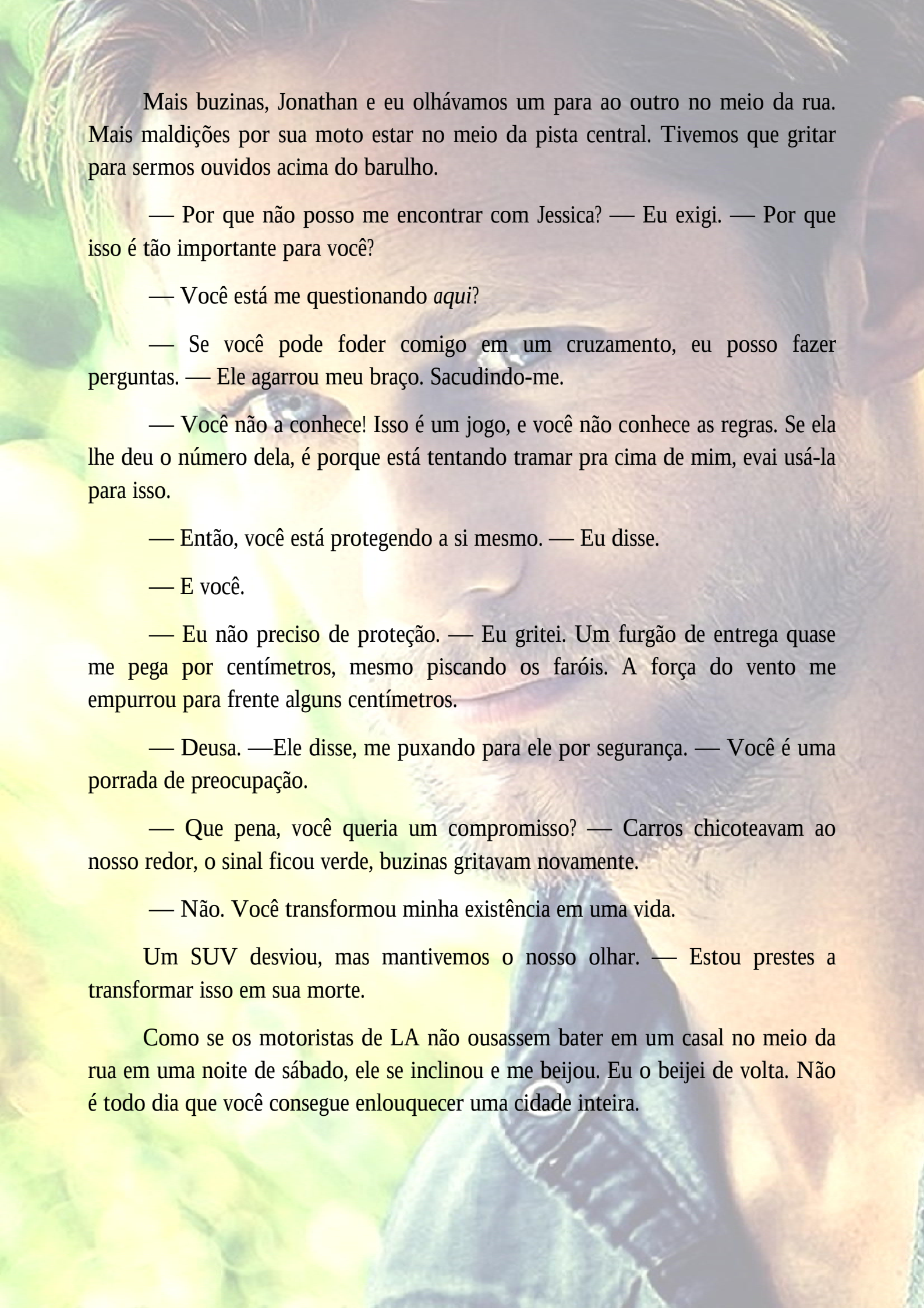
— Hey, Sua vadia! — Disse o cara atrás de mim.

— Pegue a moto, por favor. — Eu disse para Jonathan.

— Saia do caminho.

— Você é a porra de um adolescente? Vai entrar em uma briga na Sunset Boulevard? Que porra é essa? Por favor, saia do cruzamento de uma vez.

— Vocês são loucos, porra! — Disse o motorista um segundo antes da luz mudar. Apesar do fato de que eu estava praticamente encostada em seu carro, ele acelerou.



Mais buzinas, Jonathan e eu olhávamos um para ao outro no meio da rua. Mais maldições por sua moto estar no meio da pista central. Tivemos que gritar para sermos ouvidos acima do barulho.

— Por que não posso me encontrar com Jessica? — Eu exigi. — Por que isso é tão importante para você?

— Você está me questionando *aqui*?

— Se você pode foder comigo em um cruzamento, eu posso fazer perguntas. — Ele agarrou meu braço. Sacudindo-me.

— Você não a conhece! Isso é um jogo, e você não conhece as regras. Se ela lhe deu o número dela, é porque está tentando tramar pra cima de mim, evai usá-la para isso.

— Então, você está protegendo a si mesmo. — Eu disse.

— E você.

— Eu não preciso de proteção. — Eu gritei. Um furgão de entrega quase me pega por centímetros, mesmo piscando os faróis. A força do vento me empurrou para frente alguns centímetros.

— Deusa. — Ele disse, me puxando para ele por segurança. — Você é uma porrada de preocupação.

— Que pena, você queria um compromisso? — Carros chicoteavam ao nosso redor, o sinal ficou verde, buzinas gritavam novamente.

— Não. Você transformou minha existência em uma vida.

Um SUV desviou, mas mantivemos o nosso olhar. — Estou prestes a transformar isso em sua morte.

Como se os motoristas de LA não ousassem bater em um casal no meio da rua em uma noite de sábado, ele se inclinou e me beijou. Eu o beijei de volta. Não é todo dia que você consegue enlouquecer uma cidade inteira.

Capítulo Treze

Monica

Eu não falei a Jonathan, mas meu telefone

começou a vibrar enquanto estávamos na rua. Quando desci da moto na minha garagem, eu olhei para ele.

Jessica.

Como se ele sentisse que algo estava errado, Jonathan assumiu o controle e pegou meu pulso. Ele viu o número do telefone da sua ex-esposa na tela, brilhando em azul e branco. Os olhos dele desceram até a mim, o telefone iluminando seu rosto, o telefone ronronava na minha mão como um gatinho. Seus lábios apertaram.

— O quê? — Perguntei.

— Você sabe o quê.

— Eu não estou convencida de que sou uma ferramenta para a sua destruição. Eu poderia ser uma ferramenta para a sua salvação. Você já pensou nisso?

— E se ela lhe falar que fodi com ela?

— E você fodeu?

— Não.

— Então qual é o problema?

— Você vai acreditar nela. E mesmo se você não acreditar, uma parte sua sempre duvidará. Ela vai nos afastar um do outro. — Ele disse.

— Eu me sinto insultada pela ideia de que serei usada para prejudicá-lo. Eu tenho mais força de vontade do que isso. Não com ela ou você. Eu irei vê-la. Vou deixá-la pensar que ela está me usando, e descobrirei o que ela quer. Vou deixá-la pensar que estou do lado dela.

Ele rangeu os dentes. — Ela não é o tipo de mulher que você possa trapacear.

— Você pode não amá-la mais, mas você a respeita. Que é mais do que eu posso dizer do que você sente por mim. — Eu andei em direção a minha casa. Eu o senti chegar até mim, mas fui mais rápida. Chacoalhei minha chave e aproximei-me da minha porta.

Jonathan veio atrás de mim, pressionando sua frente nas minhas costas. — Eu sinto muito. — Ele acariciou minha orelha.

— Não, você não sente. — Eu virei a chave.

— Eu sinto.

— Bom. Eu vou deixar você saber como foi.

Ele estendeu a mão ao redor e abriu a porta. — Meu pedido de desculpas não significa que a deixarei ir.

— Eu vou.

Ele me empurrou para dentro e fechou a porta atrás de si. Ele puxou as minhas roupas, atacando a minha boca com a sua, os lábios frenéticos, língua sondando, suas mãos puxando. Minhas mãos o exploraram também, pegando as bordas de sua roupa e desabotoando, abrindo zíper, descobrindo e expondo todo pedaço de pele que eu pudesse encontrar. Ele me empurrou de volta para o quarto,

me beijando enquanto subíamos, tirando minha camisa. Ele me empurrou contra a porta e levantou meu sutiã, expondo meus mamilos duros. Sua língua o encontrou, em seguida, os dentes. Eu segurei a parte de trás de sua cabeça, enquanto sua mão encontrava meu outro seio e torcia o mamilo que ele não estava chupando. Meus dedos correram pelo seu cabelo, as minhas pernas em volta dele. Senti sua ereção, dura e quente, pressionando-me quando ele mudou para que pudéssemos passar pela porta. Nós caímos na minha cama.

Ele puxou a camisa sobre a cabeça, expondo seu tórax magro e definido. Estendi a mão para o peito dele, mas ele segurou minhas mãos e beijou meu pescoço, em seguida, os meus seios, mordendo a curva onde sabia que me levava às alturas...

— Oh! Sim.

— Dói?

— Sim. — Eu disse, minha voz rouca de desejo. — Mais uma vez.

Ele mordeu e sugou a pele do meu pescoço e seios. Eu pensei que explodiria. A dor pulsava, percorrendo meu corpo, uma sensação de prazerduro, cruel e aquecido. Ele abriu minhas pernas enquanto chupava a pele do meu ombro. Minha boceta estava pronta para ele. Ele se ajoelhou entre minhas pernas, colocando a cabeça entre elas, percorrendo beijos das minhas coxas a pélvis.

— Ah, sim. — Eu gemi alto.

Ele deu um tapa na minha coxa, e a picada foi direto para minha boceta. Ele se inclinou e mordeu onde bateu, delicadamente, em seguida, mais forte, eu proferi maldições. Eu não queria que ele parasse. Eu queria sentir isso. Tudo isso. Sua língua deslizava sobre o meu clitóris enquanto colocava minhas pernas contra o peito, os dentes na minha fenda molhada. Seus dedos riscavam a minha pele e pousaram no meu buraco, empurrando para dentro. Parecia, cru, apaixonado, tudo me consumindo.

Ele chupou meu clitóris, e colocou dois dedos dentro de mim, um na minha boceta e a outra no meu ânus transformando dor em prazer, aumentando a pressão. Estendendo a outra mão, ele colocou três dedos na minha boca, e eu me senti presa

e impotente, como um peixe fígado. A dor era minha única companheira quando a inundação de prazer veio. Eu gritei em seus dedos, arqueando as costas e bunda para fora do colchão.

Ele me manteve imóvel, com os dentes, dedos e língua, lambeu e chupou até que o prazer virou dor, e as lágrimas escorreram pelo meu rosto. Com o rosto dentro das minhas coxas, ele a beijou, e depois beijou minha barriga, lambendo o piercing de diamante no meu umbigo que passou a significar a sua propriedade sobre mim. Eu respirava pesadamente, os olhos semicerrados em êxtase pós-orgasmo.

— Eu vou estar toda dolorida amanhã.

Ele beijou minha bochecha, puxando o joelho de volta para seu peito, empurrando levemente minha perna até que descansasse sobre seu ombro. — Você não tem ideia de quão dolorida você vai estar.

Eu estava tão molhada de sua boca e da minha própria excitação que ele deslizou completamente todo seu caminho dentro de mim em um só golpe.

— Faça isso. — Eu ofeguei. — Faça-me dolorida. Faça-me ferida novamente.

— Eu posso fazer isso doer. Qual sua palavra segura? — Ele me fodeu lentamente, com os joelhos debaixo dele, a minha perna sobre o seu ombro.

— Tange-caralho-rina. — Eu senti meu orgasmo arranhando e choramingando na porta. Ele queria isso, mas Jonathan não pensava assim e foi com cuidado.

— Eu preciso que você me prometa uma coisa. — Ele disse.

— Qualquer coisa.

— Você vai me deixar cuidar disso a minha maneira. — Ele me fodeu com mais força, agarrando meus braços.

— Sim.

— Você não vai interferir. — Ele continuou, a dor batendo profundamente no meu interior.

— Sim, senhor.

— Diga.

— Senhor. Não irei interferir. Basta terminar. Por favor. — Ele deu um tapa no meu seio, em seguida, apertou dolorosamente antes de bater novamente. — Sim. — Eu choraminguei.

Ele continuou me machucando apenas o suficiente para aumentar a sensibilidade, batendo-me com exuberância enquanto eu gritava sim, sim, para que ele não parasse. Ele bateu em meus seios, minha bunda, minhas coxas, sem humilhação ou punição. Só alegria. Ele fez isso porque eu gostava, e ele gostava. Juntos, estávamos com os rostos vermelho, próximos ao orgasmo, às vezes gritando, torcendo, pedindo, fodendo desavergonhadamente nossas necessidades mais secretas, profundas e difíceis, um do outro.

E quando as nuvens negras se reuniram, unindo em uma parede sólida de sensação, bloqueando a luz do sol e do céu, eu tive o seu nome em meus lábios. Dor e prazer tornaram-se indistinguíveis, e eu me fechei em uma bola apertada. Seu rosto estava perto do meu. Eu estava presa em um nó de pressão, ele deixou-me de quatro, expondo minha sensibilidade. Eu peguei o último fragmento do seu orgasmo, meu mundo clareou e eu pude ver o céu novamente. Ele baixou a cabeça na curva do meu pescoço e mordeu. A dor me trouxe de volta à mim, como uma chamada me despertando de um sono profundo.

Quando sua boca afrouxou e seus gemidos pararam, eu disse. — Ai!

— Sinto muito.

Virei a cabeça para ele e sorri do absurdo. Ele se juntou comigo na risada, segurando minha cabeça próxima enquanto nos beijávamos, sorrindo. Eu mesmame destorci e deitei plana, articulações e músculos frouxos. Eu sabia que sofreria amanhã por conta desta maldita promessa que eu não tinha a intenção de cumprir.

Capítulo Catorze

Jonathan

Eu pedi café na lanchonete da esquina, e

quando o entregador tocou a campainha, eu estava no quintal arrumando a mesa. Eu ouvi a porta do banheiro fechando. Ela estava acordada.

O que Monica não sabia e o que me ajudou a dormir, foi que sua casa foi varrida duas vezes por causa das câmeras enquanto ela passou semanas dormindo no sofá de seu amigo. A casa estava limpa, então me senti bem em dar-lhe a foda mais dura que eu tinha dado a qualquer uma na minha vida. Mesmo com Sharon, que havia sofrido recebendo pancadas e colocando toda sua merda fora, a ponto de um colapso emocional, eu tinha sido mais cuidadoso. Ela era quebrável. Outros haviam feito um bom trabalho para provar isso.

Monica, por outro lado, era feita de um material resistente. Essa resistência estava se mostrando em sua insistência de ver a minha ex-esposa. Eu tinha um pressentimento de que, vendo Jessica em seus termos e em seu território, Monica estaria caminhando para algo mais do que ela poderia suportar. Ela pensou que iria ter uma conversa, mas seria um jogo. O resultado final seria nos separar por meias verdade casuais da minha ex-esposa e mentiras descaradas.

A ideia de que eu poderia manter o controle sobre Monica até que a coisa toda fosse embora parecia cada vez mais impossível. Eu não poderia de repente restringi-la. Ela estava acostumada a ser a sua própria mulher. Ela tinha que trabalhar, e tinha que tocar música. Eu não poderia colocar uma equipe de pessoas sobre ela quando havia ficado arrasada sobre as câmeras na sua casa. Eu tinha que fazer com que ela não quisesse ver Jessica e a única maneira de fazer isso indicar que os problemas que ela estava causando parecessem sem importância. Era uma boa estratégia, mas eu estava falhando nisso.

Ela saiu quando terminei de colocar o chá para fora. Ela usava um suéter preto de mangas compridas, gola alta e jeans skinny. Ela caminhou rigidamente, mas seu sorriso estava solto e descontraído.

— Bom dia. — Eu disse.

— O rei colocou a mesa.

— Ele está com fome. — Eu coloquei minhas mãos em seu pescoço e a beijei. Seus lábios se apertaram. Eu me afastei e vi o que a tinha feito estremecer - uma pequena mancha cinza-avermelhada, onde meu dedo tocou no seu queixo. Acariciando seu colarinho e o afastando, vi que seu pescoço estava coberto de marcas de mordida e hematomas. — Jesus Cristo.

Ela redobrou a gola até que o pescoço ficou coberto. — Eu não sabia se devia lhe mostrar ou não.

— Levante. — Eu puxei a bainha de seu suéter. Ela mordeu o lábio. — Vamos lá.

— A última vez que tive uma aparência assim, você se sentiu muito mal com isso para me foder.

Puxei o suéter. Ela levantou os braços, o rosto contorcendo de dor. Tirei a blusa completamente, e ela virou a cabeça para que o colarinho pudesse expandir ao seu redor. Ela estava nua diante de mim, da cintura pra cima, parecendo como se tivesse sido espancada em um beco. As curvas em seus seios estavam vermelha escura onde os vasos sanguíneos tinham rompido sob os meus dentes, e os próprios mamilos estavam machucados. A curva do pescoço tinha a mesma mancha da

pancada. Seus bíceps estavam enegrecidos em formas de dedo. Toquei-os levemente, puxando os meus dedos para baixo, para as marcas desenhadas e estriadas em seus cotovelos.

— Seus joelhos?

— Sim. — Ela disse. — As marcas são as mesmas. Você me amarrou muito apertado.

— Você disse que se sentia bem.

— Eu disse.

— Suas coxas? Sua bunda?

— Estou bem. — Ela colocou a mão no meu rosto, mas eu não queria ser consolado. Eu desabotoei suas calças.

— Vamos. — Eu disse. — Deixe-me ver.

Ela deslizou as calças para baixo, com dor em seu rosto. Ela teria que colocá-la de volta e isso doeria, mas era tarde demais para desfazer o pedido. Eu me ajoelhei, deslizando o jeans sobre suas pernas. Suas coxas estavam uma bagunça, e os joelhos, de fato, tinham as mesmas marcas que tinha no cotovelo de quando eu a tinha amarrado juntos com uma extensão.

— Não se arrependa. — Ela disse, acariciando meu cabelo enquanto eu beijava as pernas machucadas.

— Eu estou.

— Eu disse para não ficar.

— Eu não recebo ordens.

— Você deveria tentar. É incrível.

Da minha posição de joelhos, eu a coloquei em uma cadeira e abri suas pernas, beijando a devastação dentro delas. Eu não tive uma mãe que me curava com um beijo o meu joelho arranhado, mas eu não tinha outra maneira de mostrar-

lhe a dor no meu coração ao vê-la ferida, e sabendo que eu tinha feito isso e eu faria isso de novo e de novo.

— Você só gozou seis vezes na noite passada. — Eu disse. — Eu prometi sete.

— Eu não conseguiria mais.

Eu sondei suas dobras com a minha língua. — Começo isso agora.

— Eu preciso do meu chá. — Ela gemeu, passando os dedos pelo meu cabelo. Eu não iria tocá-la com qualquer coisa, senão minha boca. As minhas mãos haviam feito bastante dano. Embora a dor fosse bem vinda algumas horas antes, a consequência seria a dor direta, sem o acompanhamento do prazer. Eu teci meus braços ao redor dela até que suas mãos encontraram as minhas, e apertou-as enquanto a minha boca trabalhava a serviço dela. Suavemente. Sem urgência. Sua boceta doce edolorida tinha gosto acobreado, como carne crua, mas ficou molhada e ágil, o clitóris inchado, duro e liso debaixo de mim.

Ela gemia enquanto eu a trabalhava com a minha língua e os lábios, os dentes guardados. Eu olhei para a pele ferida do seio, fazendo contato com seus olhos enquanto seus lábios sussurravam meu nome, e eu rezava para qualquer divindade me ouvisse, por favor, por favor, não a deixe ir embora. Ela arqueou, cerrada, ofegante como uma bela gatinha que era. Quando me inclinei para ela, sua boceta doce em meus lábios, meu celular apitou.

— Você vai atender isso? — Ela perguntou.

— Quando terminar de te beijar. — Eu coloquei minhas mãos sobre os braços da cadeira e lentamente coloquei meus lábios nos dela. Eu queria um momento sem pressa de perdão e bondade.

— Você pode fazer amor comigo? — Ela perguntou.

— Não.

— Por que não? — Ela enrolou suas pernas em volta de mim. Eu sabia que doía.

— Estou lisonjeado, mas simplesmente não estou atraído por você.

Ela tinha a mão na minha ereção antes que eu pudesse recuar. — Sério? — Ela sorriu, me beijando e me acariciando.

— Isso? Isso não é nada. Algo que deixei no meu bolso. — Ela poderia acariciar meu pau durante todo o dia, mas não havia nenhuma maneira de que eu a tomara na condição de que ela estava por dentro

— Por favor? Eu vou implorar.

— Oferta tentadora. Mas estou com fome. — Eu me afastei. Quando me sentei para tomar café da manhã, meu celular apitou novamente, então tocou.

— É melhor você verificar isso. — Monica disse, puxando o suéter por cima da cabeça. — Poderia ser um inferno imponente no Hotel K e você não saberia sobre isso, porque estava comendo ovos.

Eu verifiquei. Margie. E era domingo. Olhei para Monica então guardei o telefone.

— Jonathan, eu vejo em seu rosto. Atenda à ligação, você deveria. — Ela entrou na calça jeans cautelosamente, olhos como moedas de chocolate, olhando para mim como se eu estivesse falando sério sobre nada.

— Guarde um pouco pra mim. — Eu disse quando comecei a me afastar da mesa.

— Você tem o suficiente para um campo interno e todo mundo do banco.

Tirei meu celular do meu bolso e desci as escadas para a garagem. Com um olhar para trás, vi minha deusa abotoando a calça, eu atendi o telefone. — Margie. Trabalhando no dia do Senhor?

— Seus problemas nunca descansam, Jonny. Sua bela e talentosa ex-esposa quer uma reunião.

— Hoje? — Subi ao alpendre da Monica, percebendo que o rachado que deslizava pela fundação ainda não tinha se resolvido.

— Terça-feira. E uma má notícia, você está sentado?

— Desembuche. — Eu sentei no balanço da varanda. Ele rangeu.

Margie deu um suspiro profundo de um fôlego, o que ela nunca fez, porque ela era totalmente imperturbável.

— Vamos lá. Fale. Estou sentado.

— É sobre Rachel.

O meu cérebro parou de funcionar.

— Jonny?

— Você pode ser mais específica?

— Por que você a transferiu há um mês?

Ouvi Monica arrumando pratos e talheres juntos. Se eu podia ouvi-la, ela podia me ouvir se eu não tivesse cuidado. Mesmo permanecendo enigmática, Monica tinha curiosidade intelectual o suficiente para ligar os pontos em uma forma deteia de mentiras.

— Eu a transferi para proteger alguém.

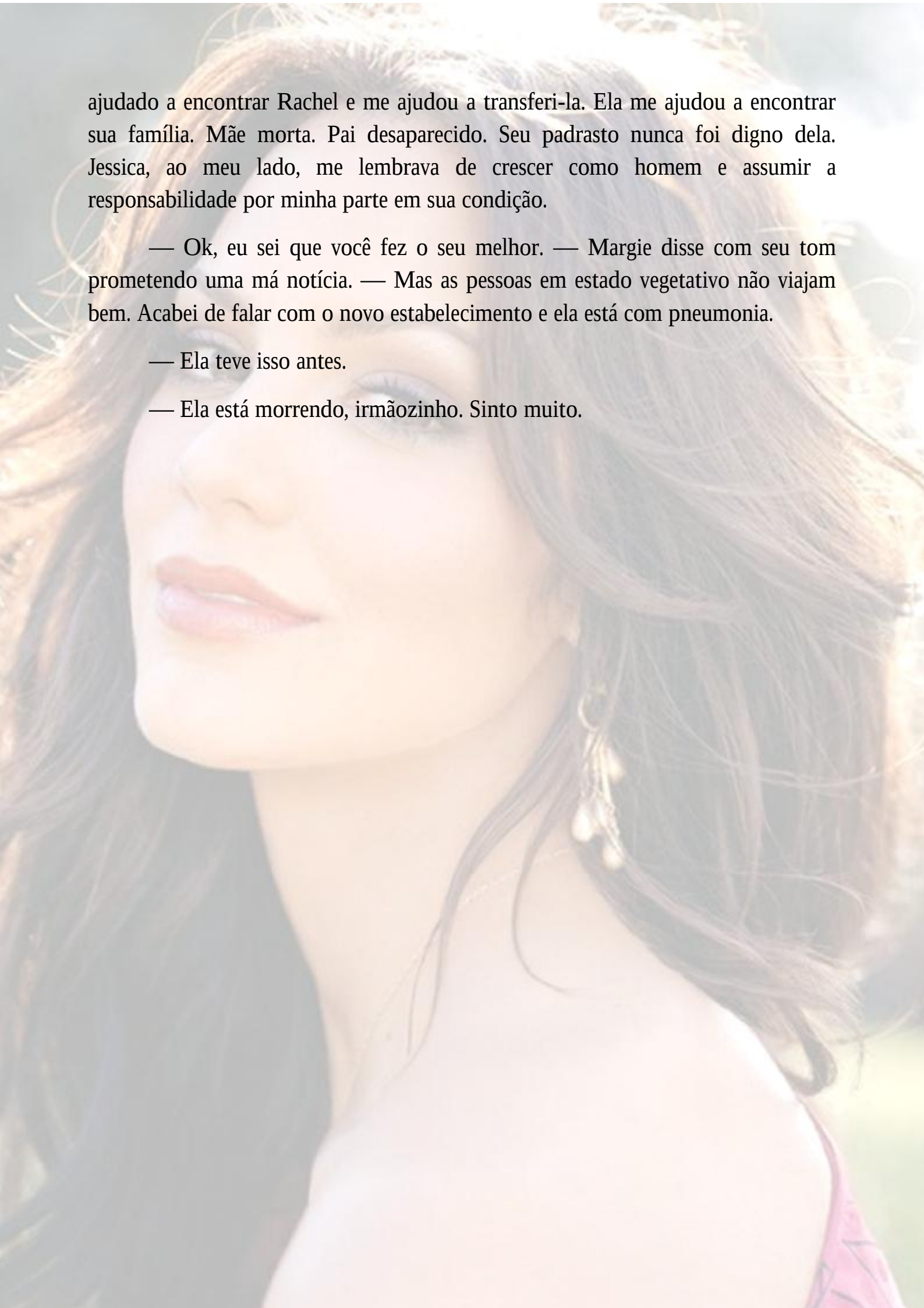
— Monica? Ou você mesmo?

— Sim. Eu sou um idiota egoísta. Eu tenho alguém que não quero perder, e eu precisava proteger isso. Se eu a deixasse onde estava, Jessica poderia ter mostrado a Monica onde ela estava. Eu precisava manter um pouco de negação plausível.

Eu tive uma crise de pânico muito séria quando Debbie me ligou há seis semanas disse que Jessica tinha aparecido noStocke disse algo tão perturbador para Monica que ela ficou visivelmente abalada. Eu estava convencido de que Jessica insinuou coisas sobre Rachel. Porque todo mundo se preocupava com ela, e havia dolorosamente algumas, pensando que ela estava morta.

Ela não estava. Não completamente.

Jessica sabia de tudo. Na nossa festa de noivado, eu fui hipnotizado como uma piada da festa e me lembrei de que o uísque tinha me desmaiado. Rachel tinha sobrevivido ao acidente. Ela não morreu. Mas na noite de Natal na chuva, ela foi puxada para fora do mar, com uma parte de seu cérebro intacto. Jessica tinha me



ajudado a encontrar Rachel e me ajudou a transferi-la. Ela me ajudou a encontrar sua família. Mãe morta. Pai desaparecido. Seu padrasto nunca foi digno dela. Jessica, ao meu lado, me lembrava de crescer como homem e assumir a responsabilidade por minha parte em sua condição.

— Ok, eu sei que você fez o seu melhor. — Margie disse com seu tom prometendo uma má notícia. — Mas as pessoas em estado vegetativo não viajam bem. Acabei de falar com o novo estabelecimento e ela está com pneumonia.

— Ela teve isso antes.

— Ela está morrendo, irmãozinho. Sinto muito.

Capítulo Quinze

Monica

Jonathan deixou-me com um monte de café

da manhã.

Ele voltou sem cor no rosto, parecendo como se estivesse a quilômetros de distância. Sem chance no inferno de falar um bom fodido adeus, eu andei para fora.

— Eu vou ficar fora por uns poucos dias. — Ele disse. — Eu sinto muito.

— Nós conversamos sobre isso. Você viaja. Está tudo bem.

Ele parou no meio na varanda, na metade do passo quando se virou para mim. — Você prometeu que não iria ver a minha ex-mulher.

Isso foi um comentário difícil de responder. Se eu lhe dissesse que tinha a intenção de ver Jessica, ele se preocuparia desnecessariamente. Se eu dissesse que não, estaria mentindo. — Jonathan, sinceramente, promessas feitas, enquanto estou em uma posição submissa não deve contar.

Ele fez uma pausa, olhando para as nossas mãos entrelaçadas. — Provavelmente não.

Mesmo doendo levantar meus braços, coloquei minhas mãos em seu rosto. Ele não parecia bem. Sua pele estava fria. Realmente deve ter sido um inferno imponente no Hotel K.

— Eu tenho um encontro com ela na terça-feira. — Ele disse. — Você pode esperar até depois disso?

— Eu não vejo por que não.

Minha furtiva não promessa deve ter sido completamente transparente para ele. Havia uma boa chance de uma única vez que eu fosse vê-la, quando ele estivesse fora da cidade e incapaz de usar seu pau para me seduzir. Ele sabia disso. Eu sabia. Fingiro contrário seria um absurdo. No entanto, nós fingíamos. De alguma forma, ele estava disposto a aproveitar a oportunidade e desceu os degraus para sua moto após um profundo e emotivo beijo de despedida que me deixou saber que ele ainda era meu dominador e rei.

Limpei o café da manhã e me vesti para ensaiar. Eu tinha muito a dizer sobre a dor e sua relação com o desejo, glória e satisfação. Talvez eu tivesse muito a dizer, porque escrevi um passeio de sete páginas de uma canção com três refrões e versos alternados até o fim. Eu ainda me sentia como se eu não tivesse um arranhão na superfície.

Meu corpo doía. Eu estava cansada. Eu me senti isolada. O toque de Jonathan ficou em mim na dor entre as minhas pernas, a crueza dos meus lábios, a mordida afiada da dor quando mexia meus braços. Eu puxei minha gola pra cima do meu rosto para ver se o cheiro permanecia. Ele permanecia, mesmo que apenas um pouco, e eu mantive a gola para cima, apesar de ter passado o calor do meu desejo a cada inspiração.

Dois dias. Como eu poderia passar tanto tempo? Como eu poderia pensar em outra coisa? E o que aconteceria na próxima viagem de duas semanas? Será que ele pensa que eu concordaria em ir com ele todas as vezes?

Quando percebi que eu estava olhando fixamente para a tecla do piano por 12 minutos, desliguei o metrônomo e me arrastei para a cama. Nossos perfumes permaneciam nos lençóis como as divindades gêmeas, dor e prazer, me embalando para dormir com o pensamento de sua perfeição harmonizada.

Capítulo Dezesseis

Monica

Acordei quando o céu estava derretendo

do claro ao escuro, e o ninho de grilos do lado de fora da minha janela começou a gritar a sua chamada de acasalamento. Toda coisa viva estava tentando foder, exceto eu. Minhas dores levaram há um novo nível de nitidez depois de um descanso decente, e o cheiro de sexo me deixava exausta. Tirei a roupa de cama.

Eu trouxe pilhas de roupas de Darren de volta. Eu não havia usado a lavanderia do seu prédio a menos que fosse absolutamente necessário, mas eu estava em casa agora. Os lençóis precisavam ser lavados, assim como as toalhas, e as minhas roupas, obviamente. As lingerie Bordelle lavei a mão carinhosamente, acariciando-lhes por todo caminho.

Passei pela porta fechada de Gabby uma dúzia de vezes. Essa parte da casa era minha como sempre foi, mas eu ainda não podia entrar sem Darren. Eu ainda trançava meu cabelo por ela. Eu ainda mantinha o pouco da música que ela havia escrito para integrar a minha, para salvar o seu nome e seu legado.

A bateria do meu telefone havia acabado, então o coloquei para carregar e fui fazer limpeza nos banheiros e no chão da cozinha, fazendo todas as coisas que

negligenciei enquanto estive fora. Na minha mente, o metrônomo marcava em quatro a quatro tempos. A canção foi borbulhando, e minha mente verbal esperou pacientemente enquanto o meu cérebro não-verbal processava o ponto e finalidade disso.

Eu estava na varanda sacudindo a poeira para fora do sofá quando o telefone soou. Deveria ser Jonathan dizendo algo que me faria sorrir. Eu corri para ele.

- Você está aí? -

-Sim -

- Eu sinto suas mãos no telefone-

- Eu já sinto saudades. Podemos nos ligar? -

- Não. Somente checando. Eu me sinto bem sabendo que você está aí e é minha -

O subtexto era que ele se sentia bem sabendo que eu estava lá, fazendo o que me disse. O que significava, sem Jessica. Ele pensava muito pouco de mim se acreditasse que eu era obediente, ou muito por acreditar que aceitaria a mensagem certa de tão poucas palavras. Ou talvez eu devesse levar em conta.

Entediada, verifiquei meu e-mail pelo telefone. Eu não tinha colocado em roaming digital de fora do estado, e, em seguida, o telefone morreu, e o fato era, e-mail não era a minha praia. A maioria das minhas interações sociais eram locais e feitas com uma chamada de telefone ou texto.

Mas isso não poderia ser dito para todos. Eu tinha dado a Harry Enriqueça minhas informações depois do BC Mod show, e surpreendentemente, ele usou para me enviar uma nota pessoal sexta-feira cedo.

Srta. Faulkner,

Foi um prazer ouvir o seu trabalho esta noite. Eu entendo que Eddie Milpas vem trabalhando para assinar conosco. Por que você não vem ao nosso escritório terça-feira para discutir?

Abraços,

Harry

PS - Você tem representação?

Eddie estava trabalhando para eu assinar? Parecia que ele estava tentando colocar uma coleira no meu pescoço e me algemar a uma vitrine, mas quem era eu para questionar?

Meu telefone tocou enquanto ele ainda estava na minha mão. Eu não costumo responder números que não conhecia, mas o botão verde era um reflexo, e coloquei o telefone no meu ouvido. — Alô?

— Alô. — A voz era feminina e tensa como um tambor. Agradável, mas não efusiva. Congratulando-se, mas não quente. — Aqui é Jessica Carnes. Estou falando com Monica?

— Sim. — Eu sentei no banco do piano, desejando que não tremesse. Todos os avisos de Jonathan e os eventos dos meus dois encontros anteriores com Jessica soltou meus nervos. Eu tinha que me lembrar de canalizar isso, com dedicação total para a autogestão, não importando os sentimentos.

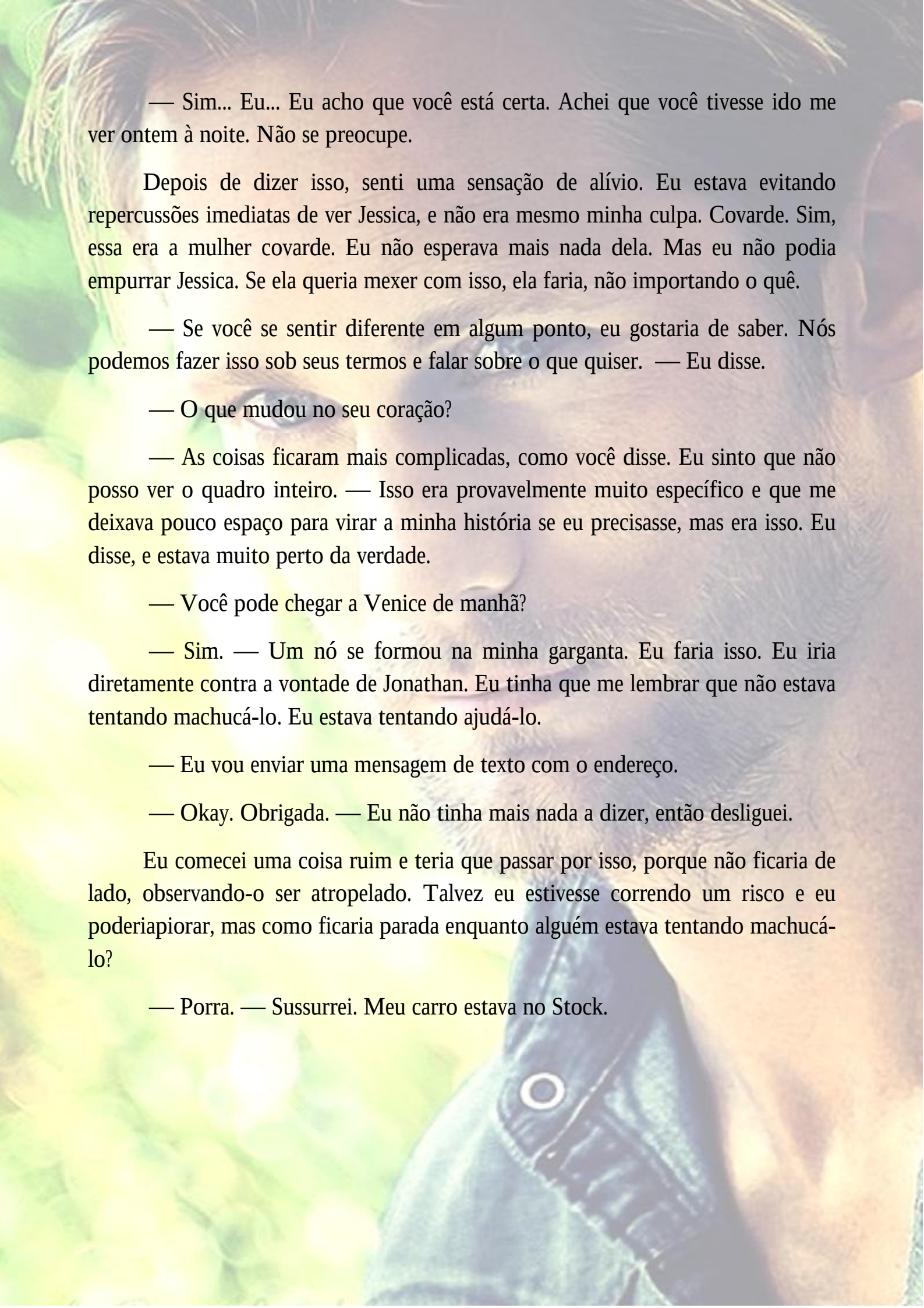
— Como você está? — Ela perguntou.

Eu não tinha uma resposta preparada. Sem história para contar para conseguir o que eu queria. — Eu estou bem. Você?

— Muito bem, obrigada. — Disse ela. Eu não achei que tinha outra amenidade em mim, e ela me salvou disso. — Você me deixou uma mensagem?

Oh, ela iria me fazer perguntar. Ela não estava me dando uma polegada ou admitindo que ela tinha feito o primeiro contato. Ela não admitiria que tinha aparecido no meu trabalho num horário qualquer da manhã. — Eu pensei que você se ofereceu para me encontrar.

— As coisas ficaram um pouco mais complicadas, desde que nos falamos da última vez.



— Sim... Eu... Eu acho que você está certa. Achei que você tivesse ido me ver ontem à noite. Não se preocupe.

Depois de dizer isso, senti uma sensação de alívio. Eu estava evitando repercussões imediatas de ver Jessica, e não era mesmo minha culpa. Covarde. Sim, essa era a mulher covarde. Eu não esperava mais nada dela. Mas eu não podia empurrar Jessica. Se ela queria mexer com isso, ela faria, não importando o quê.

— Se você se sentir diferente em algum ponto, eu gostaria de saber. Nós podemos fazer isso sob seus termos e falar sobre o que quiser. — Eu disse.

— O que mudou no seu coração?

— As coisas ficaram mais complicadas, como você disse. Eu sinto que não posso ver o quadro inteiro. — Isso era provavelmente muito específico e que me deixava pouco espaço para virar a minha história se eu precisasse, mas era isso. Eu disse, e estava muito perto da verdade.

— Você pode chegar a Venice de manhã?

— Sim. — Um nó se formou na minha garganta. Eu faria isso. Eu iria diretamente contra a vontade de Jonathan. Eu tinha que me lembrar que não estava tentando machucá-lo. Eu estava tentando ajudá-lo.

— Eu vou enviar uma mensagem de texto com o endereço.

— Okay. Obrigada. — Eu não tinha mais nada a dizer, então desliguei.

Eu comecei uma coisa ruim e teria que passar por isso, porque não ficaria de lado, observando-o ser atropelado. Talvez eu estivesse correndo um risco e eu poderiapiorar, mas como ficaria parada enquanto alguém estava tentando machucá-lo?

— Porra. — Sussurrei. Meu carro estava no Stock.

Capítulo Dezesete

Monica

O Corvette preto parou em frente da

casa, descendo agradável e lento. Robert se preocupava com sua direção enquanto a maioria das pessoas se preocupava com coisas vivas. Eu pulei para baixo da varanda e encontrei-o no meio-fio.

— Obrigada. — Eu disse, entrando. Eu estava mais ou menos no meio do vale, mas ainda era um inconveniente para ele.

— Porra de colina, cara. — Ele colocou o carro em marcha e avançou para descer.

— Quando eu era criança, descia de bicicleta sem as mãos.

— Aposto que você fazia isso. — Ele fez uma breve pausa. — Então, seu carro está no trabalho, certo?

— Sim.

— Você foi para casa com a cara do Hotel K? Amigo de Sam e Debbie?

— Você tem algum problema com isso?

— Não, cara. Apenas curioso com o negócio dele.

Eu não sabia o que ele queria dizer, e não queria saber o que ele quis dizer. Eu só queria pegar meu carro. Eu não queria ouvir qualquer coisa que Robert poderia ter visto ou ouvido. Nada. Nem uma palavra.

Ficamos em silêncio até Temple, de Hill, perto do edifício talvez uns 10 minutos, até que parou em um semáforo a uma quadra do hotel. Foi o mesmo semáforo que Jonathan tinha parado quando me conheceu depois do trabalho e disse-me que ele sempre amaria sua ex-esposa.

— O que você *acha* que é o negócio dele? — Eu perguntei.

Robert saiu de uma espécie de devaneio. — Huh? Quem?

— Jonathan, o cara do Hotel K?

— Merda, eu não sei. Ele estava lá o tempo que você não podia falar, então ele se foi, então...algumas semanas, ele estava no canto tagarelando com Debbie e Sam o tempo todo. Mas não quando você estava lá. Apareceu ontem à noite, você está lá. Eu não sei. Só perguntando.

— Pergutando o quê?

— É sério, ou o quê?

— Sim. É sério. — Disse.

— Tudo bem. Obrigado por deixar um cara saber.

A luz mudou, e eu ri de mim mesma.

— O quê? — Ele virou-se para o estacionamento.

— Eu pensei que você me diria que o viu com outras mulheres.

Ele olhou para mim e sorriu, virando-se para o local dos empregados. — Os caras não deduram outros.

— Robert! Nunca...

— Mas não havia nada para delatar. Sério. Pare com essa coisa de menininha. Isso não combina com você. — Ele parou ao lado do meu Honda preto.

— Tudo bem. Eu não teria acreditado em você de qualquer maneira. — Eu encarei meu carro e saí.

Robert desligou o motor e puxou sua pequena mochila preta da parte de trás. — Você acha que eu mentiria? — Ele pendurou a mochila no ombro musculoso. — Eu não estou dizendo que fiquei com minha cabeça ocupada por você por uma noite, mas não mentiria para fazer isso.

— Eu não acho que você mentiria. — Disse entrando no meu carro. — Eu acho que você poderia ter entendido mal.

— É aí que você está errada.

— Ah, é mesmo?

— Sim. Se eu o visse com alguém, e isso fosse algo, eu saberia.

Olhei-o de cima a baixo. — Você sabe o quê? Eu acredito em você. — Eu virei a ignição. Nada aconteceu. Somente um clique. — Uh oh. Você tem tempo para me dar uma ajuda?

— Vire novamente.

Eu fiz. Um clique, então, nada.

— É o seu arranque. — Ele caminhou até a frente do carro e bateu no capô. — Abra.

Eu fiz. Ele levantou o capô e chocou-se com a chave de metal.

— Devo ligá-lo de novo?

— Sim.

Eu fiz. Mesma coisa. Eu saí e estava ao lado de Robert quando ele brilhou a luz de seu telefone para o motor, analisando a massa de fios, compartimentos e mangueiras. Eu sabia o que era mais do mesmo, mas não como arrumá-lo.

— Tudo bem. Se você tem um arranque ruim, eu posso ouvir o estrondo enquanto você tenta. Às vezes, esse tipo acontece. Mas você precisa de um novo, provavelmente.

— Merda.

— Sim, exceto... Ele deve ficar lá. Atrás e embaixo da bateria, passando por esses fios que servem de eletricidade. Mas há furos. No arranque.

— O que você quer dizer?

Ele olhou mais de perto, em seguida, ficou debaixo do carro. Inclinei-me, espantada em como ele apenas rastejou sob um chasis por curiosidade.

— Você quer uma lanterna adequada? — Eu perguntei. — Eu acho que tenho uma no porta malas.

— Não. Eu estou lhe dizendo. Não há nenhuma porra de motor de arranque neste carro. Ele foi roubado.

— Meu motor de *arranque*? Eles são caros?

— Trezentos. Duzentos? Olha, eu sei que é estranho, mas... — Ele encolheu os ombros.

— Oh meu Deus. — Eu disse percebendo quem faria a operação necessária para remover um motor de arranque de um carro japonês de doze anos de idade. — Porra do Jonathan. Filho da puta maldito.

Ele tinha me deixado presa. Eu não poderia ir para Venice sem um carro. Um táxi custaria uma fortuna, e se existisse um ônibus que sairia da cidade, levaria horas de qualquer maneira. Eu não poderia arrumar o carro a tempo para uma reunião em Culver City na parte da manhã. Foi por isso que ele tinha saído tão facilmente. Ele afastou-se aceitando que eu não tinha a intenção de manter qualquer promessa que fiz enquanto minhas pernas estavam espalhadas. Eu deveria saber que ele faria isso.

— Eu tenho que começar a trabalhar. — Disse Robert. — Você quer chamar um reboque?

— Não. Eu vou avaliar isso.

— Como você vai voltar para casa?

— Eu não vou. Eu vou subir e conseguir um uísque. Então vou sair. Se não posso dirigir, eu posso beber.

— Debbie vai fazer você pagar por isso.

— Tudo bem. Não ficarei muito quebrada por um pouco de álcool. — Eu peguei meu telefone quando chegamos ao salão por trás e rolei para último texto de Jessica. Eu não queria falar com ela. O gelo em sua voz me colocou no limite. Eu não tinha ideia de como lidaria com a nossa conversa amanhã.

— Você pode conseguir um cara no bar para comprar alguns. — Robert disse, parando nos armários.

— De jeito nenhum.

- Desculpe. Não posso ir a Venice amanhã. Talvez em algum lugar mais a leste? -

— Por que não? É apenas uma bebida.

— É traição.

— As meninas são loucas. Estou lhe dizendo, se eu fosse uma menina e eu tivesse uns bons seios, eu nunca pagaria por uma bebida.

- No meu estúdio em Culver City, então? -

Eu amei como ela conseguiu manter isso em seu território. Se eu sugerisse pelo parque local Echo, ela provavelmente conseguiria encontrar um lugar que ela alugava, fosse proprietária ou regularmente frequentava.

— Se você fosse uma menina com belos seios. — E disse. — Você seria a única que tudo o caragostaria de transar, mas odiaria. Você teria uma sequência de caras de uma noite ou uma semana para se apoiar, até que o cara visse que você deixou outro te comprar uma bebida. Então você só atrairia caras que procuravam gastar pouco dinheiro e querendo colocar o pau em algum lugar confortável. Você acordaria um dia com cinquenta anos de idade com um par de seios não tão bom mais, e você gostaria de ter comprado sua própria bebida.

- Ótimo. Obrigada pela mudança. Vemo-nos as dez? -

Robert e eu caminhamos juntos. — Você não sabe nada sobre os homens. Claro, poderíamos pegar uma bebida para uma garota como você para chegar nisso. Mas ser visto com você? Isso é o que recebe de *outras* meninas. Viu do que estou falando?

— Não. Eu ainda vou comprar minhas próprias bebidas.

— Que seja.

Sentei-me na esquina no mesmo lugar que Jonathan era conhecido por ocupar e tentei arranjar um carro para a manhã seguinte. Darren tinha que trabalhar no dia seguinte, mas uma vez que ele descobriu o que eu estava fazendo, se recusou a me ajudar e me pediu para deixá-lo na parte da manhã e emprestar seu carro, enviando-me mensagens de texto como se fosse a porra do meu terapeuta:

- **Você tem um jeito de sabotar sua própria felicidade. Estou optando por ir contra -**

Um cara com olhos castanhos escuros brilhantes, cabelo preto bagunçado, e uma boca como de uma estrela de cinema se apoiou no bar perto de mim. — O que você está bebendo?

— Xixi e vinagre. — Eu estava ocupada respondendo a acusação de Darren em um turbilhão.

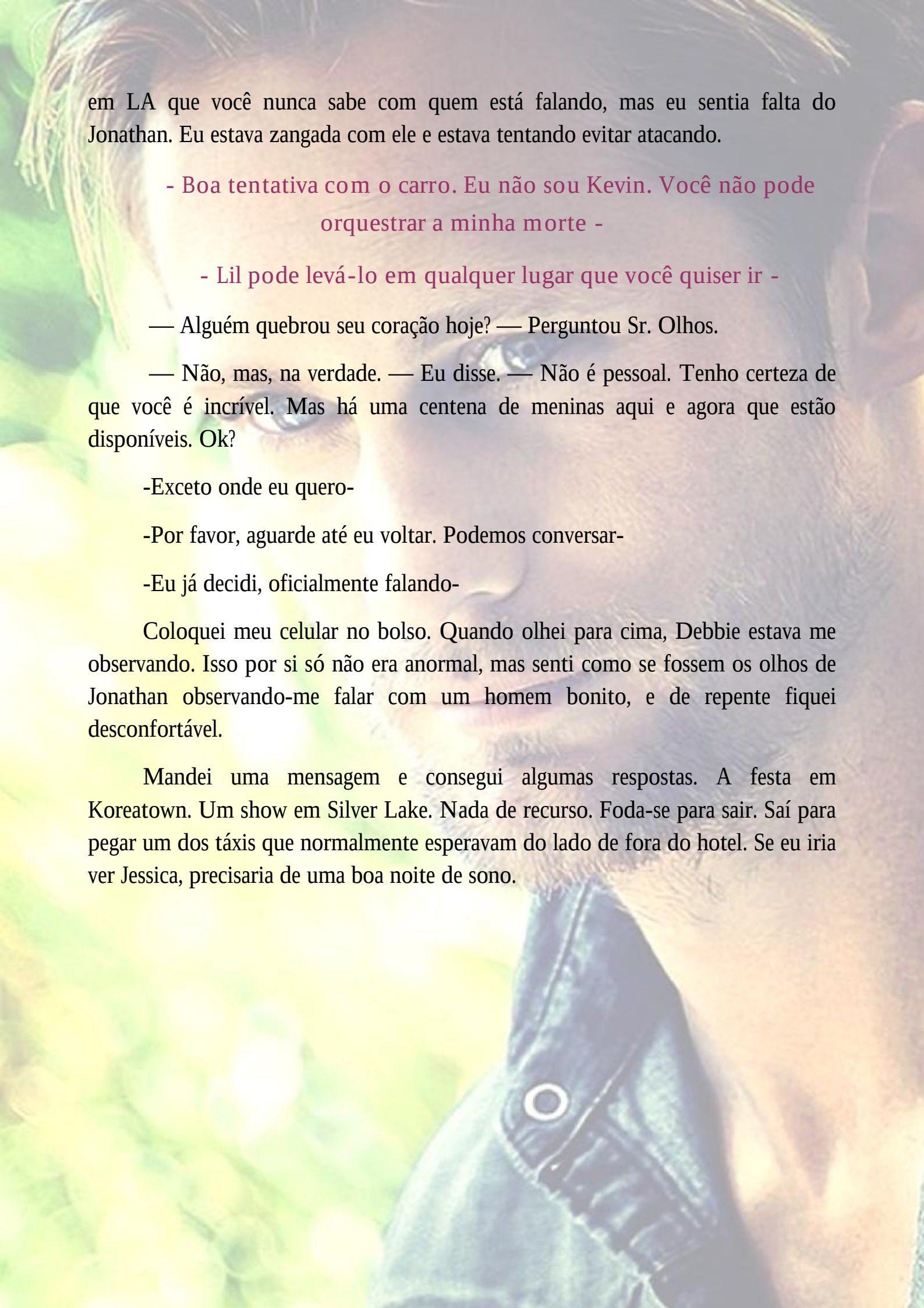
— É uma coisa nova? — Ele perguntou. — O que está nele?

Tirei meus olhos do telefone por um segundo. — Xixi. Além disso, o vinagre.

Ele riu. Ignorando a porra da minha dica e se inclinou para mim. — Deixe-me levá-la a sua próxima. Eu vou mijar aqui sozinho.

Eu virei o restante do meu uísque, deixando o cubo de gelo permanecer em meus lábios. Eu os abri para tocar com a minha língua nele, lembrando-me de que Jonathan era o mestre de fusão do gelo. Eu deslizei o copo no Sr. Olhos e disse: — Mije seu pequeno coração fora.

Ele olhou para o copo vazio, em seguida, de volta para mim. Virei-me para o meu telefone. Eu deveria ter pensado melhor antes de ser uma cadela total, porque



em LA que você nunca sabe com quem está falando, mas eu sentia falta do Jonathan. Eu estava zangada com ele e estava tentando evitar atacando.

- Boa tentativa com o carro. Eu não sou Kevin. Você não pode orquestrar a minha morte -

- Lil pode levá-lo em qualquer lugar que você quiser ir -

— Alguém quebrou seu coração hoje? — Perguntou Sr. Olhos.

— Não, mas, na verdade. — Eu disse. — Não é pessoal. Tenho certeza de que você é incrível. Mas há uma centena de meninas aqui e agora que estão disponíveis. Ok?

-Exceto onde eu quero-

-Por favor, aguarde até eu voltar. Podemos conversar-

-Eu já decidi, oficialmente falando-

Coloquei meu celular no bolso. Quando olhei para cima, Debbie estava me observando. Isso por si só não era anormal, mas senti como se fossem os olhos de Jonathan observando-me falar com um homem bonito, e de repente fiquei desconfortável.

Mandeí uma mensagem e consegui algumas respostas. A festa em Koreatown. Um show em Silver Lake. Nada de recurso. Foda-se para sair. Saí para pegar um dos táxis que normalmente esperavam do lado de fora do hotel. Se eu iria ver Jessica, precisaria de uma boa noite de sono.

Capítulo Dezoito

Jonathan

As máquinas buznavam e suspiravam,

piscando como o painel de um 747. O quarto cheirava a álcool e carne agonizante, e na escuridão uma vez mulher bonita, inteligente, que foi reduzida, por mim, a uma pilha de células inativas. Eu estava dirigindo naquela noite. Bêbado. Chapado. Estúpido. Então, passivamente deixei minha família acobertar tudo enquanto eu me sentava em uma sala confortável sentindo pena de mim mesmo.

Dezesseis anos, um quarto escuro, e talvez ela finalmente conseguisse o que sempre quis. Ela queria ser livre de sua família, e no momento em que Jessica e eu a encontramos, eles estavam mortos ou desaparecidos. Ela queria ser livre da fome e da dor, e conseguiu isso. Mas eu não acho que isso era o que ela tinha em mente.

Eu fui de seu amante à seu guardião, porque ninguém mais se importava. Ela foi esquecida, e eu era o portador de sua memória. O homem que a destruiu se tornou seu guardião. Quando ela “morreu”, todos sentiam pena de mim. Mesmo que eu não tivesse nenhuma lembrança do que aconteceu, eu sabia que algo estava errado. Eu sabia que havia uma dívida a ser paga. Quando Jessica e eu descobrimos que ela estava viva e que foi enviada a uma equipe de homens e mulheres de boa aparência, eu esperava que ela estivesse em alguma casa suburbana com dois filhos e

um cachorro. Mas a trilha nos levou a uma instalação cara e secreta para as pessoas que não podiam se mover. Porra, como chorei e agradei a Deus e aos santos no ombro de Jessica.

Um milhão anos antes, tínhamos ficado de costas na grama de Elysian Park, onde minha família nunca nos encontrava. Rachel gostava de perguntar como era ser eu. Ela pensava que eu não tinha preocupação no mundo. Sim, o meu pai era um maldito psicopata, mas não ficava com os dedos dentro de mim como o dela, não gritava e me batia e me trancava na casa, como seu padrasto havia feito. O que quer que eu tenha suportado terminaria quando eu completasse vinte e um. Para ela, a luz no fim do túnel não tinha aparecido.

— Você deseja as coisas que não pode comprar? — Ela perguntou.

Eu olhei para ela. Lâminas de grama estavam na frente da minha visão, cortando seu rosto, que estava virado para mim. Seus olhos estavam marrom tabaco, grandes e claros com sol dentro deles. — Você é fascinada com dinheiro. — Disse.

— Eu acho que eu sou. — Ela sorriu. — Isso deixa você diferente, você sabe. Você fica destemido. É excitante, mais o menos. Observá-lo é como ver alguém que é realmente e verdadeiramente livre.

Eu ri. Eu nunca me senti livre na vida. — O que você deseja? Além do dinheiro.

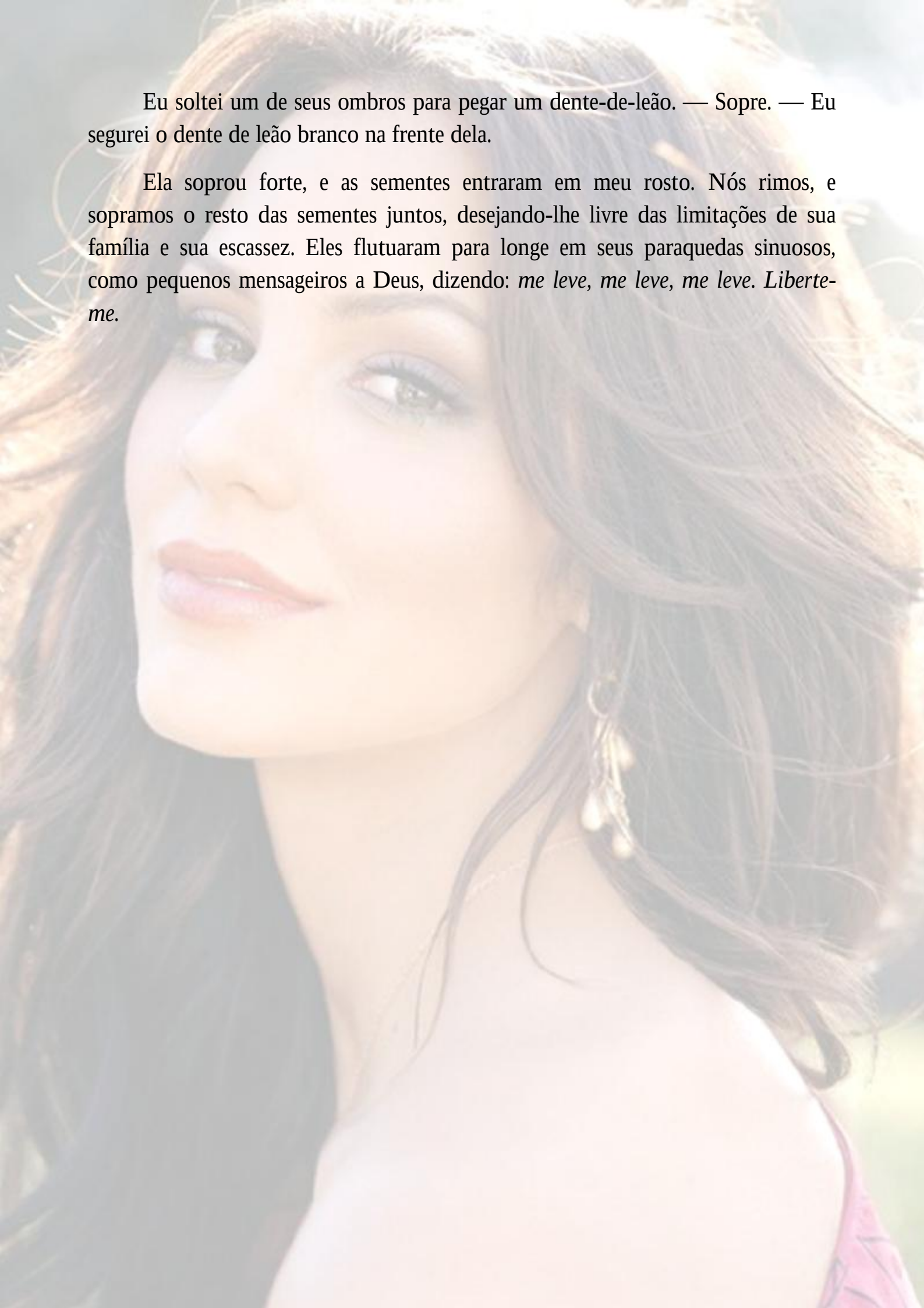
— Você me faz parecer como uma interesseira.

— Você é, mas você é terrível para isso. Eu acho que mais alguns anos e dormirei com o cara certo.

Ela se jogou em cima de mim e apertou meus lados. Eu ri e rolei-a até que a tive presa.

— Diga-me o que você deseja, e se for alguma parte do meu corpo, seu desejo se tornará realidade no Regency Hotel, em 40 minutos.

Ela riu e virou o rosto para a luz do sol. — Liberdade, Jonathan. Quero ser livre.



Eu soltei um de seus ombros para pegar um dente-de-leão. — Sobre. — Eu segurei o dente de leão branco na frente dela.

Ela soprou forte, e as sementes entraram em meu rosto. Nós rimos, e soprámos o resto das sementes juntos, desejando-lhe livre das limitações de sua família e sua escassez. Eles flutuaram para longe em seus paraquedas sinuosos, como pequenos mensageiros a Deus, dizendo: *me leve, me leve, me leve. Liberte-me.*

Capítulo Dezenove

O ônibus. West em Sunset. Do Sul, em

La Cienega. Uma hora e meia. Uma corrida de táxi da minha casa para o estúdio de Jessica era de cinquenta dólares a corrida. Eu desejei poder ter tirado cem dólares para o táxi de ida e volta do idiota do Jonathan, mas eu teria que esperar por mais um dia.

Eu usava mangas três quartos e calças compridas. Passei um lenço com um padrão de teia de aranha no meu pescoço para cobrir os hematomas. Eu me sentia com sorte que estava ficando frio, mas não tinha ideia de como esconderia a aspereza da minha vida privada alojada.

A caminhada foi um quarto de milha, mas foi legal, e eu estava usando sapatos confortáveis. Jonathan não tinha me mandado uma mensagem de volta na noite anterior, nem tive um toque até às nove horas da manhã. Ele estava com raiva? Ele estava me afastando porque não tinha caído no truque do arranque roubado? Ou foi a situação de emergência tão terrível que o afastou que não poderia me responder? Ambos me preocupavam. Eu tinha uma ansiedade torturante que piorava a cada passo na direção do estúdio de Jessica.

À frente, um grande caminhão branco estava estacionado e ligado fora da luz de um edifício industrial. O prédio foi pintado do lado leste com uma cor elegante de carvão, com acabamento branco e chartreuse, um caravestido de coelho corria dentro e para fora com tubos de diâmetro de seis polegadas. Eu verifiquei o endereço, e tinha certeza que era o correto.

Um cara com uma camisa polo colocou cones alaranjados na calçada, me parando. — A rua está fechada.

— Aqui é o 1238?

— Claro que é.

— Eu tenho um compromisso aqui.

— Hoje não, você não. Tenho uma equipe de remoção de chumbo e amianto daí de dentro. É perigoso, então você vai ter que contornar o quarteirão se quiser passar.

Peguei meu telefone. Nenhuma mensagem. Atravessando a rua, estiquei o pescoço ao redor do caminhão e vi Jessica no beco lateral, discutindo com um cara segurando uma prancheta. Sua aparência superficial estava escorregando, só um pouco. Parecia ser tanto de uma surpresa para ela como era para mim.

Claro.

Jonathan.

Bem. Ele só fez isso pior.

Comecei a ligar para ele e pensei melhor. Eu mandei uma mensagem para ele e exclui a coisa toda. Eu já tinha jogado fora uma acusação infundada e não obtive nenhuma resposta. Uma sequência delas não me fariam mais do que fazer parecer uma psicótica.

Fui até Washington Boulevard, onde eu pelo menos fui capaz de encontrar um café onde poderia me sentar e explodir o meu dinheiro de táxi. Eu encontrei um prédio roxo com uma loja de chá chamada Yellow Treat. Eu tenho algo quente com ervas e me sentei no pátio ao ar livre.

Ela me mandou uma mensagem logo depois.

- Sinto muito. Vou me atrasar por 30 min -

Senti-me como sua co-conspiradora nesse momento. Jessica e eu contra Jonathan. Eu estava determinada a compreender a situação para que pudesse ajudá-lo. Sua ex-esposa, perfeitamente satisfeita com o coração quebrado, até que ela o viu comigo, era que insistiu em destruir-lhe por dinheiro e despeito. Ela queria me encontrar para que pudesse me usar, e Jonathan queria impedir, assim eu não me machucaria nem a ele. Ambos me subestimavam.

Eles esqueceram que eu era música, que fui a uma escola de artes cênicas e fui vítima de manipulação e traição. Eu já abri o meu case e encontrei minhas cordas cortadas e minhas notas trocadas ela equipe. Eu já tinha recebido hora errada para audições. Eu não podia sair desse mundo sem aprender uma coisa ou duas.

- Eu vou estar no Yellow Threat por uma hora, caso você queira vir -

Jessica e eu, trabalhando contra Jonathan para nos ver uma a outra. Ridículo, ainda de alguma forma inevitável.

Olhei para o relógio. Eu definitivamente perdi de escrever mais um dia. Eu não estava feliz com isso, mas não havia nada que pudesse fazer, além de aquecer as mãos no meu chá. A calçada feita de bloco caminhável, mas ela estava vazia. A luz da rua industrial foi tomado por arquitetos e empresas de produção na virada do século XXI, e eles pintavam tudo em cores brilhantes e murais provocativos. Notei Geraldine há meio quarteirão de distância. Ela foi pintada na lateral do prédio para parecer como se eu pudesse ver através dele para a rodovia, como se quisesse negar o que aconteceu lá dentro.

Eu o vi atravessar a faixa de pedestres em um terno escuro com uma camisa azul aberta no colarinho. Seu cabelo negro pegou o vento, e seus olhos percorreram cada plano e superfície.

— Sr. Santon. — Eu disse quando ele chegou até mim. — Isso é uma coincidência.

— Você acredita em pessoas? — Ele sentou-se.

— Não. Estou assumindo meu namorado o enviou para me convencer a não ver sua ex-mulher?

— Perto. Mas não. Eu não posso te dizer para o que ele me contratou para fazer, só que não deveria estar sentado em uma mesa com você.

— Você deve ter colocado suas próprias câmeras na casa. Se você sabe onde estive ou não sei como. Eu não o vi.

— Isso está fora de discussão, obviamente. Nós não a estamos observando. Estamos observando a outra. E você nunca vai nos ver, a Sra. Faulkner. Qualquer traço de nós se vai antes mesmo de chegar.

— Grande cara assustador ops⁵. Meu pai sempre disse que ele poderia levar qualquer um de vocês em uma briga.

— A ideia é evitar a briga, em primeiro lugar. Sabendo o que sei, que é muito, todos os envolvidos querem evitar uma confusão completa. Exceto você e a Sra. Carnes. Então vou me sentar aqui e desfrutar de uma xícara de chá, até a noite, se necessário. Se alguém se juntar a você, estarei aqui. Então a levarei para casa.

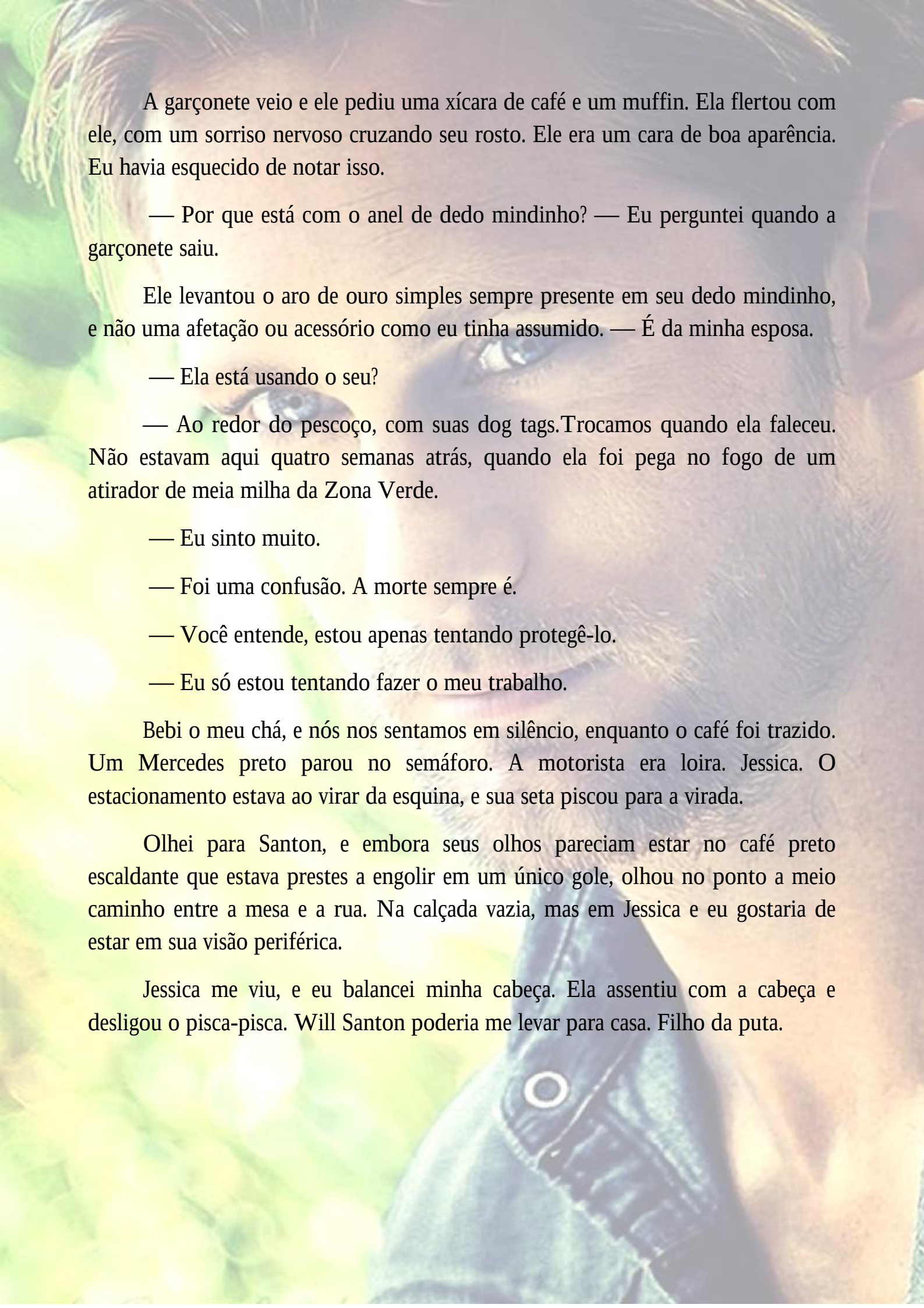
Eu me inclinei para frente, com os cotovelos sobre a mesa. — Como faço para enganar um cara ops?

— Caras. Plural. — Ele olhou para um cara em um telefone celular no meio do quarteirão. Ele gesticulou e falou em voz alta para tornar-se apenas mais uma peça de mobiliário. Alguém em pé, parado, com um telefone ao ouvido iria atrair a atenção. Então Santon olhou para um Toyota preto no semáforo e acenou para o motorista com um movimento do pulso. O motorista acenou de volta e foi embora quando o semáforo mudou.

Ótimo. Mesmo que eu fugisse e pulasse em um táxi, teria que desviar dos outros dois. — Ele precisa confiar na minha lealdade.

— Isso é entre você e ele. — Ele virou-se, saudando uma garçonete. — Pessoalmente, não dou a mínima.

⁵ Operações Especiais.



A garçonete veio e ele pediu uma xícara de café e um muffin. Ela flertou com ele, com um sorriso nervoso cruzando seu rosto. Ele era um cara de boa aparência. Eu havia esquecido de notar isso.

— Por que está com o anel de dedo mindinho? — Eu perguntei quando a garçonete saiu.

Ele levantou o aro de ouro simples sempre presente em seu dedo mindinho, e não uma afetação ou acessório como eu tinha assumido. — É da minha esposa.

— Ela está usando o seu?

— Ao redor do pescoço, com suas dog tags. Trocamos quando ela faleceu. Não estavam aqui quatro semanas atrás, quando ela foi pega no fogo de um atirador de meia milha da Zona Verde.

— Eu sinto muito.

— Foi uma confusão. A morte sempre é.

— Você entende, estou apenas tentando protegê-lo.

— Eu só estou tentando fazer o meu trabalho.

Bebi o meu chá, e nós nos sentamos em silêncio, enquanto o café foi trazido. Um Mercedes preto parou no semáforo. A motorista era loira. Jessica. O estacionamento estava ao virar da esquina, e sua seta piscou para a virada.

Olhei para Santon, e embora seus olhos pareciam estar no café preto escaldante que estava prestes a engolir em um único gole, olhou no ponto a meio caminho entre a mesa e a rua. Na calçada vazia, mas em Jessica e eu gostaria de estar em sua visão periférica.

Jessica me viu, e eu balancei minha cabeça. Ela assentiu com a cabeça e desligou o pisca-pisca. Will Santon poderia me levar para casa. Filho da puta.

Capítulo Vinte

Eu sabia que Will não tinha ido embora

definitivamente. Eu tinha um show no Frontage que fui bem atendida, incluindo uma mesa com cinco oradores quentes da agencia de manutenção. Cumprimentei-os, brinquei, e disse adeus com um sorriso falso, mas meu coração parecia feito de chumbo. Jonathan não tinha me ligado ou mandado uma mensagem de texto. Nenhum contato além da presença indesejada de Will Santon.

Ele poderia estar com tanta raiva?

Era *assim* que ele ficava bravo? Sumindo da face da terra? Como eu deveria reagir?

Perguntas irrelevantes. O que eu precisava era me perguntar como eu *queria* reagir. Então, liguei para ele. Foi para o correio de voz, o que eu não queria. Não haveria nenhuma mensagem de raiva, concisas, ou tempestuosa. Eu mandei uma mensagem.

- Você está me deixando de fora? WTF? -

Eu tinha amigas que deram aos homens seus corações, só para encontrá-los transformados em gelo logo após. Ou dormiu com eles depois das declarações de valores indefinidos de atração, mas os valores indefinidos não duraram mais de uma semana. Eu me perguntei se era com isso que eu estava lidando. O meu compromisso com ele o afugentou? Ou ele esperava que minha submissão fosse uma abdicação do controle sobre minhas decisões? Obediência era necessária dentro e fora do quarto? Se eu perdi esse ponto na lista?

Eu não podia ter. Eu jamais permitiria isso, nem ele também.

Eu tinha acabado de chegar em casa quando meu telefone soou. Eu procurei dentro da minha bolsa e encontrei, na esperança de que fosse Jonathan. Um nível descomunal de decepção me inundou. Era Jessica.

- Eu estou no Echo Park e Baxter. Acredito que você esteja por perto? -

Isso apresentava um problema. Era um quarteirão e meio de distância, mas eu teria que chegar lá. Eu acreditei em Santon quando ele disse que não estava me observando, mas observava Jessica. Isso significava que algo ou alguém iria nos impedir de nos encontrar naquele quarteirão e meio.

Porra.

Olhei pela porta dos fundos. Minha casa foi construída em um terreno que era quase vertical em direção à traseira. Um muro de contenção de concreto detinha a colina na baía, apenas. Atrás dele, o intocado chaparral se estendia a 150 metros a um beco de terra onde as crianças utilizavam para arrumar confusão. Todo o trecho era abandonado por falta de dinheiro, que o Dr. Thorensen possuía, aparentemente. O terreno possuía hortas, espaços privados, e uma pequena área de serviço com um galpão. Minha parte do morro, naturalmente, estava cheia de matos e arbustos. Um ficus de cem anos de idade, com as raízes expostas estava na descida e flores silvestres floresciam na primavera. Nas primeiras semanas de dezembro, espinhos mortos torciam ao redor das árvores, ervas daninhas viravam varas, e marrom era o novo preto.

Eu tinha que passar por isso para chegar a estrada, pra então, chegar a Echo Park Avenue. É claro que não funcionaria. Eu ser mordida por uma cascavel ou algo assim. Pior, Santon, que provavelmente tinha feito um voto de nunca dormir de novo, estaria esperando por mim na rua.

Eu procurei minhas botas de cowboy velhas da parte traseira do armário, e um jeans que eu não preocupava. Eu passei o dia inteiro tentando conseguir fazer isso, e não desistiria ainda.

Meu quintal precisava de algum amor. Eu não tinha nada aparado no final do verão, as lajes e remendos do jardim estavam cobertos de folhas mortas e detritos. Joguei a bolasrosa e laranja por cima do muro da escola Montessori e peguei na árvore de tangerina do meu pai. Ele plantou para mim, antes que ele e minha mãe se separassem, dizendo que iria me alimentar se eu tivesse fome. Ela só continuou crescendo e era alta o suficiente para abraçar o espaguete de linhas de alta tensão que cruzavam o céu. Usei-a como alavanca para escalar o muro para a inclinação coberta.

Estava escuro como breu lá atrás. O caminho não era mais do que uma trilha de passagem entre as partes traseiras das casas. Echo Park e Silver Lake estavam cheias de espaços abandonados. Escadarias construídas durante a Grande Depressão, caminhos esquecidos que nunca foram iluminadas ou patrulhadas que foram assumidas por moradores como espaço de jardim extra ou cemitérios para carros indesejados.

Segurei nas árvores novas e videiras e me puxei colina acima. Havia lixo por toda parte. Então, estava pensando em como iria chegar até lá durante o dia com alguns sacos plásticos e limpá-lo, fui empurrado para o ficus.

— Onde você está indo, deusa? — Sua voz veio de trás de mim.

Sua respiração no meu ouvido, seu cheiro no meu nariz, a sensação de seu peito em minhas costas, a maneira como ele encaixava como uma peça de quebra-cabeça... eu nem queria perguntar a ele o que diabos ele estava fazendo na parte lenhosa do meu quintal.

— Você não ligou. — Eu inclinei minha cabeça para trás e expus meu pescoço. Ele me fez esquecer tudo quando retirou meu lenço e colocou a boca no meu pescoço, os lábios um para-raiosde eletricidade para o meu núcleo.

— Eu estava ocupado. Sinto muito. — Seus dentes encontraram o lugar onde meu pescoço encontrava com meu ombro, e me presenteou com uma quedinha de dor que foi traduzida diretamente para o prazer. Prendi a respiração. Ele passou as mãos pelos meus braços, para as minhas mãos.

— Apologia rejeitada. Retornepara o remetente.

Atando as mãos às costas das minhas mãos, apertou-as no tronco da árvore.

— Abra suas pernas. — Disse ele no meu ouvido. Eu não era rápida o suficiente. Ele as chutou. Ele estava tão fodidamente bruto, e o sentimento precário de não saber o que ele faria em seguida, enviou um jorro de umidade entre minhas pernas.

Quanto tempo Jessica esperaria? Até amanhã. Porque Jonathan tinha aparecido, e suas mãos estavam na minha barriga, empurrando o meu sutiã. Ele apertou meus lugares machucados suavemente ao encontrar os pontos intocados, empurrando suas mãos contra eles, até eu gemer.

— Você quer alguma coisa? — Ele perguntou.

— Eu senti sua falta.

— Eu senti a sua, também. — Sua voz suavizou quando ele disse isso, e suas mãos caíam à minha cintura.

— Você vai me foder?

Ele desabotoou minha calça e abriu o zíper sem responder, pressionando seu pau contra a minha bunda. Eume esfregava contra ele. — Deus, eu quero. — Ele pegou minha mão direita do tronco da árvore e, ainda pressionando a minha esquerda para a árvore, deslizou para dentro das minhas calças. — Mas parece que você estava indo para algum lugar?

— Sim.

— Você está molhada?

Corri meus dedos no meu buraco e senti a massa encharcada e lisa embaixo.

— Sim.

Ele tirou as mãos da minha, mas curvou o corpo ao redor do meu, a sua frente pressionada as minhas costas, sua voz no meu ouvido. — O quanto molhada?

— Foda-me-agora molhada.

— Toque o seu clitóris. Faça isso para que se sintam bem.

Eu esfreguei meu membro inchado com um dedo, circulando-o, empurrando-me para ele.

— Dois dedos. — Disse ele se afastando um pouco. — Use dois dedos sobre ele, deixando o centro no espaço dentre eles.

Eu gemia.

— Sente-se bem, deusa?

— Sim.

— O quanto bom?

— Não tão bom como você me fodendo.

— Boa resposta. Pare os dedos. Coloque-os em sua boceta. Em seguida, arraste-os de volta para o seu clitóris. Esfregue com as pontas.

— Oh, Jonathan, por favor. Por favor, me fode.

— Você não gosta disso? — Havia algo em sua voz, algum sarcasmo. Como se isso não fosse preliminares, mas ele fazendo um argumento. Parei e comecei a puxar a minha mão para fora da minha calça, mas ele agarrou meu cotovelo machucado, fazendo-me estremecer. — Não pare. Faça-se gozar.

— Eu não...

— Faça isso.

Eu não podia parar. Eu não poderia exigir que ele explicasse o que diabos achava que estava fazendo, porque quando ele disse *isso*, eu queria. Eu queria agradá-lo, me submeter, *ser dele*. Eu era mais do que uma submissa, porque submissão implica em uma escolha. Eu era sua escrava.

Eu esfregava meu clitóris, reunindo fluidos, inundando de suco entre meus dedos. Deixei escapar um ah agudo então engasguei com isso.

— Vamos ouvir isso, Monica.

— Oh, Deus. — Eu sussurrei.

Ele se moveu para o meu lado, agachando-se para que sua respiração ficasse na minha bochecha. Eu me virei para encará-lo, olhos nos olhos, minhas pernas se abrindo, a minha mão esquerda sobre a árvore, a minha mão direita na minha calça. Ele ainda não me tocou, apenas respirava comigo quando meu lábio inferior caiu e minhas pálpebras ficaram cerradas.

— Você gosta disso.

— Eu gosto mais de você. — Minha respiração ficou mais curta e travada. Minha boceta estava quente sob meus dedos, contraindo-se, inchado, de imersão.

— Eu aposto. — Disse ele.

— Leve-me.

— Vem.

— Sim.

O arrepio correu dos joelhos à minha cintura, e minha bunda contrariou como se Jonathan ainda estivesse atrás de mim. Eu gritei alto o suficiente para os vizinhos me ouvirem, dirigindo meus quadris para a árvore como se estivesse transando com ela. Meu peito subia e descia contra a casca branca, meu rosto sentindo sua textura áspera de inverno enquanto eu olhava para ele, apenas uma forma na escuridão.

— Isso está bom? — Perguntou Jonathan.

— Mais, por favor. — Eu tirei a minha mão da minha calça.

— Você é insaciável. — Ele beijou meus dedos molhados. — Estou feliz que você gostou, porque será a sua vida, se eu for para a cadeia. Eu não sou um daqueles agradáveis homens que dirá à você para namorar outros caras. Eu sou o homem que é seu dono estando na cadeia ou não.

— Diga-me o que você acha que ela vai dizer.

Ele se inclinou sobre a árvore e colocou o meu dedo indicador na boca, sugando-o, deixando-o limpo. — É tão errado querer mantê-la longe das partes mais feias da minha vida?

— Sim. — A sensação de sua língua enquanto ele chupava meus dedos estava me despertando novamente. Eu inclinei meu ombro contra a árvore, preparando-me contra a queda da descida do morro com o salto da minha bota.

— É errado querer protegê-la? Para mantê-la longe da minha merda? Deusa?

— Sim. É errado. Isso não pode durar. Se você me fizer com alguma coisa perfeita que está separado de sua vida, vamos decepcionar um ao outro. E isso vai acontecer. Vamos terminar.

— Eu não penso assim. — Ele terminou com meus dedos e atou nossas mãos juntas.

— Sim, Jonathan, sim. Vamos terminar. Eu te amo. Eu amo o seu passado, não importa como foi. Eu amo o seu presente, e quero ser o seu futuro. Mas mentir vai nos quebrar. Um dia você vai acordar e perceber que eu realmente não o conheço, e vai ser tarde demais para me trazer para perto. Isso vai acontecer, se você me deixar ou não. Vamos terminar.

— Meus segredos podem ser para consumo público muito em breve. Então, vamos ter isso *agora*, antes que você corra.

— Eu quero ouvir isso de você.

— Não.

— Então tenho que ir encontrar com alguém. — Soltei minhas mãos e peguei um galho, içando-me para cima da colina.

Ele colocou as mãos nos meus bíceps e me puxou de volta. — Não faça isso. Apenas me dê tempo.

— Não.

Eu disse, virando um pouco para encará-lo, e perdi o equilíbrio. Eu caí para trás, meu peso em cima dele. Ele perdeu o equilíbrio, e caiu para baixo do morro, todos os cotovelos e pés, com *oofs* e gritos e os sons de rachaduras, farfalhando. Meu mundo borrou em rodopio, vórtice escuro antes de eu pousar em uma pilha em cima do muro de contenção. Jonathan caiu sobre as pedras no quintal de costas, batendo contra o muro baixo na fronteira com a árvore de tangerina.

— Oh! — Eu gritei endurecendo. — Jonathan — Eu pulei o muro e me debrucei sobre ele.

— Você está bem? — Ele perguntou, mas eu já estava de pé e ele estava de bruços.

— Estou bem. Eu já caí desse morro umas cem vezes. — Eu o puxei para cima, que se encolheu.

— Você tem certeza? — Ele pegou um galho da minha camiseta, e eu limpei seu colarinho. Ele virou a cabeça e fez uma careta.

— Eu poderia estar mais machucada do que estou?

Ele sorriu então eu sorri, e nós rimos. Ele colocou as mãos no meu rosto, e nos beijamos através do nosso riso. Ele inclinou seu pescoço e deu um longo suspiro.

— Eu acho que você torceu o pescoço. — Eu disse. — Você deveria ter me deixado encontra-la.

— Nunca. — Ele me beijou de novo, mantendo o pescoço reto. Eu o beijei de volta, profundamente, porque estava prestes a desapontá-lo.

— Agora. — Eu disse. — E se não for agora, amanhã.

— Vou levá-la para a cama.

— Eu achei que estava muito espancada pra me foder?

— Eu vou fazer o trabalho.

— A cada dia entre agora e quando você estiver pronto para falar comigo? Seu plano inteiro para lidar com Jessica não me manterá no escuro? Ela vai levá-lo a ser declarado incompetente. Isso está bem para você?

Ele foi para colocar o seu braço direito em volta dos meus ombros e parou, gemendo.

— O quê? — Perguntei.

— Nada.

— Você está ferido.

— Eu estou bem. Não é que uma grande colina.

— Mas você caiu em um monte de pavestones⁶. — Eu coloquei meu braço em volta de sua cintura e ajudei-o pela porta dos fundos. — E você não é tão jovem, você sabe.

— Oh, você receberá uma surra por isso.

— Não, se você não pode levantar o braço.

— Eu vou bater em você com o meu pau.

Ele mal conseguiu terminar a frase antes que de começar a rir. Eu associei isso visualmente tão próximo de um esquete pornográfica do Monty Python⁷ que não poderia passar em nossas cabeças sem rir. Nós ainda estávamos gargalhando quando eu o sentei em uma cadeira da cozinha.

— Ow. — Ele queixou-se entre risos. Eu me ajoelhei na frente dele e desabotoei a camisa. — Agora não, querida. Estou muito cansado.

Eu empurrei a camisa pelos ombros tanto quanto pude. — Você pode tirá-la?

— Você está fazendo uma investida em mim? Porque já estou tomado por uma deusa de olhos castanhos.

⁶ Tipo de pedra.

⁷ Programa de comédia britânica da década de 70.

— Você pode fazer isso, por favor? Meu Deus, você é um pé no saco.

Ele se inclinou para frente, e eu ajudei a tirar sua camisa. A manga esquerda foi mais difícil para ele. Mesmo que ele sorria com isso, seu braço estava duro e ele moveu-se cautelosamente. A camiseta baixo, sob a de botão foi mais fácil. Eu retirei o braço direito bom estendido sobre sua cabeça, em seguida, tirei a coisa toda sobre o braço esquerdo rígido. Seu bíceps estava inchado e vermelho, e seu ombro tinha um calombo vermelho do tamanho de um ovo crescendo nele. Ele inclinou o braço.

— Não está quebrado. — Disse ele, fazendo uma careta.

— Mas você vai ter uma boa contusão de pescoço ao cotovelo. Bem-vindo ao meu mundo.

— O meu não vem com boas memórias.

Eu o beijei. Ele colocou a mão direita na minha bochecha, e eu coloquei meus braços ao redor dele, ainda tratando-o com ternura. Eu abri meus olhos enquanto o beijava porque queria ver os olhos fechados em sinal de rendição para mim, e tive essa visão bem-aventurada. Jonathan, apreciando o meu beijo, em leve abdicação, fazia meu coração vibrar. Eu suspirei. Então seus olhos abriram-se um pouco, como se quisesse ver a mesma coisa, e sorriu.

— Espere um pouco. Deixe-me pegar um pouco de gelo. — Eu fui até o congelador onde Gabby e eu tinha guardávamos compressas para os dedos e braços que doíam depois de horas de prática.

— Por que você não me leva para a cama? — Disse ele enquanto eu colocava compressas no pescoço e no braço.

— Não é uma má ideia. Levante-se.

Caminhamos para o quarto, e eu o apoiei em travesseiros, feliz que tinha trocado os lençóis. O braço dele estava ficando mais rígido, e durante o tempo que eu coloquei as compressas, ele mal conseguia movê-lo.

— Adivinha quem não vai dirigir esta noite. — Eu disse, soltando a mão. — Dê-me a chave para que eu possa colocar o seu carro na garagem. Tem um estacionamento alternativo até amanhã.

— Eu posso comprar um bilhete.

— Mas, se o carro estiver bloqueando o varredor da manhã que é de um visitante meu, Roger, que é outro lado da rua, coloca todo o lixo no meu quintal da frente. Ele fez isso com Darren, tipo, uma centena de vezes.

Ele enfiou a mão no bolso direito e tirou a chave. — Você precisa se mudar para um bairro melhor.

— Eu sei o que você está pensando. — Eu roubei a chave. — Esqueça isso. Eu não sou uma mulher sustentada.

— Nós veremos.

Eu coloquei a chave no bolso e fui para o meu banheiro. Entrando no banheiro, alcancei o topo da vaidade onde eu guardava frascos de comprimidos escondidos de Gabby: analgésicos que foram prescritos para um dente extraído, relaxantes musculares para cólicas menstruais, Xanax que um amigo havia me dado por um curto ataque de insônia. Levei-os para Jonathan, que estava falando mexendo em telefone com a mão boa.

— Eu tenho analgésicos.

— Por quê? Está com dor sem mim?

— Deixe-me pegar um pouco de água.

— Monica. — Ele me olhou com repentina seriedade. — Sem analgésicos.

Eu coloquei o frasco de Oxycontin sobre a cômoda. — Que tal um Tylenol e um relaxante muscular?

— Fechado.

Eu levei os frascos para a cozinha, e como derramei um copo de água e considere o que tinha na minha frente, o que eu queria fazer, e o que estava me impedindo de fazê-lo. Quando coloquei os comprimidos na minha mão,

reconsiderarei, em seguida, voltei para o quarto. — Tudo bem. Este é o Tylenol. Este é o relaxante muscular. Tome.

Ele bateu-os na boca e engoliu em seco, depois bebeu a água. — Você é uma boa enfermeira.

Eu coloquei o meu joelho na cama e me virei montando-o. — Eu não estou pronta para cuidar de você. — Eu desabotoei as calças.

— Oh, realmente? Que escola de enfermagem é essa?

Eu tirei seu pau. Estava meio duro já, e quando o beijei, ele ficou em máxima atenção. — Eu não tenho nenhuma resposta inteligente. — Eu lambia o comprimento do seu eixo com a palma da minha língua.

— O inferno está congelando. — Ele gemeu, colocando a mão direita sobre a minha cabeça e correndo os dedos no meu cabelo. Abri a boca e o deixei colocar pressão na parte de trás da minha cabeça, empurrando lentamente seu pau na minha boca, passando a língua, até minha garganta. Ele manteve a pressão, e eu respirei calmamente pelo nariz, meus olhos fixos nos dele. Quando ele aliviou-se, eu recuei minha cabeça, sugando-o na saída. Ele suspirou, e um olhar de puro prazer descontraído superou seu rosto. A linha de saliva conectava minha boca ao seu pau. Lambi meus lábios.

— Você nunca me deixou usar minhas mãos. — Eu disse.

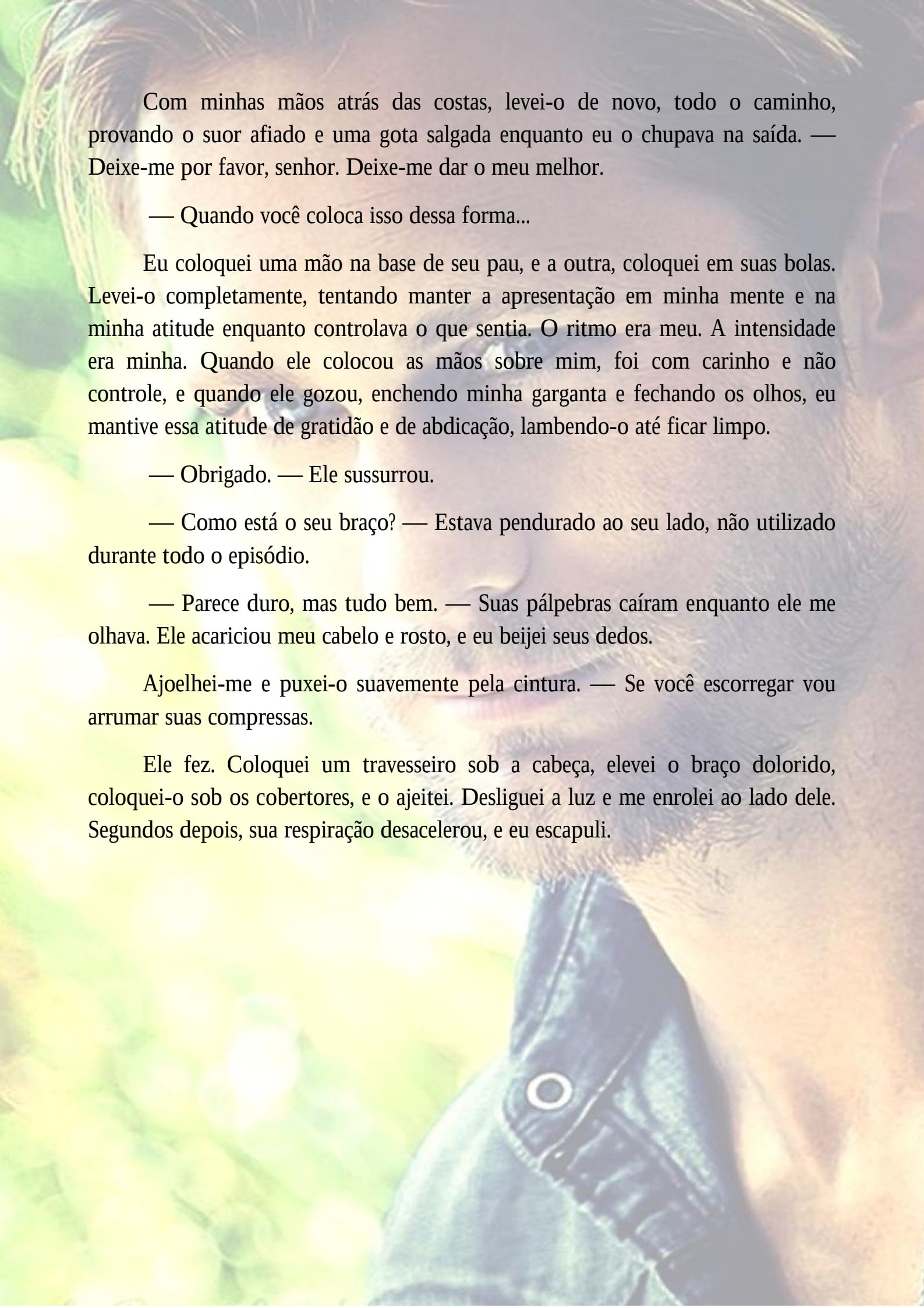
Ele piscou, como se estivesse pensando em todas as vezes que seu pau esteve na minha boca, contando ocasiões e lugares. — Esquecimento total da minha parte.

— Você gosta de controle.

— Culpado.

— Deixe-me ter você. — Eu disse. — Dê-se a mim.

— Submissão não é divertido para mim.



Com minhas mãos atrás das costas, levei-o de novo, todo o caminho, provando o suor afiado e uma gota salgada enquanto eu o chupava na saída. — Deixe-me por favor, senhor. Deixe-me dar o meu melhor.

— Quando você coloca isso dessa forma...

Eu coloquei uma mão na base de seu pau, e a outra, coloquei em suas bolas. Levei-o completamente, tentando manter a apresentação em minha mente e na minha atitude enquanto controlava o que sentia. O ritmo era meu. A intensidade era minha. Quando ele colocou as mãos sobre mim, foi com carinho e não controle, e quando ele gozou, enchendo minha garganta e fechando os olhos, eu mantive essa atitude de gratidão e de abdicação, lambendo-o até ficar limpo.

— Obrigado. — Ele sussurrou.

— Como está o seu braço? — Estava pendurado ao seu lado, não utilizado durante todo o episódio.

— Parece duro, mas tudo bem. — Suas pálpebras caíram enquanto ele me olhava. Ele acariciou meu cabelo e rosto, e eu beijei seus dedos.

Ajoelhei-me e puxei-o suavemente pela cintura. — Se você escorregar vou arrumar suas compressas.

Ele fez. Coloquei um travesseiro sob a cabeça, elevei o braço dolorido, coloquei-o sob os cobertores, e o ajeitei. Desliguei a luz e me enrolei ao lado dele. Segundos depois, sua respiração desacelerou, e eu escapuli.

Capítulo Vinte e Um

-Fui para casa -

O conteúdo do texto de Jessica não me surpreendeu. O fato de que ela se preocupou em me mandar um, sim. Ela estava desesperada pelo contato.

O carro de Jonathan estava estacionado em frente. Eu nunca havia realmente dirigido um Jaguar, mas assim que virei a chave, entendi a diferença entre ele e o meu Civic. Era suave em todos os lugares. As juntas não chocalhavam. Não tinha migalhas nos cantos, como se simplesmente comesse mais ordenadamente, ou nada, nesse carro. Passou do park para drive como se pela força do pensamento, e as luzes do painel não encaravam ou me pediam para lê-las. Elas existiam para serem entendidas em um cinza desbotado e sussurrava informações com urgência. *Pela Metade. Quarenta mil RPM. Cento e vinte quilômetros por hora.*

Era o paraíso, dirigir um Jaguar preto em PCH à meia-noite.

Eu gostei tanto do passeio que ainda não tinha pensado em ligar o rádio, e quando uma estação de música clássica veio, acordei para as complicações de estar no carro de Jonathan. Ela tinha uma ordem de proteção. Se seu carro virasse até a casa de Jessica, alarmes seriam levantados. Possivelmente por Jessica, pela polícia e pela equipe de Santon, onde quer que estivesse. Seja qual fosse o caso, uma vez que ela visse o carro, eu não poderia fingir que tinha terminado e estava procurando vingança. Eu seria como a namorada fiel e minha influência diminuiria. Passei pela casa dela. Luzes apagadas. Carro na garagem. Era meia-noite de uma segunda-feira, depois de tudo. Eu virei a esquina, acabei virando porque as ruas não davam para a grade, voltou para o lado da praia da rua, saí rapidamente de perto da casa, dirigi

por dois quarteirões e estacionei. Eu precisava de todas as minhas opções, e isso significava andar como se tivesse vindo de táxi.

A casa modernista ficava em um declive com escadas curvas com flores maiores e vazia no caminho para subir. Caminhei decidida de forma rápida e discreta, esperando que os grilos e as ondas do oceano cobrissem meus passos. A porta era enorme, pesada e vermelho com um botão no centro. A frente da casa tinha janelas pequenas, uma vez que dava para a rua. A volta era feita de vidro do chão ao teto de doze pés, uma vez que ficava de frente para o oceano.

Eu fiquei na ponta dos pés e espiei. Luzes estavam acesas mais aos fundos da casa, e eu vi o brilho azul de uma TV. A campainha era do tipo light-up. Eu coloquei meu dedo sobre ela e preendi a respiração.

Então eu apressei.

Tocar e correr! Tocar e correr!

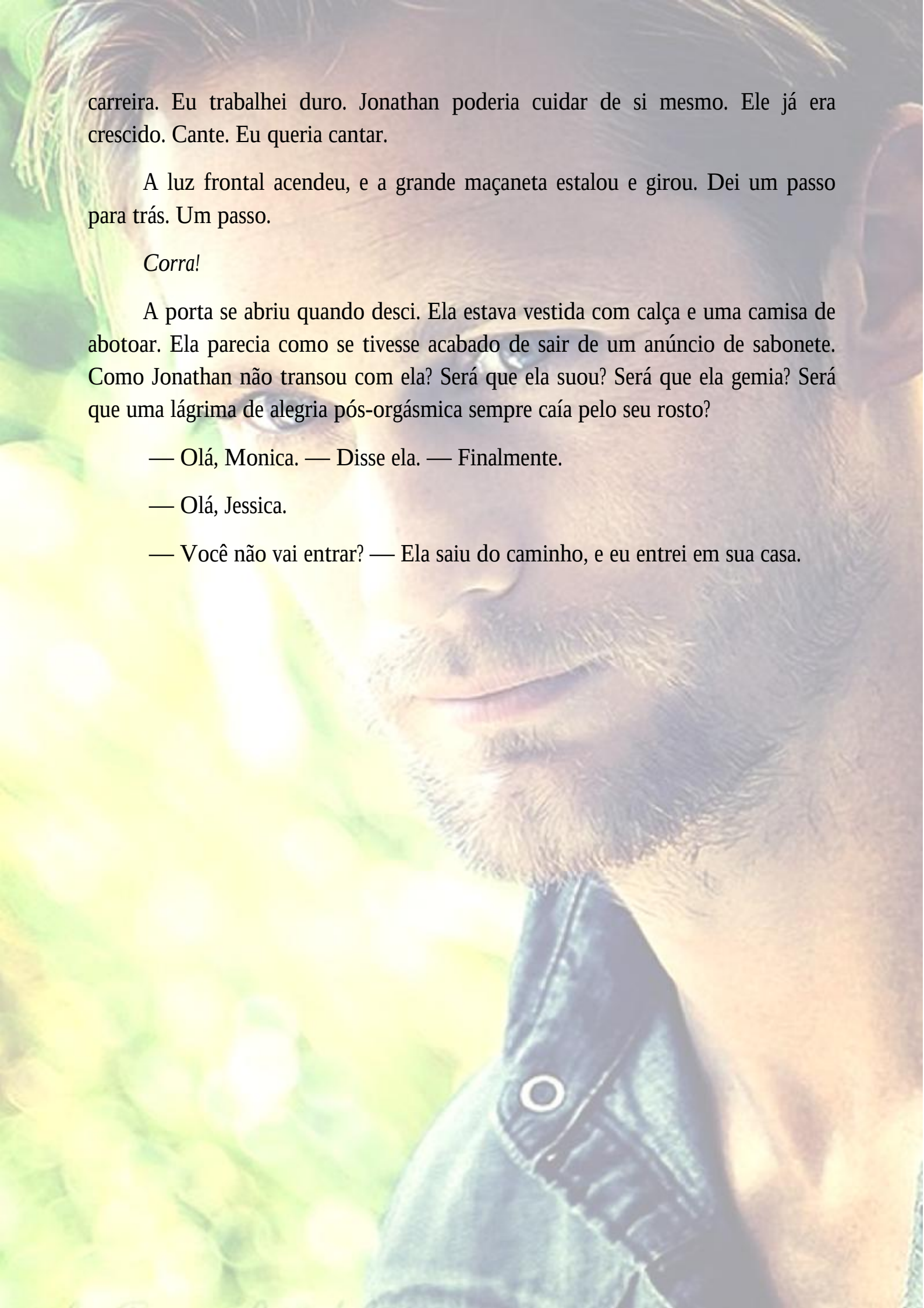
Quando eu era criança, no EP, como a chamávamos, tocávamos a campainha e corríamos, nos escondendo atrás de carros estacionados ou nas esquinas, apenas para a alegria de ver quando alguém vinha até a porta. A brincadeira era mais infantil, mas ainda fiquei tentada a fazer.

Tocar e correr! Tocar e correr!

Ela não estava vindo. Tinha tempo suficiente para fugir e voltar para o carro. Pegue a PCH de 10 até a 110 e saia na estrada Stadium. Dê um passeio pelo Solano Canyon no carro de Jonathan. Leve a máquina elegante para a estrada. Rasteje de volta para a cama com o amor da minha vida e faça o café da manhã como deveria. Explique que estava mudando de lugar o carro e teve que levá-lo para dar uma volta. Ele adoraria ouvir isso. Delicie-o. Esse era o meu trabalho.

Tocar e correr! Tocar e correr!

Uma luz se acendeu em algum lugar da casa, enviando faixas largas de luz fraca em todo o caminho de concreto. Eu tinha uma reunião amanhã com o presidente da Carnival Records, e minha voz ficaria rouca e eu teria bolsas sob os olhos. Eu tinha que ir para casa e descansar. Vá imediatamente. Eu tinha uma



carreira. Eu trabalhei duro. Jonathan poderia cuidar de si mesmo. Ele já era crescido. Cante. Eu queria cantar.

A luz frontal acendeu, e a grande maçaneta estalou e girou. Dei um passo para trás. Um passo.

Corra!

A porta se abriu quando desci. Ela estava vestida com calça e uma camisa de abotoar. Ela parecia como se tivesse acabado de sair de um anúncio de sabonete. Como Jonathan não transou com ela? Será que ela suou? Será que ela gemia? Será que uma lágrima de alegria pós-orgásmica sempre caía pelo seu rosto?

— Olá, Monica. — Disse ela. — Finalmente.

— Olá, Jessica.

— Você não vai entrar? — Ela saiu do caminho, e eu entrei em sua casa.

Capítulo Vinte e Dois

A luminária mais feia do mundo

iluminava a sala com luz baixa. Era dourada com um tom de pergaminho e um pescoço em forma de sete bolas de tênis empilhadas, em cima umas das outras. Todo o resto era impecável. De algum modo, porém, a marca da impermanência manchou a decoração. Nada parecia estabelecido ou importante. Os cantos eram visíveis. As superfícies estavam sem quinquilharias ou fotos. A arte era original, mas marginal. Eu estava certa sobre a parede traseira. As janelas se estendiam de um canto a outro, expondo uma iluminada piscina e uma vista que era pura escuridão à noite, mas durante o dia seria clara para o horizonte, onde o céu se reunia com o mar.

— Você gostaria de uma xícara de café? — Perguntou Jessica.

— Sou uma pessoa de chá.

Jessica fez um som mmm, como se a minha escolha de bebida quente falasse volumes sobre o meu valor como ser humano. Claro, essa foi a minha imaginação. Seu rosto nada traiu. — Vou pedir para preparar. Descafeinado? Já é tarde.

Pedir para preparar? Será que os funcionários não tinham hora de folga? Será que trabalham em turnos? Bem, se essa era a minha nova vida, e ser era exercício de

direito ficar na espera para se fazer algo, então eu seria tão atenciosa quanto possível.

— Cafeinado está bom. Não me incomoda. E verde, se você tiver.

— Gostaria de sentar? — Ela indicou o local.

— Claro.

Ela abriu a porta de correr para um pátio e virou um interruptor. Tochas de aquecimento apareceram e luzes se acenderam. Eu balancei a cabeça e sai. Eu sentei em uma cadeira, ouvindo o oceano que eu sabia que estava lá, mas não podia ver. Eu tive dificuldade em imaginar ter acesso a tal pátio todas as noites e estar em qualquer coisa, além de uma completa paz. Ou era isso o que ela temia? Que perdendo o dinheiro para manter o pátio, a casa, o estúdio significava que ela não poderia estar em paz? Eu imaginei o nível de ansiedade que eu iria enfrentar se as coisas que me mantinham sã fossem tiradas. Minha voz. Meus ouvidos. Até o meu piano com seu pedal quebrado, era uma pedra que eu me segurava firme quando me sentia ansiosa. Jonathan tirando grande parte de sua renda a tinha jogado de um penhasco, deixando-a em pânico. Encurralando-a. Péssima coisa para um homem que controlava tudo em todos os momentos.

Mesmo com as tochas, estava frio. Percebi então, tarde demais, que eu não tinha o meu cachecol. A gola da minha camiseta era relativamente apertada, mas as minhas contusões eram visíveis mesmo com a menor inspeção.

Estava mais escuro na cadeira na minha frente. Mas Jessica estava por vir. Ela me veria passar para um canto mais escuro.

Lembrei-me de nunca me esquecer das regras sobre Jessica, especialmente a regra número um. Foda-se ela. Não era sobre ela. Era sobre proteger Jonathan de seus olhinhos de traidora.

Mudei-me para o canto escuro.

— Então. — Jessica disse quando fechou a porta, segurando um envelope pardo.

Eu olhei para a calça de linho e camisa branca de abotoar novamente. Poderia ser que ela tivesse acabado de voltar de algum lugar, ou talvez ela e Jonathan fossem sócios em seus hábitos de dormir, sair qualquer hora e acordar logo em seguida, o que a maioria das pessoas considerariam um cochilo. Pode ser que costumavam ficar acordados a noite toda rindo e compartilhando histórias, ambos vestidos com esmero, nem um fio de cabelo fora do lugar.

Eu tive que me livrar dos meus pensamentos. — Eu sinto muito por vir tão tarde, mas parecia que tudo estava conspirando contra nos reunirmos.

— Tudo quer dizer Jonathan?

— Eu não sei.

— Você perguntou a ele?

— Não. — Sua pergunta foi tão direta e seu tom de voz tão gentil, ainda condescendente que comecei a entender porque Jonathan não me queria perto dela.

Uma mulher mais velha com um vestido preto saiu com uma bandeja de chá e saiu em silêncio. Jessica serviu o chá em duas xícaras brancas que eram tão simples, que deveria ter custado uma fortuna.

— Eu entendo porque você não quer perguntar a ele. Ele pode ser intimidante.

Eu não respondi. Eu ainda não sabia se eu estava brincando de coelho-na-toca ou qualificada para me enroscar, então só me servi com o chá. — Me desculpe se fui rude com você quando a vi pela última vez.

Ela acenou. — Eu entendo. Eu fui muito forte para cima de você. Eu achava que você era naturalmente curiosa.

Eu conscientemente, e com grande esforço, deixei deslizar o insulto. Eu perguntei a ele, considerando que não tinha pedido os detalhes de me impedir de vê-la e eu tinha, agressivamente, evitado que Jonathan criticasse no Frontage. — Esta é uma casa muito agradável. Paisagem deve ser incrível durante o dia.

— É. Você pode ver todo o caminho até o horizonte. É muito mais fria, com a brisa que vem de lá.

— Você mora aqui há muito tempo?

Ela sorriu um pouco, e eu me perguntei se ela podia ver que eu estava sentindo-a. — Erik e me mudamos para cá depois que deixei Jonathan. Estava bem longe dele. Essa foi a melhor coisa que fiz.

— E Erik? Ele ainda está aqui? É uma casa grande para viver sozinho.

— Seguiu em frente. — Virando a linha de questionamento em sua vida era, obviamente, fora da sua agenda, porque ela mudou o assunto de novo para mim. — Então, por que a mudança do seu coração? Você não queria ter nada a ver com qualquer coisa que eu tinha a dizer.

Era hora de escolher o que e que eu seria. — Quando ele foi preso, eu tinha... Bem, você usou a palavra curiosa. Eu senti como se houvesse coisas que eu precisava saber, e você estava tentando dizer isso para mim, mas eu não a deixei

— E você quer tirar isso de mim, e então voltar e dizer a ele?

Prendi a respiração. Eu tinha falhado de alguma forma, porque ela pulou em minhas motivações tão rapidamente. Devo ter parecido como um cervo nos faróis e fiquei em tons de rosa, mesmo no canto escuro. — Eu não sei o que vou fazer. — Minha voz estalava como um pedaço de papel que estava sendo jogado no lixo.

— Você vai dizer a ele tudo o que eu disse. E ele vai me refutar. Tal como o meu pulso, que eu tenho certeza que ele negou quebrar durante o sexo. E me batendo em seu quintal. O que ele quis dizer com isso? Ele lhe disse que eu disse a todos que ele queria me estuprar e me machucar? Mas *ele* não o fez, é claro, disse isso? Você tem alguma outra fonte de informação?

Eu não sabia, mas não disse nada.

— Meu advogado diz que encontrou dispositivos de vigilância em sua casa, e ele está dizendo que fui eu. Foi isso que ele lhe disse? Que eu fiz isso?

— Sim.

— Não sou eu com fantasias doentias. Por que eu faria isso?

Como eu poderia responder? Como eu poderia dizer: “Então, você poderia tentar provar que ele era um abusador. Envergonhá-lo. Para ser declarado incompetente.” Eu não entregaria Jonathan. Olhei para as minhas mãos no meu colo e tentei pensar em alguma refutação que fazia sentido, mas eu não tinha nada.

Ela pegou o meu silêncio como permissão para continuar com suas palavras medidas e cuidadosas. — Cada pedaço de informação vem dele. Deixe-me dizer uma coisa. Ele tem fantasias de controle. Se as câmeras estavam em sua casa, você não tem que fazer nada além de olhar para o homem ao seu lado. Se uma mulher diz que ele quebrou seu pulso, porque estava segurando-os nas costas durante o sexo, acredite nela.

— Você disse que estava brincando.

— Eu não deveria ter dito a você quando estava trabalhando. Essa era a piada. Não foi engraçado, mas eu não minto. Jonathan sim. Você sabe disso, certo? Você sabe que ele mente.

Eu respirei fundo. Como eu poderia admitir isso, sem traí-lo? Para sentar lá e dizer que eu acreditava em tudo o que ele disse, não ganharia nada além de uma risada. Eu me sentia acuada, odiosa. Jonathan estava certo. Eu não deveria ter vindo.

— Seu pai arruinou a minha família. Ele lhe disse isso? Ele matou papai. Quebrou seu coração com algum negócio sorrateiro. Eu não sabia quando conheci Jonathan. Eu fui protegida disso. Papai nunca me disse que havia perdido quase tudo, até que eu os apresentei e, até então, era tarde demais. Eu o amava, e lutei por ele. Assim como você está fazendo. Toda a família dele arruína as pessoas. — Jessica se inclinou para frente e pôs a mão sobre a minha. — Eu sei que ele não lhe contou sobre Rachel também. O que ele fez com ela.

Meus olhos foram para os dela. Minha respiração parou. — O quê?

— Você tem hematomas no pescoço. — Disse ela.

Eu impulsivamente toquei a curva onde o ombro e pescoço se encontravam, como se quisesse escondê-los ou me certificar que ainda estavam lá. — O que ele fez?

— Ele a matou.

Ele a matou. Lá no fundo, eu sabia disso? Eu tinha evitado isso? Mentia para mim mesma, como eu sempre fazia? Ou havia mais mentiras em cima disso?

Eu me sentia presa. Meses atrás, eu estava voando, meu zumbido enchendo meus ouvidos, com um destino em mente, mas não um caminho traçado. Eu tinha um trabalho, amigos e esperança. Uma noite, derramei uma bebida. Toquei a mão de um homem, e o deixei me beijar sobre o capô de seu carro. Algum tempo depois, eu não sei quando, caí em uma teia de mentiras e enganos. Quanto mais eu lutava, mais presa ficava. Mas quem era a aranha? Era Jonathan? Ou Jessica? E como eu poderia sair de sua porra de teia?

Olhei ao redor, sentindo a umidade em meus olhos. Deus, um piscar de olhos e eu seria uma bagunça. Funguei e peguei um guardanapo da bandeja. Eu vi o envelope que ela trouxe na mesa baixa. Em cima dele, deitado, estava o telefone.

— Estou com medo. — Disse. Ela apertou minha mão. — Ele é bruto. Ele... — Eu parei.

— Vá em frente.

— Ele me chama de nomes e... — Eu coloquei minhas mãos no meu pescoço e olhei para longe.

— Será que ele a sufocou?

— Ele me chama de prostituta. Ele dizia essas coisas para você?

— Bem, não.

Comecei a me levantar. — Não importa.

Ela pegou minha mão e apertou-a, me empurrando de volta para sentar. — Foi diferente para mim. Para mim era puta e vagabunda. Humilhar as mulheres é parte de sua doença.

Eu desviei o olhar. Eu precisava manter a dor no meu rosto. Eu toquei meu pescoço novamente e sussurrei muito baixo: — Ele me machuca.

— Eu sinto muito. — Jessica disse: — Eu não posso ouvi-la?

Olhei para ela, encontrando as lágrimas que um minuto atrás ainda estavam disponíveis. Pisquei-as, e elas caíram como estrelas.

— Será que ele a sufocou, Monica?

Eu balancei a cabeça.

— Ele fez isso? Ele a sufocou, certo?

Eu balancei minha cabeça. Ela parecia confusa. Limpei a garganta e olhei para a minha bolsa. — Eu acho que deveria ir.

— Ele me sufocou. — Disse ela. — Eu tive contusões como a sua. Eu pensei que fosse morrer. Esse é o interruptor para estes homens. Preste atenção a sua dor e medo.

— Estas? Contusões como estas? — Eu disse, tocando meu pescoço.

— Sim.

— Eu caí de uma colina.

— Você não tem que mentir para protegê-lo. Eu já passei por isso.

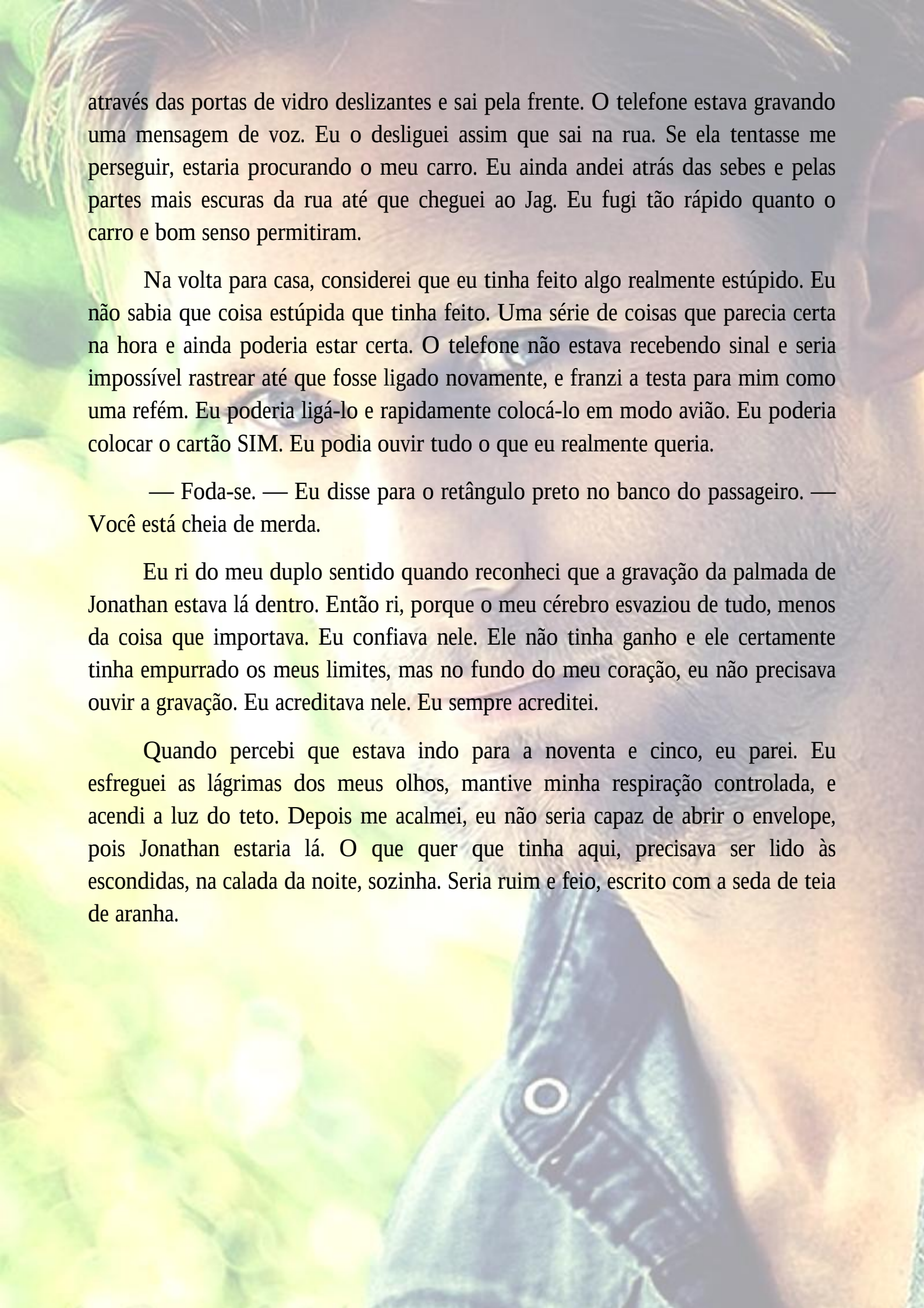
Eu apertei sua mão. As francesinhas de suas unhas estavam perfeitas em todos os dedos, mas o polegar direito estava rachado. — Posso ter um copo de água?

— Claro. — Ela esticou o pescoço para ver a casa. — Ela foi para a cama. Deus. Não podia esperar mais meia hora. — Ela deslizou o envelope sob seu telefone e me entregou. — Isto é para você. Não há nada aqui que Jonathan não saiba, e isso é tudo o que ele não vai te dizer. Eu sei de tudo, e isso assusta. — Ela acariciou minha cabeça como se eu fosse um terrier. — Você quer com gelo?

— Sim, por favor.

Ela apertou minha mão mais uma vez e levantou-se, fechando a porta atrás dela.

A tentação de abrir o envelope era intensa, mas eu tinha muito pouco tempo. Abracei-o contra meu peito, fechado, e peguei o telefone da Jessica. Eu escorreguei



através das portas de vidro deslizantes e sai pela frente. O telefone estava gravando uma mensagem de voz. Eu o desliguei assim que sai na rua. Se ela tentasse me perseguir, estaria procurando o meu carro. Eu ainda andei atrás das sebes e pelas partes mais escuras da rua até que cheguei ao Jag. Eu fugi tão rápido quanto o carro e bom senso permitiram.

Na volta para casa, considerei que eu tinha feito algo realmente estúpido. Eu não sabia que coisa estúpida que tinha feito. Uma série de coisas que parecia certa na hora e ainda poderia estar certa. O telefone não estava recebendo sinal e seria impossível rastrear até que fosse ligado novamente, e franzi a testa para mim como uma refém. Eu poderia ligá-lo e rapidamente colocá-lo em modo avião. Eu poderia colocar o cartão SIM. Eu podia ouvir tudo o que eu realmente queria.

— Foda-se. — Eu disse para o retângulo preto no banco do passageiro. — Você está cheia de merda.

Eu ri do meu duplo sentido quando reconheci que a gravação da palmada de Jonathan estava lá dentro. Então ri, porque o meu cérebro esvaziou de tudo, menos da coisa que importava. Eu confiava nele. Ele não tinha ganho e ele certamente tinha empurrado os meus limites, mas no fundo do meu coração, eu não precisava ouvir a gravação. Eu acreditava nele. Eu sempre acreditei.

Quando percebi que estava indo para a noventa e cinco, eu parei. Eu esfreguei as lágrimas dos meus olhos, mantive minha respiração controlada, e acendi a luz do teto. Depois me acalmei, eu não seria capaz de abrir o envelope, pois Jonathan estaria lá. O que quer que tinha aqui, precisava ser lido às escondidas, na calada da noite, sozinha. Seria ruim e feio, escrito com a seda de teia de aranha.

Capítulo Vinte e Três

Meus pés arrastavam os passos, botas trotando na madeira. Eu estava fodidamente cansada. Eu nunca deveria ficar até tarde da noite, antes de qualquer reunião, mas, especialmente, não nessa reunião. Eu estava indo rastejar sob os lençóis com Jonathan, enrolar-me ao lado do seu belo corpo quente, e dormir.

Só que ele estava sentado na varanda. Ele não parecia feliz.

Seu casaco estava pendurado nas costas do balanço da varanda. Ele usava calça, sua camisa com três botões abertos e seus sapatos. Os sapatos me incomodaram. Ele poderia ir embora a qualquer momento. Ele estendeu a mão. Deixei a chave do carro para ele.

— Eu não deveria ter que dizer. — Disse ele. — Mas não faça isso de novo.

— Fazer o quê? Roubar o carro? Ou drogar você?

— Ver a minha ex-mulher.

— Essa é a única coisa pelo que não vou pedir desculpas.

Eu coloquei o envelope e telefone próximo a ele, em seguida, inclinei-me sobre o parapeito da varanda. Ele nem sequer olhou para eles, mas manteve seus olhos nos meus e seus pés apoiados em cima da mesa na frente dele. Nós consideramos um ao outro em silêncio por um segundo.

— Você colocou o motor de arranque de volta no meu carro? — Perguntei.

— Sim.

— Eu vou até lá mais tarde.

— Lil irá levá-la.

— Eu vou pegar o ônibus. — Eu disse.

— Não, você não vai.

— Vá para o inferno, Jonathan.

— Eu deveria ir para o inferno? Eu? Eu? Eu devo ir para o inferno?

— Sim, você. Você tem acusações criminais contra você, e você gasta todo o seu tempo encontrando formas para me impedir de ajudá-lo. Qual é o seu plano para lidar com ela? Você vai deixá-la chantageá-lo, porque tem dinheiro, e aí?

— Não, Monica, eu tinha um plano. Mas gasto todo o meu tempo certificando-me de que você não acabe com ele.

Sentei-me no parapeito e cruzei os braços, colocando os meus pés contra os trilhos verticais para que eu não caísse. — Você poderia ter me dito.

— Eu não digo às pessoas coisas assim. Não é o meu jeito.

Eu balancei para trás em meus pés. O corrimão foi feito a cem anos e continuaria mais de uma centena, mas Jonathan não sabia disso. Ele endureceu quando parecia que eu ia cair.

— Será que estraguei com isso? — Eu perguntei.

— Não. Você só ferrou *comigo*. Eu não conseguia pensar. Eu sabia todas as coisas que Jessica diria a você, e pensei que ela iria levá-la para longe. Tudo o que

você precisava ouvir, e pensei o pior, ela diria isso. Então, neste momento, você iria embora para sempre.

Se tocá-lo fosse o caso, eu teria acariciado sua bochecha e beijado sua boca. Eu teria estendido as mãos, advertindo-as contra o frio do final de novembro. Eu teria sussurrado meu amor em seu ouvido na cadência de sua risada. Mas tivemos muito nos últimos dois dias entre nós para fazer qualquer coisa significativa.

— Fiquei muito triste com as pílulas para dormir. — Eu disse. — Eu não achei que eu precisasse do seu autocontrole, e os tirei de mim. Isso foi errado e uma quebra de confiança. Sinto muito. — Quando ele não respondeu, continuei. — Eu posso roubar seu carro novo, apesar de tudo.

— Pegue-o. — Ele acenou com a mão, como se estivesse me dando o último pedaço de sobremesa. — Você pode me dizer o que ela disse?

— Aparentemente, você matou o seu primeiro amor. Ela disse isso como se fosse assassinato a sangue frio.

A raiva foi drenada de seu rosto, substituída pelo medo.

— Não me olhe assim. — Eu disse. — Eu te amo.

— Mas eu fiz isso.

— Eu sei.

Nós olhamos um ao outro pelo que parecia ser um longo tempo.

— Esse envelope, aí, ela me deu. É um projeto de um artigo escrito por *eLa Rag*. Eu já vi uma parte disso que Gabby tinha nas mãos, não me pergunte como. Eles sugerem que você estava dirigindo o carro de Rachel quando ela se afogou. Você se salvou e a deixou morrer. Jessica disse que você está ciente de que ela sabe de tudo isso.

— Eu estou.

— Posso ouvir toda a história de seus lábios, por favor?

— Não, Monica. Não. Mil vezes não.

— Tudo o que tive dela foi o maldito envelope antes que eu pegasse seu telefone. Para que eu possa voltar e...

— Este é o seu telefone? — Ele apontou para o retângulo preto em cima do envelope.

— Sim.

Ele pegou. — Você roubou o telefone.

— Eu prefiro o termo peguei *emprestado*. — Eu disse. — Em todo caso, “se ela perguntar por ele”, como disse a você, o áudio completo pode estar aí.

— Você *roubou* o telefone. — Embalou no espaço entre as palmas das mãos, como se ele não quisesse que isso tocasse sua pele. — Será que você ouviu?

— Não. Isso é o que você precisa. Descubra isso.

— Você não quer saber o quão longe eu fui com ela?

— Você me disse o quão longe foi.

— Você é tão estranha, Monica.

— Eu nunca tomei a decisão de te amar. Mas decidi confiar em você. Essa foi uma escolha.

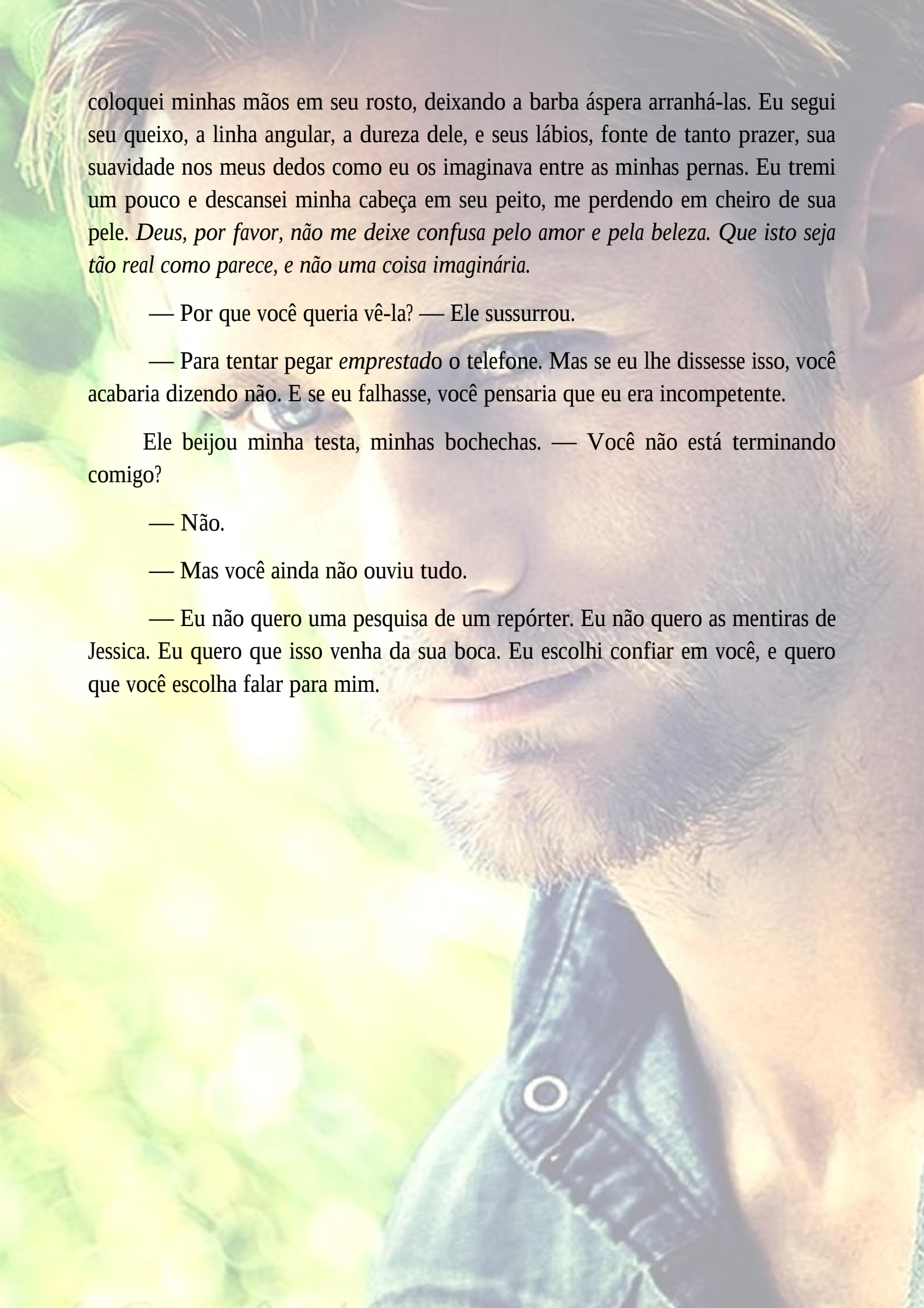
Ele tocou o telefone, jogando-o para cima como se contemplasse um algo maior. — Se toda a cena está nesse telefone, a finalidade principal poderia se tornar pública.

— Tudo o que você quer.

— As pessoas vão saber. — Ele olhou para mim com um significado, como se estivesse tentando transmitir alguns volumes de conhecimento.

Eu sabia exatamente o que ele quis dizer. Eles sabiam que estávamos juntos. Eles falariam e me olhariam de um jeito que eu não queria ser vista. — Foda-se as pessoas e foda-se o que eles sabem. Faça o que tiver que fazer.

Ele estendeu a mão, e eu a peguei, deixando que ele me puxasse para o seu colo. Seus braços me envolveram e puxou minhas pernas para um lado. Eu



coloquei minhas mãos em seu rosto, deixando a barba áspera arranhá-las. Eu segui seu queixo, a linha angular, a dureza dele, e seus lábios, fonte de tanto prazer, sua suavidade nos meus dedos como eu os imaginava entre as minhas pernas. Eu tremi um pouco e descansei minha cabeça em seu peito, me perdendo em cheiro de sua pele. *Deus, por favor, não me deixe confusa pelo amor e pela beleza. Que isto seja tão real como parece, e não uma coisa imaginária.*

— Por que você queria vê-la? — Ele sussurrou.

— Para tentar pegar *emprestado* o telefone. Mas se eu lhe dissesse isso, você acabaria dizendo não. E se eu falhasse, você pensaria que eu era incompetente.

Ele beijou minha testa, minhas bochechas. — Você não está terminando comigo?

— Não.

— Mas você ainda não ouviu tudo.

— Eu não quero uma pesquisa de um repórter. Eu não quero as mentiras de Jessica. Eu quero que isso venha da sua boca. Eu escolhi confiar em você, e quero que você escolha falar para mim.

Capítulo Vinte e Quatro

Jonathan

Segurei-a em silêncio por um longo tempo,

me perguntando se ela poderia manter sua promessa de ficar comigo. Eu me tornei tão ligado a essa mulher que a presença dela, em algum lugar do mundo, me confortava. A conexão, uma vez que eu tinha admitido que estava lá, era palpável, uma corda de energia entre nós. Saber o que ela estava fazendo em determinado momento era uma experiência quase religiosa, específica para ela, e quase sexual em sua pureza. Eu sabia que ela sentia isso também, mas era uma surpresa. Suas reações nunca se encaixavam com as minhas expectativas.

Se ela me deixaria pelas coisas que eu tinha feito, já teria feito isso. O efeito da minha desoneração poderia durar indefinidamente e me afetava do jeito que tinha me afetado com Jessica, em palavras bem cronometradas a sensação de que eu estava preso por seu conhecimento. Mas isso não importava mais. Até ontem, eu tinha feito o suficiente para alienar Monica sobre mim e muito mais para trazê-la para perto. A tensão entre os dois tinha que quebrar.

Então, formulei uma maneira de expressar à narrativa. Isso não iria correr em linha reta. Tudo começou em uma noite chuvosa de dezembro, virei a esquerda

quando eu tinha vinte e três anos, fiz uma curva anos depois, troquei as engrenagens no mês anterior, e só comecei com a noite anterior, com uma morte.

— Rachel morreu ontem à noite. — Eu disse. Ela se afastou para me olhar nos olhos. Mesmo no escuro, vi a confusão. — Bem, eu menti.

Eu queria ver o rosto dela, então a puxei para uma posição sentada. Seus ombros caíram. Eu tirei delicadamente seus cabelos dos ombros. Estava escuro demais para ver seu rosto claramente, mas eu sabia que não gostaria do que veria.

— Sinto muito. Há mais. Você quer que eu continue com isso? — Eu perguntei.

Ela colocou as mãos sobre meus ombros. — Ok, vá em frente.

— Rachel precisava de cuidado constante. O acidente deixou-a em estado vegetativo. Ela nem era ela mesma, muito pouco do seu cérebro estava funcionando. Ela poderia ter vivido para sempre, exceto que, quando Jessica a encontrou no Stock, no dia que estava com a bandagem no braço, entrei em pânico. Eu pensei que ela iria lhe contar tudo. Eu não sei por que, e principalmente, não sei porque me preocupei tanto, mas eu sabia que importava. Eu precisava de tempo para pensar, então a troquei de lugar. Ela nunca se recuperou totalmente.

— Sinto muito. — Disse Monica. — Você está triste com isso?

Senti-me sorrindo, porque essa seria a pergunta que Monica gostaria de fazer, não outras mil. — Sim, mas outras coisas também. É complicado. Eu achava que ela estava morta entre o acidente e quando eu tinha uns vinte e três anos. Eu fiquei de luto por isso. Mas descobri que ela estava viva, e Jessica e eu a achamos e a mudamos de lugar.

— Ok, espere...

— Espere, Mon...

— Você a achou? Quem estava mantendo-a?

— Eu disse espere, deusa, por favor.

— Tem misericórdia de mim, Jonathan. Eu pensei que ela estava morta até um minuto atrás. Você não tem ideia do que está acontecendo na minha cabeça.

— O quê?

Ela colocou a testa no meu ombro. — Você a matou durante asfixia sexual e encobriu isso com o acidente.

— Você tem uma imaginação muito fértil.

— Então, não foi isso que aconteceu?

— Você sabe isso não é coisa minha. Quero dizer... Jesus, eu deveria ter explicado isso mais cedo. — Eu a puxei para cima novamente e peguei seu rosto em minhas mãos. Ela parecia muito cansada. Eu não tinha ideia de como fazer isso mais rápido, mas eu sabia que tinha que terminar, se ela pudesse ficar acordada para isso. — Eu tenho que parar e falar sobre o meu pai.

— O bêbado passivo que você me falou?

— Uma das muitas mentiras que dizem sobre ele.

— A pessoa que seduziu Rachel pela primeira vez.

— Isso não é uma mentira. Esse foi o início da descoberta de quem eu sou de verdade. Ele é um sociopata. Clínico. Ele não tem empatia. Ele só encontra coisas interessantes ou não interessantes, e magoar as pessoas é interessante. As garotas são interessantes. Ver a minha mãe gritar durante o parto? Também. Minha irmã Carrie é psicóloga, e uma vez que ela notou e percebeu toda a merda que ele tinha feito ao longo dos anos, se mudou para a Itália. Juro por Deus. Eu vejo aquele olhar em seu rosto. Não é genético.

— Eu não pensei que você fosse um sociopata.

— Não, mas sou um sadista sexual. — Dizer essas palavras era difícil, mesmo que eu soubesse como na verdade era isso. Por mais que Debbie tinha tentado remover todas as minhas conotações negativas deles, eu ainda sentia uma pontada de auto-aversão. Monica não parecia perturbada, provavelmente porque estávamos apenas nós em sua varanda. Eu sabia que ela tinha vergonha na forma como era vista por estranhos, não o que nós fazíamos um ao outro quando

estávamos sozinhos. — Eu pensei por muito tempo que isso me faria gostar dele. Que éramos iguais, porque eu gosto de olhar no rosto de uma mulher quando aperto um pouco demais, ou gosto de deixa-la desconfortável. Eu pensei que era uma parte dele dentro de mim.

— E não é?

— É. Mas se ele fosse mesmo capaz de fazer coisas boas. Foi ele que salvou Rachel do carro e a colocou em uma instituição.

Ela se inclinou para trás como se estivesse atordoada. — Por quê?

— Ela estava prestes a chantageá-lo. Ela iria expor que ele estava com ela quando tinha dezesseis anos. Você não chantageia J. Declan Drazen. Ele não aprecia isso, digamos.

— Por que ele não a deixou morrer?

— Eu não sei. Ele tem uma coisa sobre não defecar onde você come, então, se ele achasse que ela estava dentro de seu círculo, ele não a teria machucado. Mas ele era segredista. Descobrimos tudo sobre o acidente da maneira mais difícil. Quando fui falar com ele sobre isso, ele literalmente riu. Eu descobri que estava dirigindo quando algum repórter veio farejando, provavelmente esse cara. — Eu bati no envelope. — Eu descobri que ela estava viva logo em seguida. Foi, digamos, avassalador.

— Você parecia uma mosca presa em uma teia.

Ela capturou exatamente esse sentimento. O que ela não capturou foi a sensação de que se eu me livrasse disso, seria menos humano para largar a dor e a culpa. Isso era meu. Eu possuía isso. Se eu me aliviasse disso, no que eu me tornaria? Um animal que parou de se preocupar com as coisas que havia feito? Eu não podia permitir isso. Minha vergonha era me passar por uma pessoa moral, mesmo que isso me aleijasse emocionalmente.

Ela pegou o envelope e apertou-a contra meu peito. — Você deveria ler isto.

— Eu não preciso.

— Aqui diz que você estava encharcado em água salgada. Já lhe ocorreu que você poderia tê-la salvo?

— Eu mergulhei, mas eu estava bêbado demais para salvar qualquer um. — Eu disse. — Provavelmente, quase me afoguei.

— Eles tiveram acesso aos seus registros médicos. A pele de suas mãos estava totalmente ferrada. Você estava até a merda. Como se você tivesse lutado com o oceano para tirar alguém de lá.

Lembrei-me disso. No meu isolado quarto de hospital, minha mãe estava ao meu lado, com cheiro de uísque, e ela alegou desconhecimento sobre isso e tudo mais. Papai falou comigo depois, descrevendo a morte de Rachel por afogamento e a ausência do corpo, o carro que “ela roubou” flutuava no Pacífico com a maré. Ele me daria outro. Não era para me preocupar.

Eu estava tão arrasado sobre Rachel, que não prestei atenção às minhas contusões ou a pele faltando em minhas mãos. Eu percebi que no estupor do meu luto que eu tinha caído. Repetidamente.

Pode ser que Monica estivesse certa. Pode ser que eu não tenha sido um jogador tão passivo. Ou talvez isso não importasse mais, porque os grandes olhos castanhos da Monica procuravam em mim respostas, como se eu tivesse alguma. Ela olhava para mim como se estivesse em um bloco de partida, à espera de ganhar a corrida para o perdão. Eu poderia dizer-lhe qualquer coisa. Eu poderia dizer a ela que tinha estrangulado Rachel e enterrado o corpo, e ela me perdoaria. Maldição. Eu tinha feito algo realmente ruim em deixar a mulher me amar.

— Nós arruinamos sua família. — Eu disse. — Não que isso valesse muito.

— Você sabe, eu acho que...

Eu não a deixei terminar. — A família de Jessica, também. Meu pai colocou a dela em seu túmulo. E quando me casei com ela, ela foi cortada. Em seguida, ela se tornou essa coisa que tenta me esmagar.

— Jonathan, ouça...

— E Kevin. Quero dizer idiota, sim. Eu tive a minha chance de acertá-lo na cabeça com um bloco de cimento, mas de alguma forma não era permanentemente suficiente. Eu precisava que ele fosse varrido do mapa de Los Angeles. Então, eu os mandei verificar nas fronteiras. Eu precisava que a carreira dele com você terminasse, por isso tive a certeza que a última página da fatura comercial estava faltando.

O olhar de choque em seu rosto, a sensação de seus membros se apertando, me fez querer tranquilizá-la, ao mesmo tempo em que fortaleceu a minha determinação. — Quero dizer, olhe para você. Você está surpresa. Você não consegue acreditar que eu faria algo assim, certo? Você sabia que era verdade, mas não consegue acreditar. Diga isso.

— Eu acredito nisso. — Sua voz era suave e baixa, como se ela estivesse dizendo a si mesma, mais do que a mim.

— E você ainda me ama? Porque você acredita na minha *bondade* inata?

Ela rolou do meu colo e sentou-se ao meu lado, olhando para a vazia rua diagonal. — Você me machucou demais, quando fez isso. Com a fatura. Qualquer caixa poderia ter sido retida. Eu não poderia ser capaz de descobrir isso.

— Eu não me importei. Você não entendeu? Eu queria ter você, e não queria Kevin no meu caminho. E você me ama, Monica? Você ainda me ama? Você é tão ingênua?

— Eu ainda te amo.

— Você não tem ideia do que está falando. Olha o que eu já fiz para você. Você está roubando as coisas e me drogando. O que você está virando?

— Você está me transformando em otária.

— Eu não estou me transformando em nada. O que sou agora, sempre fui. Eu não posso acreditar que você pode ouvir esta história e ficar parada aí, como se não fosse nada.

— Não é nada. — Ela puxou os joelhos até o queixo, uma postura defensiva, eu já a vi assim. — Você quer que eu o julgue?

— Por que não julgaria? Não se torne mártir por mim.

— Jesus Cristo! O que está *errado* com você?

— Sua decência é agradável, mas isso está morrendo. — Levantei-me no meio das minhas ações. Senti aquele aperto no meu peito novamente, mas ignorei. — Pelo menos com Jessica, ela sabia com o que estava ficando, e ela podia lidar com isso. Eu não posso dizer o mesmo de você.

Que isso a machucaria, era suposto. O desejo de reuni-la em meus braços e dizer que eu estava triste era esmagador. Eu tive um momento em que eu poderia ter feito isso, explicado tudo, mas isso seria um ato de covardia. Eu me recusei a permitir que outra mulher fosse arruinada por minha causa.

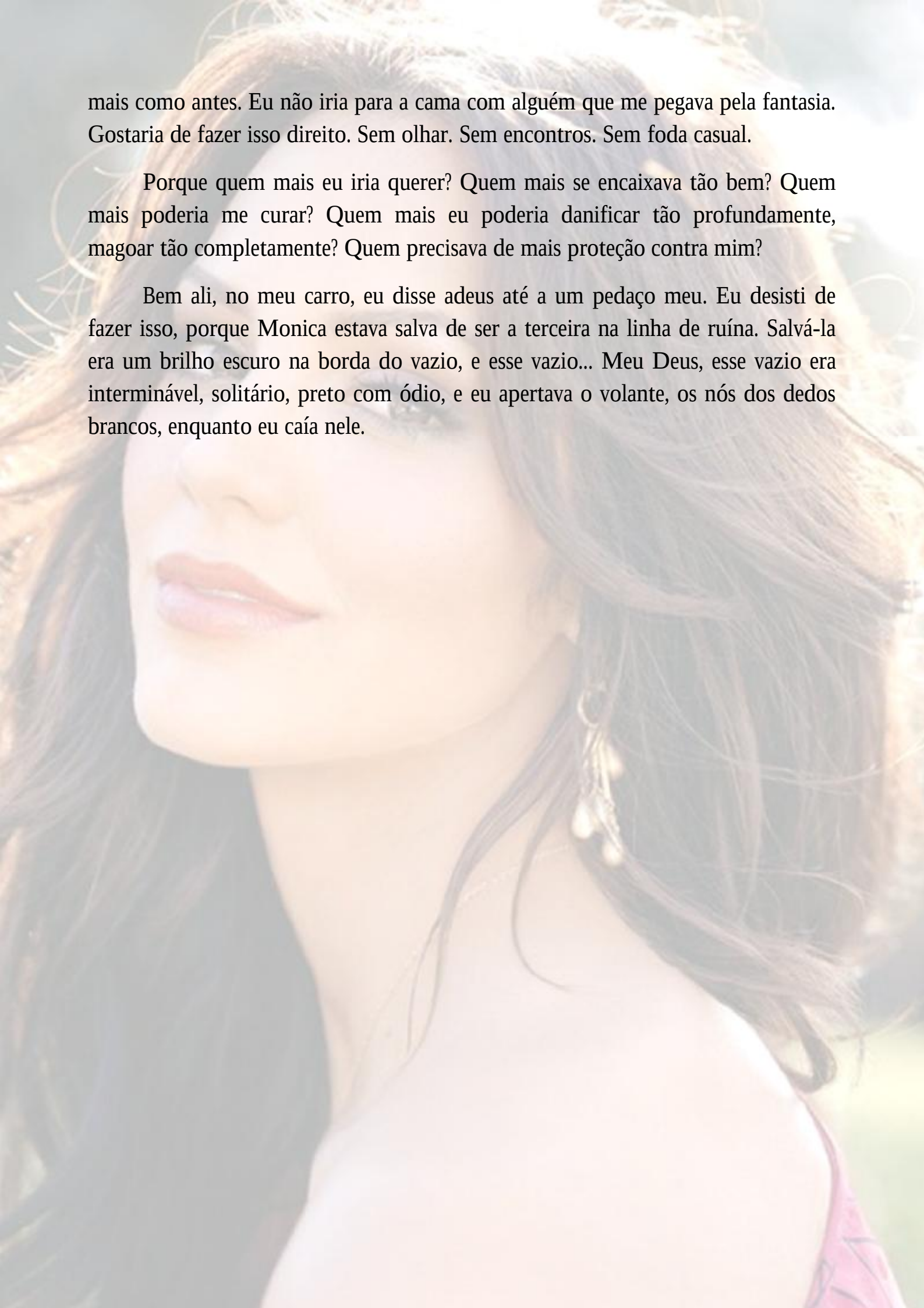
— Saia. — Disse ela, os pés no balanço, enrolados e enroscados nos tornozelos. — Basta ir.

— Seu carro está arrumado. — Eu disse, pegando o telefone e envelope de Jessica.

Eu saí da varanda sem olhar para trás. A batida da porta do carro parecia final. O rugido do motor que voltava para ele completa de uma queda, pareciam pontuações contínuas em sentença cada vez mais longa. Eu dobrei a esquina, depois outra, até uma colina, até que eu estava em cima dela novamente. Se eu desse a volta e ela ainda estivesse na varanda, eu rastejaria. Eu derramarei meu coração para ela. Se eu lhe dissesse que estava com medo de corrompê-la, expondo-a a minha família, transformando-a em um monstro sem escrúpulos, matando-a, pode ser que isso provasse a ela que sou errado.

Mas ela tinha ido embora. Uma parte minha ficou feliz que ela estava protegida de verdades que poderiam ser usadas para desenhar o perdão e o amor dela. Mas o resto me fazia sentir rachado ao meio.

Eu estacionei o carro na beira da estrada, junto à entrada da autoestrada, porque rachadura se abriu em um vazio, e eu estava caindo nele. Eu não conseguia dirigir. Eu sabia que tinha feito o que precisava. Eu sabia que fui homem. Fiz isso direito. Assumi a responsabilidade. Eu jurei que minha vida de solteiro não seria



mais como antes. Eu não iria para a cama com alguém que me pegava pela fantasia. Gostaria de fazer isso direito. Sem olhar. Sem encontros. Sem foda casual.

Porque quem mais eu iria querer? Quem mais se encaixava tão bem? Quem mais poderia me curar? Quem mais eu poderia danificar tão profundamente, magoar tão completamente? Quem precisava de mais proteção contra mim?

Bem ali, no meu carro, eu disse adeus até a um pedaço meu. Eu desisti de fazer isso, porque Monica estava salva de ser a terceira na linha de ruína. Salvá-la era um brilho escuro na borda do vazio, e esse vazio... Meu Deus, esse vazio era interminável, solitário, preto com ódio, e eu apertava o volante, os nós dos dedos brancos, enquanto eu caía nele.

Capítulo Vinte e Cinco

Monica

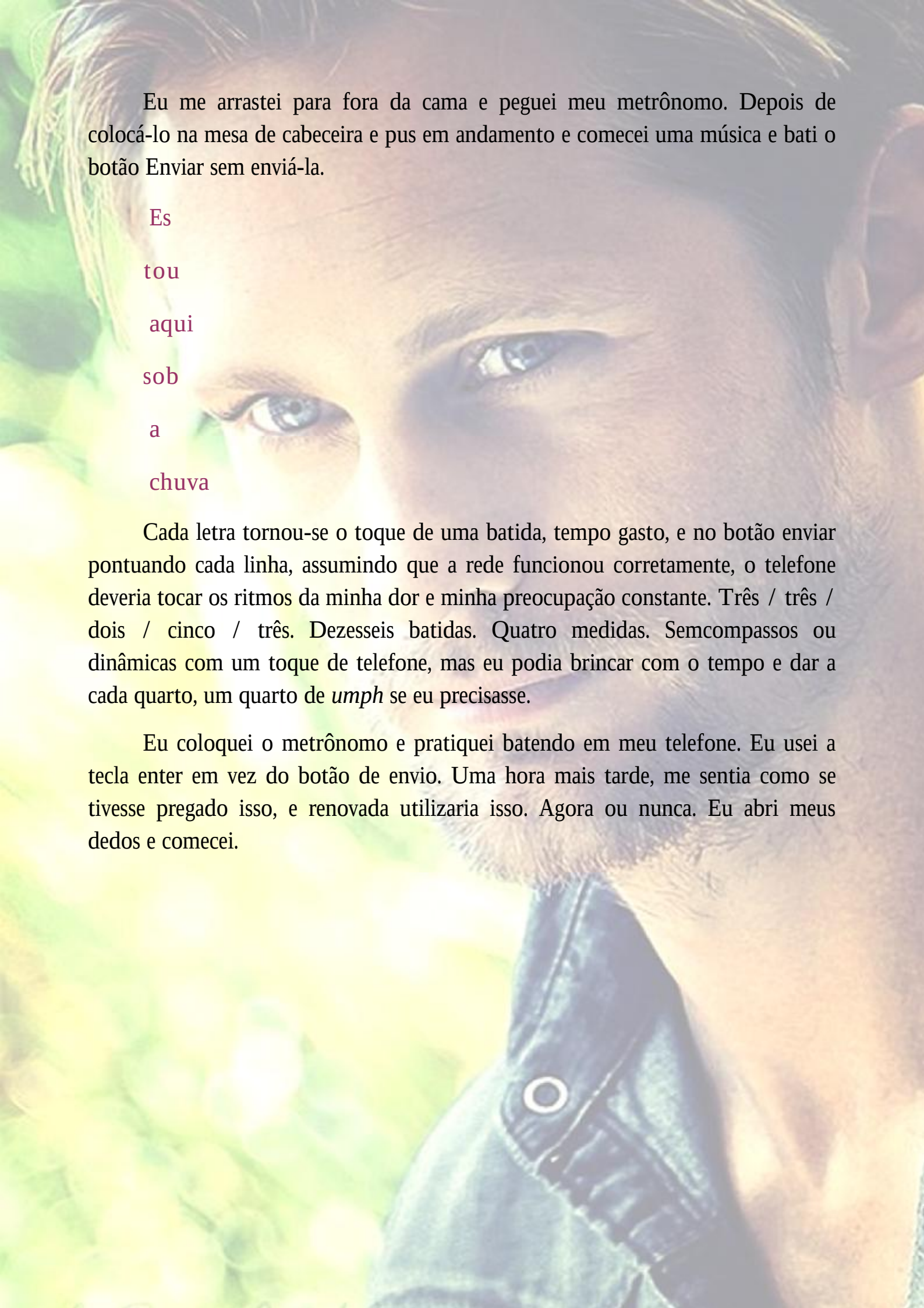
Isso era besteira.

Isso era um cara que se sentia responsável pela morte do seu primeiro amor.

A escolha era clara. Eu poderia ficar chateada ou não. Eu poderia ignorar tudo o que tinha passado e ignorá-lo, ou poderia fazer-lhe o favor que ele me fez quando fui embora e ficar pronta para seu retorno.

Abri meu text messenger para deixá-lo saber que eu estaria lá para ele quando voltasse a si. Eu não bati enviar. O botão Enviar entregaria um toque imediato para toda a cidade, e ele responderia (ou não) e, então, teria a rejeição do texto (ou não), mas nada seria resolvido. Eu prolongaria a agonia do que ele estava passando.

Eu estava totalmente desperta, e apesar da minha segunda tentativa eu queria tentar dar algo com uma sombra com uma chance de realmente confortá-lo. Eu queria cantar-lhe uma canção. Fazer isso com a música, e que um toque não a cortasse. Ele precisava de mais toques. Um coro deles. Uma sinfonia. Seu telefone precisava se iluminar e fazer música.



Eu me arrastei para fora da cama e peguei meu metrônomo. Depois de colocá-lo na mesa de cabeceira e pus em andamento e comecei uma música e bati o botão Enviar sem enviá-la.

Es
tou
aqui
sob
a
chuva

Cada letra tornou-se o toque de uma batida, tempo gasto, e no botão enviar pontuando cada linha, assumindo que a rede funcionou corretamente, o telefone deveria tocar os ritmos da minha dor e minha preocupação constante. Três / três / dois / cinco / três. Dezesseis batidas. Quatro medidas. Semcompassos ou dinâmicas com um toque de telefone, mas eu podia brincar com o tempo e dar a cada quarto, um quarto de *umph* se eu precisasse.

Eu coloquei o metrônomo e pratiquei batendo em meu telefone. Eu usei a tecla enter em vez do botão de envio. Uma hora mais tarde, me sentia como se tivesse pregado isso, e renovada utilizaria isso. Agora ou nunca. Eu abri meus dedos e comecei.

Capítulo Vinte e Seis

Jonathan

Duas da manhã. Ainda chovendo. Eu poderia ter ligado para qualquer escritório da Ásia e aproveitar o tempo para ganhar uma quantidade enorme de dinheiro como o que quisesse. Deus, isso ajudaria se eu conseguisse ligar par alguma merda.

Eu já a queria. Seu corpo sob o meu. Sua voz dizendo meu nome. Sua fome por viver. Os primeiros meses seriam os mais difíceis. Eu conhecia isso pela perda da Jessica. Como eu poderia comparar o momento com Monica com os dez anos que passei com uma vadia como esposa?

Mesmo que eu não tivesse acreditado na época, Jessica fez seu caminho. Essa era a diferença. Meu tempo com Monica foi cortado na altura dos joelhos.

Eu já queria saber o que ela estava fazendo. Em vez disso, fui para o chuveiro e tentei esaldar o pensamento dela de mim. Tirei a roupa no banheiro, deixando minhas roupas no chão como um relaxado.

Meu celular apitou uma vez, em seguida, novamente. Ele estava no meu bolso, caído sobre a vaidade. Porra de Ásia. Todo o continente deveria ter caído no

mar, e pela urgência dos toques, soava como se fosse isso. No momento em que o alcancei, tinha ido mais dez vezes, e um ritmo estava aparecendo. Os textos foram chegando furiosamente. A coisa deveria estar quebrada ou emperrada.

Eu finalmente o tirei do meu bolso.

sob

_eu

o_

dividindo

_va

chu

_e

ran_

por

inq

b_

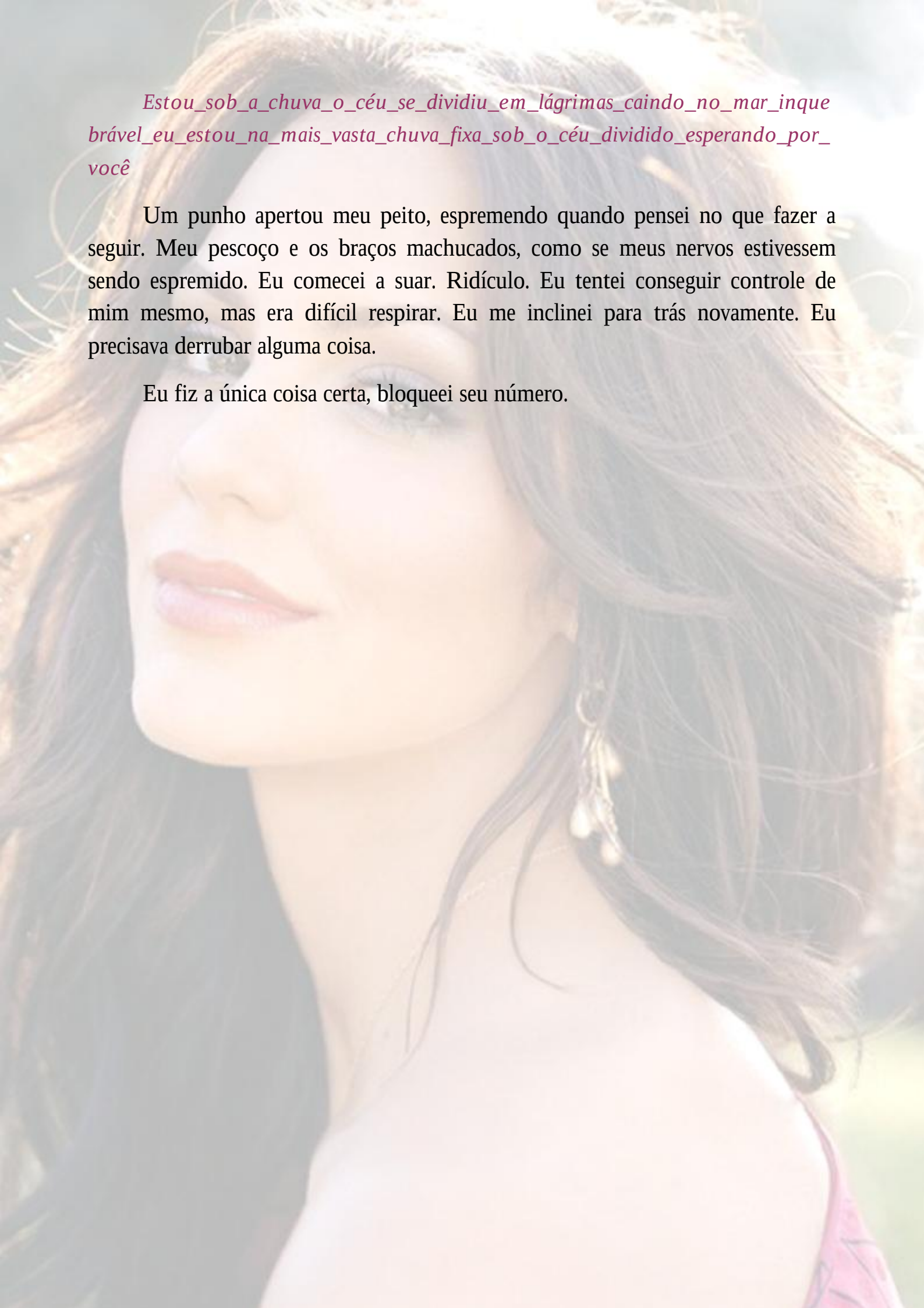
vas_

o

_cê

Ele seguiu em frente. E adiante. Era Monica cantando. Sentei-me no vaso sanitário, pingando, encarando os toques que zumbiam do telefone, e o absurdo aparente em tempo real através de minha tela. Eu poderia colocá-la em conjunto, se me concentrasse. O efeito era hipnótico.

Os toques pararam, então algo veio em uma frase completa.



*Estou_sob_a_chuva_o_céu_se_dividiu_em_lágrimas_caindo_no_mar_inque
brável_eu_estou_na_mais_vasta_chuva_fixa_sob_o_céu_dividido_esperando_por_
você*

Um punho apertou meu peito, espremendo quando pensei no que fazer a seguir. Meu pescoço e os braços machucados, como se meus nervos estivessem sendo espremido. Eu comecei a suar. Ridículo. Eu tentei conseguir controle de mim mesmo, mas era difícil respirar. Eu me inclinei para trás novamente. Eu precisava derrubar alguma coisa.

Eu fiz a única coisa certa, bloqueei seu número.

Capítulo Vinte e Sete

Monica

Eu não tive retorno.

Quanto tempo ele esperou por mim? Duas semanas ou mais? Eu senti como se isso fosse me matar, mas fiz o que precisava, mesmo que isso significasse não dormir na noite anterior a uma grande reunião e eu me sentia como o inferno. Eu verificava meu telefone constantemente. Nada. Eu tinha que me lembrar de respirar.

Foi por isso que fui celibatária, para evitar ficar acordada a noite toda antes das reuniões. É claro que as reuniões vieram quando eu entrava em mais drama do que eu poderia suportar sem um terapeuta.

Eu sou música.

Eu sou música.

Eu sou música.

De certo modo, eu era um desastre. A noite estava emocionalmente devastadora. Eu não ouvi nada dele depois da minha música. Eu acreditava que o

teria de volta, eventualmente, se ele não encontrar ninguém nesse meio tempo, mas eu estava chateada. Eu nunca fui rejeitada, e a impotência e vulnerabilidade eram físicas. Minhas veias pareciam sugadas, e minha caixa torácica parecia ter encolhido e era muito pequena para conter meus pulmões.

Um bom choro poderia liberar um pouco da minha ansiedade, e eu estava tentando a deixá-lo entrar, mas não queria correr o risco de ser incapaz de parar. Eu coloquei todas as minhas emoções em uma caixa e tampei com as palavras.

Eu estou bem.

Eu estou bem.

Eu estou bem.

Eu não conseguia tocar minha viola. Por mais que tentasse manter as notas fortes, a dinâmica continuava arrastando em direção triste. Eu tive mais sorte com o piano, batendo na tecla até que tive certeza de que a polícia viria.

Eu tenho controle de mim mesma. Eu não sabia quanto tempo duraria, mas se eu pudesse não quebrar e passar pelo encontro com o Carnival, eu estaria satisfeita.

Um texto chegou. Eu pulei com a ansiedade fluindo de mim em uma torrente e que foi sugada de volta quando percebi que era Darren.

- Vocês estão decentes? -

- Não, mas estou vestida e sozinha. -

Uma batida na porta, foi a resposta. Abri-a para uma perfeita manhã clara de outono e Darren com seu laptop.

Ele apontou o dedo em direção frente da minha casa. — Ele deixou seu carro?

— Não, eu... — Eu notei uma nota no balanço da varanda.

Monica:

Por favor, saiba que eu já tinha providenciado essa substituição antes de ontem à noite. Basta aceitá-los e estamos certos.

- Jonathan

Eu tinha um Civic preto e velho com mais sons do que um coro de sinos versão de “Deck the Halls”, e o que estava na minha garagem era um carro branco e imaculado Jaguar. Conversível. Top de linha.

— Babaca. — Eu disse.

— Dr. Thorensen estacionou em sua calçada de novo?

Alcansei a minha caixa de correio e encontrei uma caixa azul marinho da Harry Winston amarrada com uma fita branca.

— Você está brincando comigo. — Disse Darren, estatelando no balanço da varanda.

Eu abri a caixa. Dentro havia um coração em forma chaveiro prata e a chave de carro branco. — Eu não acho que estou.

— Isso por ter todo o pescoço chupado?

— Eu deveria comprar-*lhe* um carro para estes chupãos. — Eu apertei o botão. As luzes piscavam e um pip suave emanou do carro. Darren deixou seu laptop no balanço e ficou ao meu lado, olhando para a coisa sobre a grade da varanda. — É lindo. Pena que vai voltar.

— O quê? Esse carro...

— Nós terminamos.

— Outra vez?

Eu suspirei. — Ele parece tão certo disso. Quando estamos juntos, tudo é perfeito. Mas o seu passado, é feio. Isso mexe com ele. Eu não sei como fazê-lo sair disso.

— Provavelmente não é o seu trabalho.

— Sim. — Sentei-me ao lado dele, e ele colocou o braço em volta de mim.
— Eu não sei o que fazer.

Darren não disse nada, mas me puxou para mais perto. Eu senti o cansaço nos meus ossos e um poço profundo de tristeza no meu peito. Eu queria chorar tanto, mas não poderia ir ao meu encontro no Carnival com os olhos inchados e desidratada. Se eu aceitasse o conforto de Darren, não teria a menor chance de manter as minhas coisas juntas. Eu me levantei.

— Vamos continuar Mulholland. — Disse ele. — Ou bater a 405 em, tipo, meio-dia.

— Eu tenho uma reunião em Beverly Hills em uma hora e meia, e acho que deveria sair mais cedo no caso de me desviar a caminho. Eu nunca dirigi nada como isso antes.

— Posso sentar-se nele por dez minutos? Vamos lá, um cara não resiste.

Homens, mesmo os bonitos, sensíveis, bissexuais, ainda eram homens, e os carros e as armas estavam de alguma forma conectados, junto ao sexo e comida.

— Whoa, Monica! — Dr. Thorensen inclinou-se por cima da cerca, olhando para o meu carro. — Tirou um HELOC⁸? — Ele levantou uma sobrancelha para mim, sorrindo. Uma mecha de cabelo castanho claro caiu em seus olhos. Ele estava em seus trinta e tantos anos e parecia que estava na casa dos vinte anos. Solteiro. Heterossexual. Meus amigos se derretiam quando o viam sair para a calçada.

— Dr. Nordicgod fala. — Darren sussurrou, obviamente, não era imune aos encantos do bom doutor.

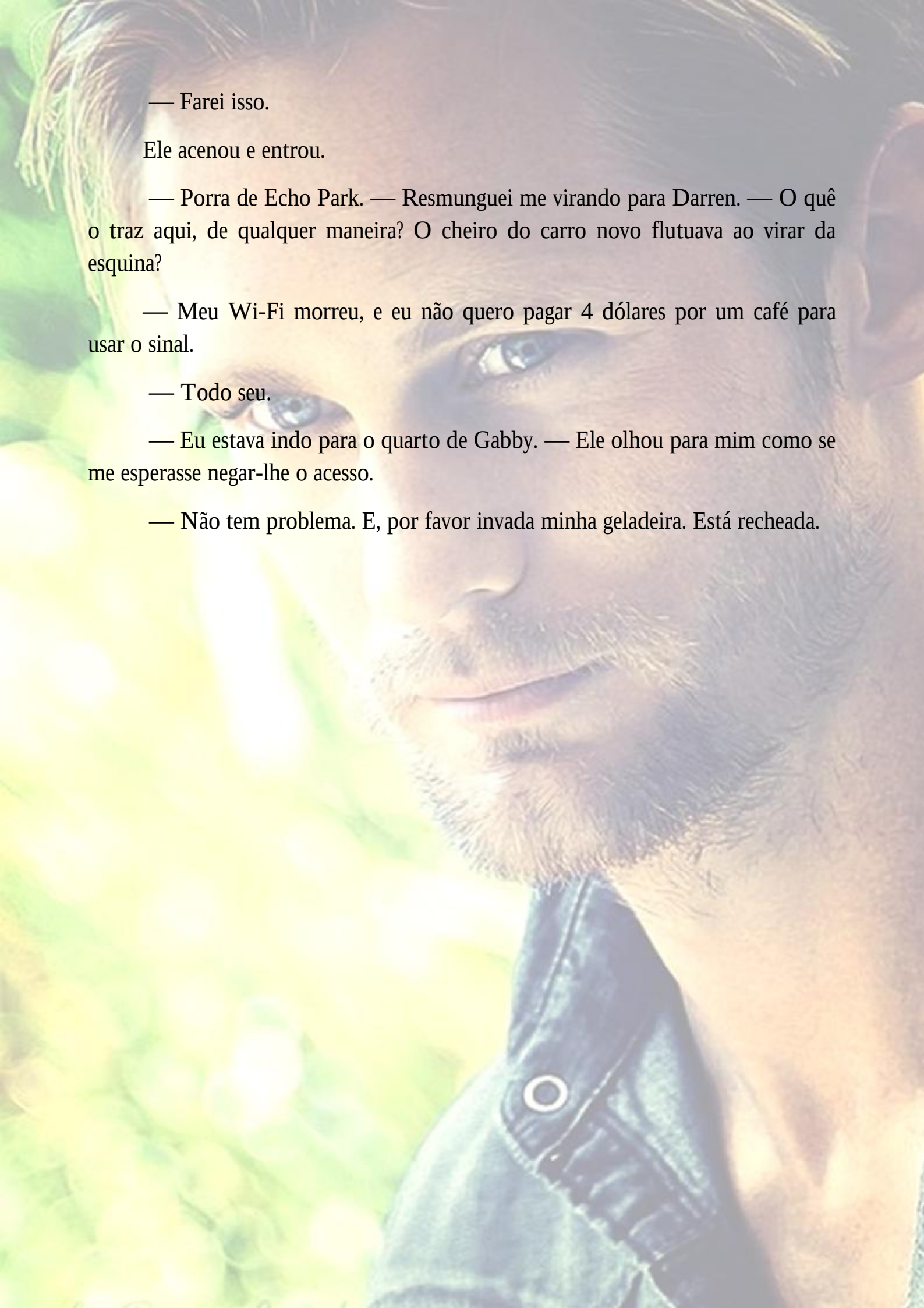
— É um empréstimo. — Eu disse.

— Se você for dar uma volta, eu vou junto.

— Eu não posso. Eu tenho um lugar para ir, então preciso devolvê-lo.

Ele assobiou. — Doce passeio. Venha e me diga que você gostou. Eu poderia pegar um para test drive em breve.

⁸ Home equity line of credit (linha de crédito Americana)



— Farei isso.

Ele acenou e entrou.

— Porra de Echo Park. — Resmunguei me virando para Darren. — O quê o traz aqui, de qualquer maneira? O cheiro do carro novo flutuava ao virar da esquina?

— Meu Wi-Fi morreu, e eu não quero pagar 4 dólares por um café para usar o sinal.

— Todo seu.

— Eu estava indo para o quarto de Gabby. — Ele olhou para mim como se me esperasse negar-lhe o acesso.

— Não tem problema. E, por favor invada minha geladeira. Está recheada.

Capítulo Vinte e Oito

Jonathan

— Você vai levar Monica para o

Conselho dos Colecionadores? — Margie perguntou fora da sala de conferência. Seu escritório zumbia com a atividade, mas ninguém se aproximava dela quando ela estava prestes a entrar em uma reunião.

— Não vou.

— Bom. Eu não quero ser arrastada. Dee e Emm irão. — Dee e Emm era o código para o papai e mamãe. A pior coisa que poderia acontecer era levar Margie mas Monica.

— Assim é melhor. — Eu não poderia dizer a ela que fiquei passando pela varanda de Monica com a intenção de vê-la novamente. Minha irmã gostava dela e eu não queria decepcioná-la ou explicar as minhas falhas.

— Você anda dormindo? — Ela perguntou.

— O mesmo de sempre. — Eu menti. Eu tinha dormido cerca de três horas a menos do que o habitual.

— Você precisa descansar antes de abrir a boca na frente dos seus advogados. Eu não posso acreditar que tenho que lhe dizer isso de novo. — Sua irritação era um show. Precisávamos parecer estar tendo uma discussão animada quando Jessica e seus advogados virassem a esquina. Margie e eu estávamos na mesma sala desde as cinco da manhã, quando eu dirigi para a casa dela.

O carro cheirava a Monica, e os espelhos estavam ajustados para acomodar o ângulo de seu belo pescoço. Ela colocou o assento muito para frente e deixou a roda girada muito para a esquerda. Ainda assim, eu gostaria de emprestar-lhe o carro mais cem vezes, só não para ver Jessica.

Minha ex-mulher virou a esquina, os advogados a acompanhando. Ryan Myers, que havia supervisionado o divórcio, estava na casa dos cinquenta, em um terno marrom que combinava com seu bronzeado falso. Ele foi preparado para dizer a todos que bati em Jessica aos pontapés. O outro cara estava em seus trinta anos e usava um terno risca de giz de três botões cinza coma gravata magenta. Eu não o reconheci. Margie preencheu os espaços em branco, sem eu ter a necessidade de perguntar.

— Bennet Rinaldo. Litigante. Dor na bunda.

— Por que eles são três e nós dois?

— Porque você é o agressor, Jonny. Você tem que entrar aqui com pouca gente ou você parecerá como um tirano.

— Ela pediu por isso.

— Diga qualquer coisa mais alto e você estará sozinho.

Sorrisos educados foram trocados entre nós cinco. Nós estávamos tendo uma reunião informal onde foram acenando com a cabeça ainda sem apertos de mão. Margie estendeu a mão para indicar que deveriam ir primeiro.

A sala de conferências tinha janelas dos dois lados e uma grande mesa de madeira no centro. Café e frutas foram colocadas no aparador. Jessica encontrou seu lugar entre seus advogados e Margie e eu nos sentamos de frente a eles.

Jessica era bonita, e exatamente o que eu precisava, quando estive com ela. Ela era esperta, fria e no controle. Eu nunca pensei que precisava de mais nada em uma mulher, porque eu ainda não havia me tornado um homem. Eu tinha mudado, mas ela não. Ela sentou-se à luz clara do sol, as mãos cruzadas na sua frente. Pela primeira vez, ela não despertou um pinga de saudade, raiva ou pesar em mim. Eu estava feliz que ela estava fora da minha casa, da minha cama, da minha preocupação diária. Eu nem estava chateado mais com ela. Eu não acho que ela poderia me atingir de novo, porque, em algum lugar nas últimas semanas eu a deixei ir completamente, mais que imaginava ser possível. Um sorriso aliviado arrastou pelo meu rosto, e ela o viu antes que eu pudesse escondê-lo.

— Senhores e senhoras. — Margie disse, sentando — Bom dia. Eu entendo que a ordem de proteção contra meu cliente foi movida e é dispensada temporariamente porque os advogados da requerente estão presentes.

Formalidade legal e chata. Eu tentei manter meus olhos fora da minha ex-mulher, mas ela parecia uma estranha, e isso me fascinou. Será que eu beijei seus lábios enquanto ela dormia? Será que eu acariciei seu corpo languidamente enquanto a brisa vinha através da nossa janela aberta? Será que eu confessei tudo para ela no calor de intimidade ou a levei ao orgasmo com carinho e ternura?

Eu não conseguia anexar nenhum sentimento aos eventos que eu sabia que tinha ocorrido. Eu tinha certeza que aconteceu. Eu segurei sua mão quando seu pai morreu e enxuguei as lágrimas com meus lábios. Nós discutimos sobre coisas bobas, como qualquer um, e nós discutimos sobre coisas sérias. Eu entrei em pânico quando ela disse a todos sobre a minha perversão, porque eu pensei que a perderia. Lembrei-me do medo, e de quando me disse que estava indo embora, tudo o que eu tive medo de realmente acontecer. Eu implorei, de joelhos, eu implorei a ela para ficar. Lembrei-me de tudo isso como se eu assistisse isso na televisão ou lesse sobre isso no jornal, como se fosse a história de alguém.

Havia uma dor aguda na minha panturrilha que eu suspeitava que era o calcanhar de Margie.

— Você pode responder à pergunta, Sr. Drazen? — Disse Rinaldo, o litigante, com um tom de merda, superior, que me deu vontade de socá-lo.

Eu me inclinei para frente. — Você pode reformular isso. — Eu não tinha ideia de qual era a pergunta, e eu precisava dele para repeti-la.

— Em vinte e quatro de novembro, quais eram as suas intenções quando encontrou sua ex- esposa, Jessica Carnes, na sua casa?

— Minhas intenções? Minha intenção era ir para casa e fazer algum trabalho antes de uma reunião no jantar. Ela já estava lá.

— Você está dizendo que não esperava por ela?

— Sim.

— Você pode descrever seu estado de espírito?

— Não.

— Sr. Drazen...

— Eu tenho que concordar. — Disse Margie. — Você ainda não apresentou as acusações civis, e quer ir para a instrução processual? Ou havia algo mais?

Myers cortou. — Há circunstâncias nas quais podemos derrubar as ações civis, o que daria ao procurador da República pouco para ir em frente. Podemos defender trinta dias de liberdade condicional e uma ordem permanente de proteção.

— Descreva as circunstâncias. — Disse Margie.

— Todos os canais financeiros entre o Sr. e a Sra. Drazen Carnes podem ser reabertos, de forma permanente.

Olhei para minha linda ex-mulher, cuja necessidade de dinheiro deveria ser profundamente vergonhosa para ela. Ela não olhava para mim, mas mantinha as costas retas, os ombros relaxados, e seus olhos em seu advogado.

— Não. — Eu disse antes de Margie, e senti o seu calcanhar de novo.

Isso era exatamente o que Rinaldo queria ouvir. Ele abriu uma pasta com fotografias coloridas que me fizeram querer desviar meu olhar. Minha ex-esposa estava espancada na bunda, três marcas vermelhas em toda ela. Eu não tinha ideia

de que bati nela tão forte. Eu estava irritado, e era difícil sentir o quão duro estava balançando através de uma névoa de raiva.

— Você admite dar-lhe isso? — Rinaldo parecia estar no comando das perguntas incômodas.

— Admito.

— Por quê?

— Nós concordamos com isso antes. — Disse eu.

— Você está dizendo que ela pediu por isso?

— Não com essas palavras.

— E, em relação ao mês anterior, você quebrou seu pulso durante o sexo.

— Ela caiu.

— Sim, entendo que é história. Você a deixou na sala de emergência, bem como, para não ser questionado. — Disse Rinaldo.

— Eu a deixei, porque precisava pegar um avião e seu namorado apareceu.

— Sua namorada atual foi vista ontem à noite com contusões. Será que ela pediu por isso também?

Olhei para Jessica. Seus olhos estavam em seu colo. — Você realmente quer muito esse dinheiro. — Eu disse.

— Seu comentário foi observado, o Sr. Drazen.

— Monica e eu caímos de uma colina na noite passada. Eu ria com isso, se eu não estivesse tão machucado também.

— Contusões na base do pescoço não são consistentes com uma queda.

Margie estalou a caneta para obter a atenção de cada um e falou em um tom que parou de Rinaldo e Myers no caminho. — Obrigada, Doutor. A menos que você possa produzir fotografias desses supostos ferimentos, eu não poderia me importar menos com eles.

Rinaldo escutou, então sorriu. — Podemos enviar um fotógrafo forense para ela agora. O Estado da Califórnia não precisa dela para acusá-lo de nada.

— O Estado da Califórnia não pode obrigar uma mulher a usar o seu corpo como prova em um processo. Você tem mais alguma coisa? — Margie exigiu. — Porque estou vendo muito pouco.

Myers acenou para Rinaldo, e a merda do sorriso do jovem litigante retornou. — O telefone da Srta. Carnes começou a gravar quando foi jogado contra a mesa. — Ele apertou um botão em seu telefone.

Tudo começou com um grito quando puxei o cabelo dela. O que era um ponto de partida conveniente. Olhei para Jessica novamente, e seus olhos estavam colados ao telefone. Senti seu desejo de olhar para mim quando seus gritos ecoaram pela sala.

Exigi uma palavra segura. Ela questionou a sua necessidade, e eu disse:

— *Me pergunte de novo, e vou foder sua bunda com tanta força que você não será capaz de se sentar.*

Parecia ruim. Muito ruim. Como se ela não soubesse o que era a palavra de segurança ou por que era necessário, e eu a interrompi com uma ameaça.

— *Isso dói. Você está me batendo.*

Calculado. *Tudo calculado.* Em algum lugar na minha cabeça, eu a admirei. Ela seria uma parceira verdadeiramente impressionante se não fosse tão filha da puta.

O estalido de abertura meu cinto parecia sujo e violento, e meu dizendo-lhe para não gritar quando a batia não poderia ter soado nada além do que abuso. Ouvindo a representação da cena era tão desconfortável como deveria ter sido. E era bem possível que um juiz iria ouvir isso. A gravação poderia me fritar.

— Espere. — Margie interrompeu. — Você pode fazer uma pausa de um segundo?

Rinaldo fez uma pausa, mas a violência do encontro permanecia na sala.

— Como foi que começou? — Perguntou Margie.

— Com um grito. — Rinaldo teve um maravilhoso sorriso de merda no rosto, que era ótimo, uma vez que fosse apagado.

— Engraçado. — Disse Margie. — Eu ouvi isto esta manhã. Ela começa muito antes. — Ela apertou seu próprio telefone. Minha voz veio.

— *Jess, como você está?*

A conversa baunilha progrediu conduzida pelas tubulações de seu estúdio, sua mágoa por dinheiro, a nossa história.

— *E você está dizendo que você quiser experimentar isso do meu jeito?*

— *Eu quero. Mas nós precisamos definir alguns limites antes.*

— *Não, do meu jeito. Agora. Então você me diz se pode aceitar isso.*

— Pare. — Disse Jessica. — Isso é falso.

— Não. — Eu disse. — É exatamente o que aconteceu. Eu juro que é.

— *Tudo bem.* — A voz de Jessica era suave e audível.

— *Tudo bem, senhor.*

— *Isso não parece um pouco bobo?*

— *Você quer fazer isso ou não?*

— *Sim, senhor.*

— *Levante-se.*

— Eu não quero ouvir isso. — Jessica sussurrou para Myers.

Ele sussurrou *shhh* e afagou-lhe a mão quando minha voz apareceu de novo.

— *Pare de tentar parecer atrevida. Esta é uma questão funcional e não para o seu prazer.*

A próxima parte foi difícil de ouvir, mas Margie virou-se.

— *Isso é o que é, este é o tipo de sexo que você está concordando.*

Mandei-a colocar as mãos atrás das costas e olhar para frente, então a verifiquei, perguntando se ela estava bem.

Eu sua reação sobre a mesa. Com o rosto corado, e sua mandíbula tensa. Eu não a tinha visto corar desde que a beijei pela primeira vez. O vermelho aprofundou na próxima parte, quando Margie apareceu.

— *Eu vou abrir seus jeans. Eu vou levá-los até o meio das coxas por isso será difícil de andar. Você vai ficar desconfortável, e isso vai me agradar. Então fiarei atrás de você, e eu vou pegar um punhado de seu cabelo da parte de trás de sua cabeça e dobrá-la sobre essa mesa. Eu vou tirar o meu cinto, girá-lo uma vez, eatingi-la em toda essa doce bochecha branca até que você esteja vermelha como uma rosa e seu rosto coberto de lágrimas. Eu vou parar quando puder colocar dois dedos em sua boceta e sentir como está encharcada. Então vou te foder até você me implorar para deixá-lo entrar, que pode ou não acontecer. Isso vai funcionar para você? Não penso assim.*

— Faça isso.

Percebi pela primeira vez como estridente e desesperada sua voz era. No momento soava como um sussurro controlado. Na gravação, parecia gemido de uma criança.

— *Jess, realmente.*

— *Faça isso! Comece com o cabelo. Ou as calças. Seja o que for.*

— *Não.*

— *Faça isso!*

— *Pare, Jess.*

— *Você é a porra de um homem? Ou você apenas implora e chora por aquilo que não pode ter? É assim que você goza?*

Então a batida.

Margie pausou. — Nós ouvimos o resto.

— Onde você conseguiu esse lixo? — Perguntou Rinaldo.

— YouTube. — Disse Margie. — Tinha setecentos acessos nesta manhã. Mas deixe-me refrescar. Huh. Tem cerca de 4.200 agora. Engraçado que as pessoas acham divertido, não é?

— Uma mulher pedindo por isso. — Eu murmurei. Margie me lançou um olhar, mas fui poupado do calcanhar.

— Ela roubou meu telefone. — Os olhos de Jessica brilharam para mim.

— Eu não tenho ideia do que você está falando.

— A cantora.

— Vá para cima dela de novo, e eu vou te matar.

O calcanhar de Margie tirou sangue. Eu teria que comprar sapatos sem saltos para ela para o nosso próximo encontro.

— Como você fez com Rachel. — Jessica disse entredentes. — Levou dezesseis anos. Mas não há prazo prescricional sobre assassinato, mesmo homicídio, Jon.

Ryan Myers levantou-se, fechando os arquivos. — Nós terminamos por aqui. Srta. Drazen, você e seu cliente podem considerar a nossa oferta. Venham até mim quando tiverem uma resposta. As fotos ainda estão de pé, assim como o possível padrão de abuso com sua atual namorada, que não será esquecida de ser mencionada ao Ministério Público.

— Obrigada pelo aviso. — Margie se levantou e apertou sua mão. Reunião terminada e, como de costume, apenas os advogados se afastaram ilesos.

Capítulo Vinte e nove

Monica

Eu usava roupas esconderijo-para-equimoses para a reunião, mas quando passei meu cachecol em volta do pescoço, eu me perguntava se Jonathan voltaria para mim antes ou depois que isso sumisse. Meus olhos se encheram, mas engasguei-as de volta. Autocontrole. Uma mulher com graça. Eu tinha que ser. Eu podia falhar após a reunião.

O carro era, em uma palavra, amaisfantásticacoisadomundo. Foda-se Jonathan. Eu tinha a sensação que reunião seria como se eu fosse arquitetar uma grande aquisição planetária. Gostaria de devolver o carro assim que terminasse lá, mas até então, era como um casulo no espaço em um filme de ficção científica. Até o elevador, me disse o habitual. *Meu nome é Monica. Eu fico com 1,85 metros de altura com saltos. Sou descendente de um dos maiores escritores do século XX. Eu canto como um anjo e rosno como um leão. Eu sou música. Eu sou uma deusa.* Engasguei com a última palavra, porque era dele, mas eu acreditava. Eu acho que antes não acreditava.

Eu esperava ser admirada pelo tamanho do lobby ou na sala de conferência de vidro fechado, mas eu não estava. Os pisos de madeira escura, mesa de trabalho dos recepcionistas que deixavam suas cabeças quinze centímetros acima da pessoa

com que estavam falando, a escadaria de mármore para os cargos executivos, tudo isso teria me dado um ataque de ansiedade seis meses atrás. Mas no dia em que eu realmente tinha um encontro que teria enviado os meus amigos em ataques de congratulações, não senti nem um pouco de tensão ou preocupação. Tudo estava guardado. Cada emoção, positiva ou negativa, foi posta de lado.

Eu entendi o que Jonathan achava tão atraente no autocontrole. Eu era a mestre do meu corpo, meus sentimentos, minhas palavras. Eu estava totalmente no momento, mantendo minha merda junta. Eu estava desapegada aos resultados da reunião. Eu só estava preocupada em *estar* com ele.

Eu ouvi esses sentimentos antes, mas só percebi que eles tinham interiorizado enquanto esperava para ser levada a uma reunião onde eu estava, sozinha, com dificuldades para ser uma cantora em uma sala cheia de pessoas que poderiam tornar meus sonhos realidade. Eu tinha o que eles precisavam. Eu tinha a música.

Carnival Records não tinham uma reputação de ponta. Eles não eram “rua”. Eles gravaram bandidos e viciados em drogas, qualquer um, mas, internamente, eram old school e conservadores. O escritório era todo o negócio. Eles não estavam lá para criar ou fazer parte de uma comunidade artística. Eles cuidavam de negócios. Isso era tudo. Então, se eu tivesse usado um vestido amarelo com sapatos creme, um lenço creme para cobrir as marcas de Jonathan, meu cabelo transado, e batom vermelho brilhante o suficiente para parar o trânsito, os funcionários manteriam as cores atenuadas, o batom nu, e afetação artística a um mínimo.

Eu não estava esperando muito tempo antes de a recepcionista me levar até as escadas, o traseiro balançando como um pêndulo em sua saia Robert Rodriguez, sapatos altos ruidosos silenciados com a prática. Ela me levou para a sala de conferência. — Você gostaria de um café?

Novamente, Los Angeles estava espalhada na minha frente de Wilshire à neblina do horizonte. — Chá seria ótimo. Somente.

Ela sorriu e saiu. Eu não me sentei, mas olhei pela janela para a cidade de Los Angeles e o miasma da poluição do lado leste. Janelas davam para o corredor e todas as cortinas subiram, para que todos no escritório pudessem ver onde Harry

estava e com quem estava falando. Ele entrou na minha visão, ladeado por uma comitiva, conversando. Ele sorriu e acenou pela janela para mim, parando para terminar de falar com Eddie Milpas e uma mulher mais velha que tinha um ponto muito importante a fazer, aparentemente. Duas mulheres jovens o rodeavam com os notebooks e roupas elegantes. Um jovem com barba de três dias por fazer e uma camisa xadrez com calça, um estagiário, pela aparência, abriu a porta quando Eddie apontou para ele. O amontoado deles entraram.

— Srta. Faulkner. — Disse Harry.

Tivemos apertos de mão e introduções. Eddie e eu trocamos um olhar significativo que reconhecia que já nos conhecíamos. Eu tentei colocar uma expressão inofensiva no rosto para dizer a ele que não brigaria com ele sobre Bondage na frente de seu chefe. Cada um se sentou.

Tivemos quase exatamente a mesma conversa fiada como qualquer outra reunião em que participei. Transito primeiro. Bairros de Los Angeles depois. Algumas coisas pessoais da família de Harry sobre a Little League de seu filho. Evitei uma conversa sobre beisebol que poderia ter durado o dia todo.

— Bem. — Harry disse, como se estivesse cortando sua própria conversa. — Foi um algo a mais ouvi-la executar na semana passada. Não era o que eu esperava ver quando cheguei lá.

— Estou feliz que tenha gostado.

Jerry, o produtor fez minha primeira gravação cantando “Collared” com um theremin, entrou vestindo uma jaqueta marinho e uma camisa xadrez com os três primeiros botões abertos — Desculpa, desculpa. — Ele piscou para mim.

Harry lhe deu um sorriso que poderia ter sido trocado por olhar furioso, sem qualquer alteração da mensagem, em seguida, virou-se para mim. — Todo mundo nesta sala a viu cantar.

Eu não esperava isso. Eu pensei que eles poderiam já ter ouvido a gravação de Jerry, mas, aparentemente, todos pararam no Frontage em algum momento. Claro, Harry tinha me ouvido tocar na B.C.Modern.

— Estamos todos muito impressionados. — Disse ele. — Eddie e eu tivemos discutindo algumas estratégias de marketing, e veio com algumas ideias além do esperado.

Sorriso de atendimento ao cliente.

Se fosse o Bondage, nós teríamos uma curta reunião.

Se fosse fingir que era algum tipo especialista na arte da apresentação, eu pegaria meu pequeno F-Jaguar e iria pra casa, pegando Darren, subindo e descendo a Mulholland até que eu precisasse ir até um posto de gasolina. Então gostaria de levá-lo de volta ao Griffith Park com o tanque vazio.

— Além do esperado, hein? — Disse. — Estou animada para ouvir isso.

— Você estava pensando em fazer mais trabalho do tipo que fez no B.C. Mod?

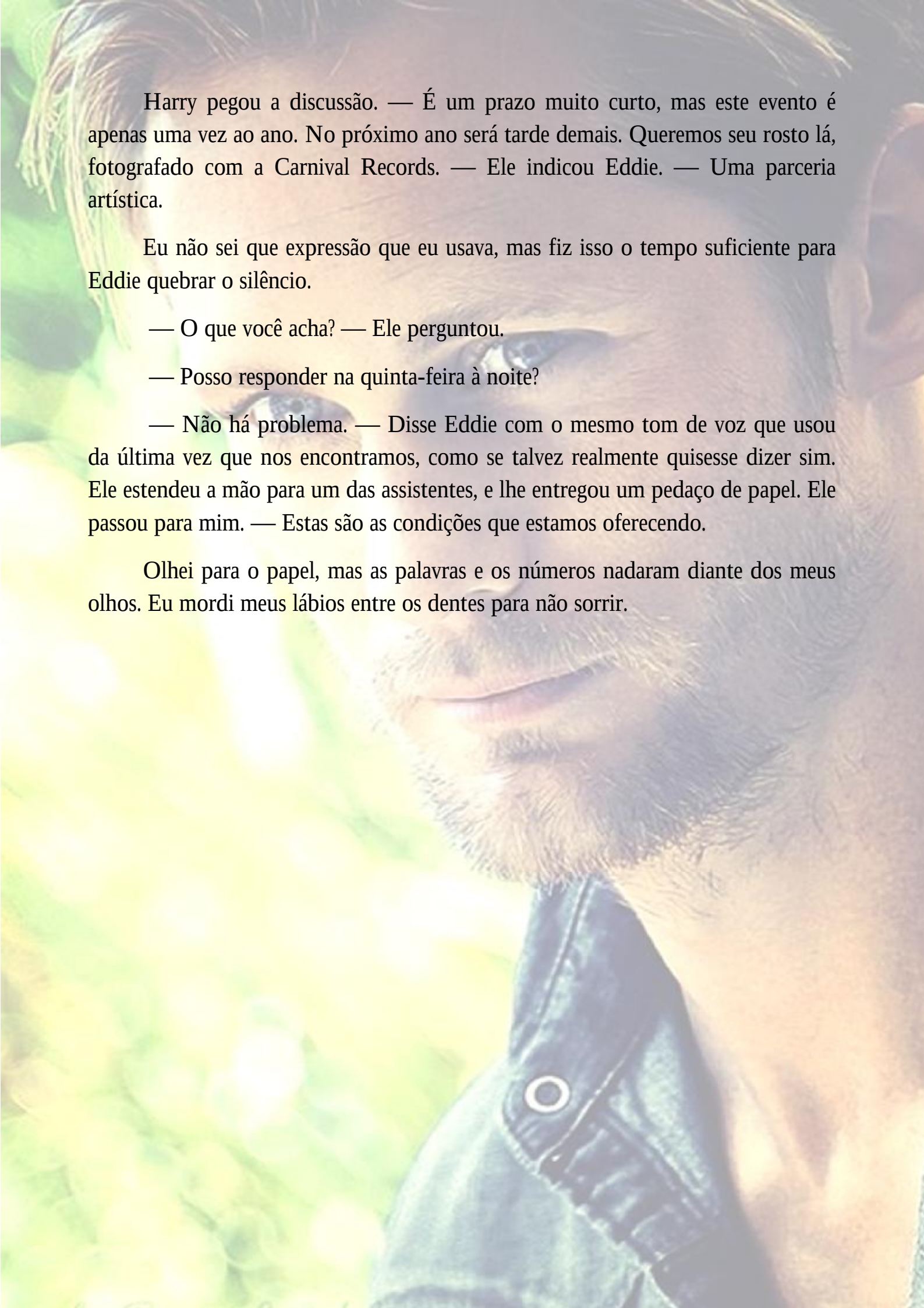
Sem Kevin?

Eu poderia? Eu não era visual. Eu tinha experimente e poderia colocar as coisas juntas, mas não tinha o mesmo que Kevin. — Eu gostaria, mas é complicado. Aquilo foi único.

Ele acenou com a mão. — É uma atitude. O trabalho seguirá, se for isso que você quer. Queremos marca-la como algo como Laurie Anderson. Um pacote completo. Uma música, sim, mas também uma artista.

— Queremos apresentá-laperto de alguns dos patronos de arte de Los Angeles. — Eddie parou. Ele parecia embarcar em uma nova estratégia. Eu esperava que ele tivesse pensado nisso, porque se fosse apenas para o passeio, seria meia-boca. — Há um evento na noite de quinta L.A. Mod. O Conselho de Colecionador. Coisa muito grande.

— É prazo curto. — Eu disse. Eu tinha que trabalhar, mas poderia mudar o turno. O trabalho não me impediria. Jonathan deixou claro que não iria, mas poderia mudar de ideia. Eu não sabia como me sentiria em vê-lo nessas circunstâncias.



Harry pegou a discussão. — É um prazo muito curto, mas este evento é apenas uma vez ao ano. No próximo ano será tarde demais. Queremos seu rosto lá, fotografado com a Carnival Records. — Ele indicou Eddie. — Uma parceria artística.

Eu não sei que expressão que eu usava, mas fiz isso o tempo suficiente para Eddie quebrar o silêncio.

— O que você acha? — Ele perguntou.

— Posso responder na quinta-feira à noite?

— Não há problema. — Disse Eddie com o mesmo tom de voz que usou da última vez que nos encontramos, como se talvez realmente quisesse dizer sim. Ele estendeu a mão para um das assistentes, e lhe entregou um pedaço de papel. Ele passou para mim. — Estas são as condições que estamos oferecendo.

Olhei para o papel, mas as palavras e os números nadaram diante dos meus olhos. Eu mordi meus lábios entre os dentes para não sorrir.

Capítulo Trinta

Monica

Eu não conseguia dirigir. Eu continuei

batendo o pedal para acelerar muito forte e assumir riscos inacreditáveis porque essa porra do carro se movia como um gato Serengeti. Eu tinha o coração claro pela exuberância que eu não sentia desde, bem... sempre.

Eu precisava de um advogado. O problema era que os artistas não contratavam advogados de entretenimento. Eu não podia chamar alguém da lista telefônica ou receber uma recomendação de um amigo e contratar um advogado de mídia com uma taxa horária ridícula. Advogados de entretenimento assumiram clientes que acreditavam ou cobravam 750 por hora ou pegavam uma porcentagem do valor do contrato. Eles não somente examinavam o contrato, eles negociavam, e negociavam duro. Os melhores eram exigentes. Eles não ficavam perdendo tempo em uma negociação, onde seu cliente não tinha influência.

Virei para estacionar em um medidor em Lábrea. Euliguei para Jonathan, mas tinha uma mensagem gravada em uma voz feminina suave me dizendo que o assinante não estava disponível. Eu nunca tinha ouvido isso. Eu nunca fui ao

correio de voz. Apenas nada. Foda-se. Eu procurei com o meu telefone até que a rede me disse o número que eu estava procurando.

— Oi. — Eu disse quando atenderam. — Aqui é Monica Faulkner. Estou à procura de Margaret Drazen.

— Espere por favor.

Eu esperei. Eu tinha certeza de que ficaria parada na beira da estrada no meu conversível branco por um bom tempo. Sua empresa era enorme, seu nome estava na porta, e eu não era nem uma cliente.

— Aqui é Margaret. — disse Margie.

Sentei-me ereta, fazendo uma pausa, porque não esperava que ela atendesse. — Olá, uhm, aqui é Monica. Jonathan é... — Eu parei de novo, porque não sabia como me descrever.

— Sim. Olá. É bom falar com você. Como está?

— Estou bem. Eu realmente odeio fazer isso. Eu sinto que estou me impondo a você.

— Você não precisa de mim para ajudá-lo a mover-se ou alguma coisa, não é?

— Não. Preciso de um advogado.

— Gostei disso. — Disse Margie. — Eu sou uma advogada, e tenho uma equipe deles correndo por aqui.

— Eu sei, mas preciso de um advogado de mídia. Eu não quero que você pense que estou tentando usar Jonathan para chegar até você. Eu estou apenas um pouco de... bem, uma ótima posição, na verdade. E preciso de ajuda com algumas negociações contratuais. Então, sinto muito, mas...

— Minha querida. — Margie disse, sua voz quente e reconfortante. — você não percebe? Você transforma meu irmão quando está por perto. Você pode se arrepender disso, mas é um membro da família agora.

Ela parecia tão feliz, eu não podia contar a ela sobre a noite anterior.

Capítulo Trinta e Um

Jonathan

— Aqui é o interior de

Steinbeck⁹. — Eu disse, observando as garçonetes trabalharem no chão.

— Sim. — Disse a loira de vestido azul. Seus amigos estavam a dois metros de distância. — Eles nos fizeram ler tudo isso na escola. Eu sou mais uma menina Heinlein¹⁰, Ellison¹¹, a menina sozinha. Você?

Ela era adorável. A visão perfeita da feminilidade em um vestido azul simples, curto e salto alto. Sem sacanagem. Cabelos louros trançados. Sorriso com os lábios cor de rosa. Impressões digitais no copo de vinho que bebia. Ela era inteligente, e nós dois estávamos sóbrios, isso também era bom.

— Modernistas, eu acho. Pynchon¹², esse tipo de coisa. Já leu *Mason & Dixon*? É hilário.

⁹John Ernst Steinbeck, Jr. foi um escritor estadunidense.

¹⁰ Se referindo a Robert Anson Heinlein foi um escritor de ficção científica norte-americano.

¹¹ Referência ao escritor de ficção científica e terror, Harlan Ellison.

¹² Thomas Ruggles Pynchon, Jr. Escritor conhecido principalmente por seus livros Longos e Complexos.

— Nenhuma dessas coisas tinha na biblioteca Salinas. — Ela sorriu. — Xerife Traulich iria queimar isso, ele mesmo.

Eu normalmente não falaria com uma mulher no meu próprio bar, e jurei que não dormiria casualmente. Mas naquela manhã, eu fui atropelado um chaveiro de coração da Harry Winston de prata quando sai. Desde que me senti insignificante, como uma pedra fora do lugar, abri o portão e continuei. Eu quase bati no Jaguar branco estacionado na rua, do outro lado da calçada.

A devolução do meu presente tinha machucado, mesmo que isso não deveria ter machucado. Eu deveria esperar por isso. Claro que Monica não iria aceitá-lo depois do que aconteceu. Ela ainda era honrada. Eu consegui deixar isso intacto. Eu olhei no porta-luvas para o piercing no umbigo e não o encontrei. Eu tinha certeza de que ficaria em cima da minha mesa.

Mas isso não aconteceu, e que me confundiu. Eu fui até o bar para verbalmente atirar em Freddie sobre a contratação de uma pessoa de dezesseis anos de idade para transportar bebidas, e para não pensar em Monica. O primeiro foi feito, o segundo foi interrompido pela loira de vestido azul.

— ... E todos eles tocam música country. — Disse ela.

Eu perdi alguma coisa, e não me importava. Eu nunca tinha realmente essa preocupação antes, mas isso tinha mudado. A mulher em um vestido azul era uma boa pessoa, mas de qualquer jeito, eu não tinha interesse em dormir com ela.

Eu não conseguia ouvir o meu telefone sobre a música, mas senti vibrar no meu bolso. Meu primeiro pensamento foi a memória da música de Monica, mas eu a tinha bloqueado. Não haveria mais músicas. Era Eddie.

- Cancele a quinta-feira. Eu tenho que ir para o Conselho de Colecionadores. Você vai? -

— Espere um segundo. — Eu disse. — Deixe-me verificar isso. — A mulher no vestido azul acenou com a cabeça. Ela não era chata ou fácil. Ela era boa, mas não era uma deusa.

- Não. -

- Ok. Monica disse que não iria. Somente checando. -

Eu disquei o número dele e caminhei até a sala com o dedo pressionando meu ouvido, fechando-o. — O que Monica tem a ver com isso?

— Carnival a enviou comigo. Por quê? Você não confia em mim?

— Não, não confio. Você é um péssimo motorista.

— Ela vai dirigindo sozinha. Eu sabia que você ia pirar.

— Não estou pirando.

— Vocês estão pirando. — Disse ele. Entrei no elevador. — É negócio. Eu não vou tocá-la, ok? Harry teria minha bunda, e só Deus sabe o que você faria enquanto eu estivesse dormindo ou algo assim.

— Pedi desculpas.

— Que seja. Eu sabia que precisava dizer explicitamente alguma coisa, e isso é o que estou fazendo. Não pire.

— Ok, Ed. — Eu disse enquanto entrava no lobby do hotel. Michelle, a gerente de quartos, tentou me parar com uma coisa que eu tinha certeza de que não me preocupava. Acenei pra ela e me dirigi para a saída. Estava uma chuva torrencial, e eu não tinha guarda-chuva.

Eu estava pirando.

Capítulo Trinta e Dois

Monica

Darren acenou do bar Frontage. Ele estava lotado. Eu fiz alguns cumprimentos antes de fazer meu caminho para ele e Adam.

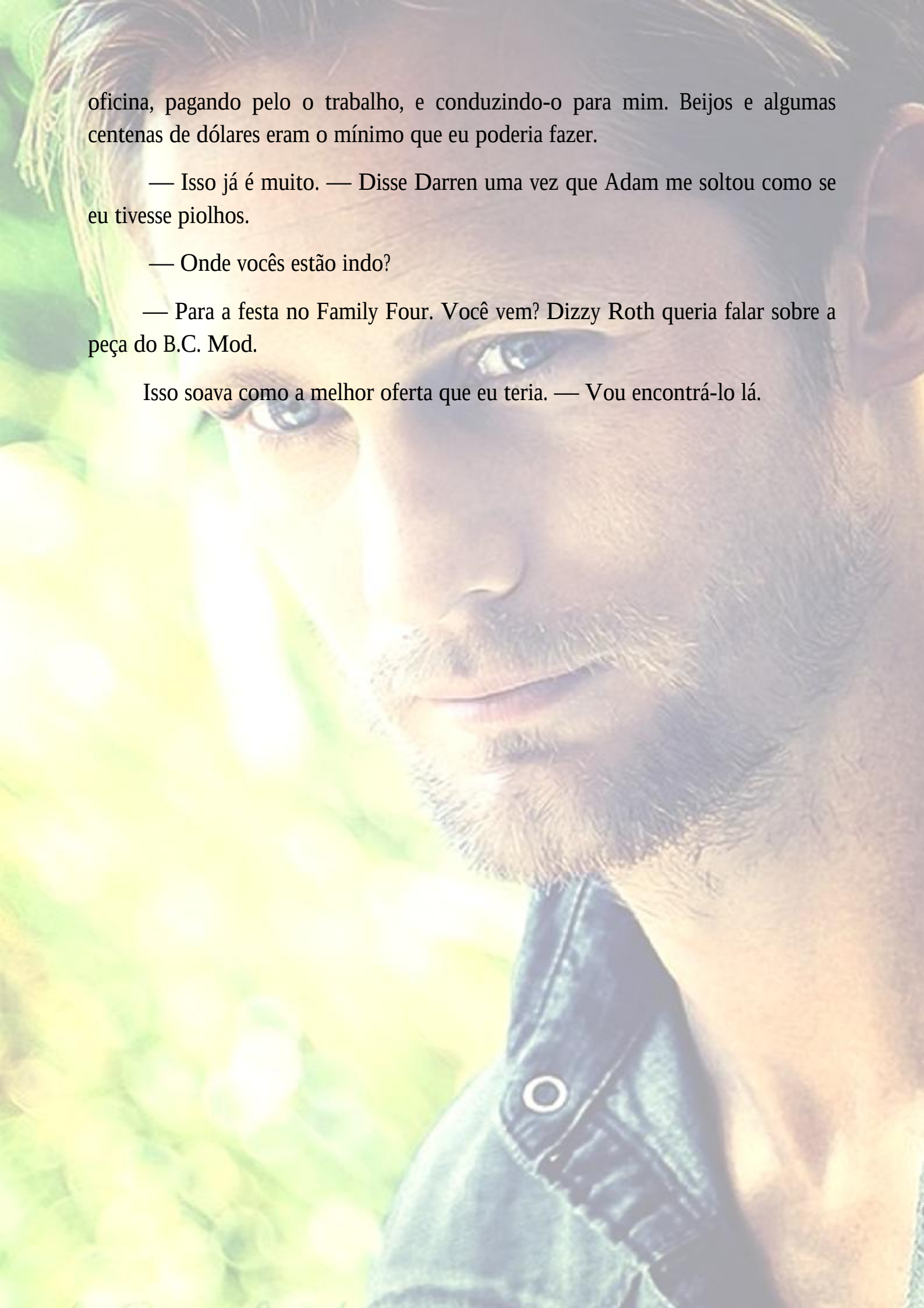
— Obrigada. — Eu disse quando ele me entregou a chave para o meu Honda. Quando Jonathan havia dito que tinha substituído o motor de arranque, isso, obviamente, significava “por um carro novo”, porque no Honda ainda estava faltando um pedaço.

— Ficou em 325. — Disse ele.

— Amanhã eu o terei.

— Com certeza terá. Porque você deve a ele. — Ele indicou Adam, que colocou o braço em volta da minha cintura.

— Estou pegando com beijos. — Ele plantou sua boca na minha bochecha, e eu gritei. Ele me segurou mais forte e eu ri mais alto, jogando totalmente seu ombro e esquecendo Jonathan por meio segundo. Adam era um bom rapaz. Eu devia a ele e Darren por rebocar meu Honda do estacionamento e levá-lo para uma



oficina, pagando pelo o trabalho, e conduzindo-o para mim. Beijos e algumas centenas de dólares eram o mínimo que eu poderia fazer.

— Isso já é muito. — Disse Darren uma vez que Adam me soltou como se eu tivesse piolhos.

— Onde vocês estão indo?

— Para a festa no Family Four. Você vem? Dizzy Roth queria falar sobre a peça do B.C. Mod.

Isso soava como a melhor oferta que eu teria. — Vou encontrá-lo lá.

Capítulo Trinta e Três

Jonathan

Eu tentei deixar o mundo girar em seu curso habitual de dois dias. Eu tentei ver o que aconteceria se eu trabalhasse, olhasse para o teto, e evitasse Monica. Eu não perguntei a Eddie o que *realmente* estava acontecendo com ela, e não perguntei a Margie sobre a presença do meu pai. Isso durou 24 horas. Eu encontrei-me na chuva na frente, observando-a através da janela.

Ela estava sorrindo. Darren estava lá, mas ele não me diz respeito. O outro cara beijou a bochecha dela, e ela riu. Eu saí do abrigo de ônibus, na chuva. Ele tocou sua cintura, e ela permitiu.

Eu não sei o que clareou minha cabeça. Poderia ter sido o beijo. Poderia ter sido o toque. Mas o riso me colocou sobre o limite. Ao vê-la com seus amigos, livre de mim, com o que tinha feito a ela, sem toda a destruição que eu trouxe. Feliz, enquanto eu mal conseguia ter um pensamento certo, sem sua voz invadindo.

Eu queria falar com ela. Era isso. Apenas dizer a ela que eu não queria que ela fosse para o Conselho de Colecionadores porque meu pai estaria lá, e eu simplesmente não a queria perto dele. Eu estava encharcado no meio da Boulevard

Santa Monica, perguntando se deveria me atirar pela janela ou pela porta, como se essas fossem as escolhas apenas racionais.

Eu estava no meu caminho para a porta quando eles estavam saindo. Movi rapidamente. Essa foi sempre a minha vantagem, não a força, mas a velocidade e agilidade. Eu tinha o cara contra a parede, o esmagado contra o guarda-chuva que ele começou a se abrir antes mesmo que me visse.

— O que...

— Jonathan! — A voz dela. Parecia muito distante. Eu tinha o olhar do homem nos meus. Ele parecia confuso, e eu queria matá-lo por não saber o quanto tinha me irritado.

Monica. Mesmo com a chuva em seu cabelo e em seus olhos enquanto ela estava rosnando como um leão, eu a queria. Que diabos eu estava pensando?

— Puta que pariu. O que está *errado* com você? — Ela me empurrou o cara que a tinha beijado, e depois me empurrou de novo. — Você está ferrado, você sabia disso?

Dei um passo para trás. Ela ficou entre mim e ele, com as mãos para fora, pronta para me assumir. Eu não podia chegar a ele sem bater nela. — Mexa-se. Basta se mexer.

— Você está falando sério?

— Você é minha. Ninguém põe as mãos em você. Ninguém.

Os três deles olharam para mim por um segundo, então Monica apontou com seu polegar. — Esse cara?

— Esse cara.

— Ok, além do fato de que você terminou comigo...

— Chega!

A voz que cortou a chuva era tão potente como qualquer coisa que eu tinha ouvido. Se até um alarme de carro disparasse pelas vibrações, eu não ficaria

surpreso. Era Darren. O pequeno insignificante me tirou do cara. Passei de raiva para vergonha antes mesmo que ele terminasse com a última sílaba.

— Eu cansei de vocês dois. — Darren gritou. — Estou doente e cansado de da lamentação vinda de você. — Ele apontou para Monica. — E o seu comportamento psicótico. — Ele apontou para mim. — Pare de agir como um idiota jogando o dinheiro para ela. Parem de terminar. Somente parem. A próxima vez que souber que vocês dois terminaram, enviarei os convites do casamento.

Fiquei impressionado e em silêncio. Uma parte de mim sorriu, mas não era minha boca.

Darren pegou a mão do cara que tinha beijado Monica e puxou-o para longe. Claro, o casal não era Monica e ele, mas Darren e ele. Eu abri minha boca para me desculpar, mas Darren não estava de frente para mim. Chuva encharcava minha camisa, gotejando debaixo do meu pescoço. Eu nunca me senti tão ridículo. Perder a paciência nunca dava bons resultados. Monica abraçou-os e se virou para mim. Sua saia presa nas pernas e seus sapatos inundados, mas ela tomou seu tempo.

— Você se sente como um idiota? — Disse ela.

— Sim. — Eu disse. — Como você chegou aqui?

— Pequeno Honda preto.

— Posso levá-la?

— Você trouxe um guarda-chuva? Porque você quebrou o meu.

Eu tirei minha jaqueta de couro e segurei-a sobre sua cabeça.

— Cavalheirismo não vai chegar a lugar nenhum. — Disse ela.

Senti que ela estava falando sério. Uma gota de água caiu do seu nariz para o lábio inferior, e eu tive que engolir a vontade de beijá-la. — Eu preciso falar com você.

— Sério? — Sarcasmo escorria dela.

Ela começou a andar, e eu a segui. Ela estava muito longe do meu casaco, então eu só o rolei por cima do meu braço. Descemos o quarteirão, ficando cada vez mais molhados a cada passo.



Capítulo Trinta e Quatro

Monica

O bairro é residencial com casas unifamiliares e a construção de apartamentos ocasional. As folhas marrons molhadas cobriam carros, calçadas e cada pedaço de terra do gramado. Nós não dissemos nada durante toda a caminhada para o meu carro. Eu estava ficando molhada, mas ele estava encharcado. Seu cabelo estava castanho escuro com a água, e os cílios colados em fios de quatro ou cinco. Ele olhou para baixo, com as mãos nos bolsos. Ele deveria estar congelando.

Parei no meu carro. — Esse é o meu. Obrigada por me acompanhar.

— Você poderia ter mantido o carro que dei a você. — Ele colocou a mão sobre a casca molhada da árvore do Parkway.

— Eu sei. Eu o dirigi para a minha reunião, pois este não estava consertado ainda. Então, obrigado pelo empréstimo.

— Eu não gosto quando ficamos formais. Tudo por favor e obrigado.

— O que você quer, então? — Eu cruzei os braços.

Ele franziu os lábios e olhou para os meus pés, depois de volta para o meu rosto. — Eu quero que você seja verdadeira comigo.

— Você quer que eu seja verdadeira?

— Sim.

— Verdadeira. Você quer a verdade?

— Verdade, deusa.

— Você me *bloqueou*, seu filho da puta! — Eu empurrei seus ombros, e ele voltou para o tronco da árvore. — Eu escrevi essa música, e você estava tão revoltado que me bloqueou. — Eu o empurrei novamente, mas ele não tinha para onde ir.

— Eu tinha que fazer isso.

— Oh, vamos ouvir sobre isso.

— Se você continuasse me enviando essas merdas, eu voltaria para você.

— Ao contrário do que? Isso? — Eu abro meus braços para indicar o quarteirão, a chuva, os nossos corpos quase se tocando, a luta sobre quem foi autorizado a me beijar.

— Eu sabia que se eu a visse novamente, iria querer você. — Ele estava implorando, inclinando-se para frente, com as mãos como se estivesse me passando uma bola de basquete cheia de dor. — Essa porra dessa boca. Assim que a abriu, eu sabia que iria querer te beijar. E essas roupas molhadas aderindo a você. E o cabelo grudado em seu rosto. Você foi feita sob medida para eu machucar. Você entendeu?

Eu entendi muito bem. — Me machuque.

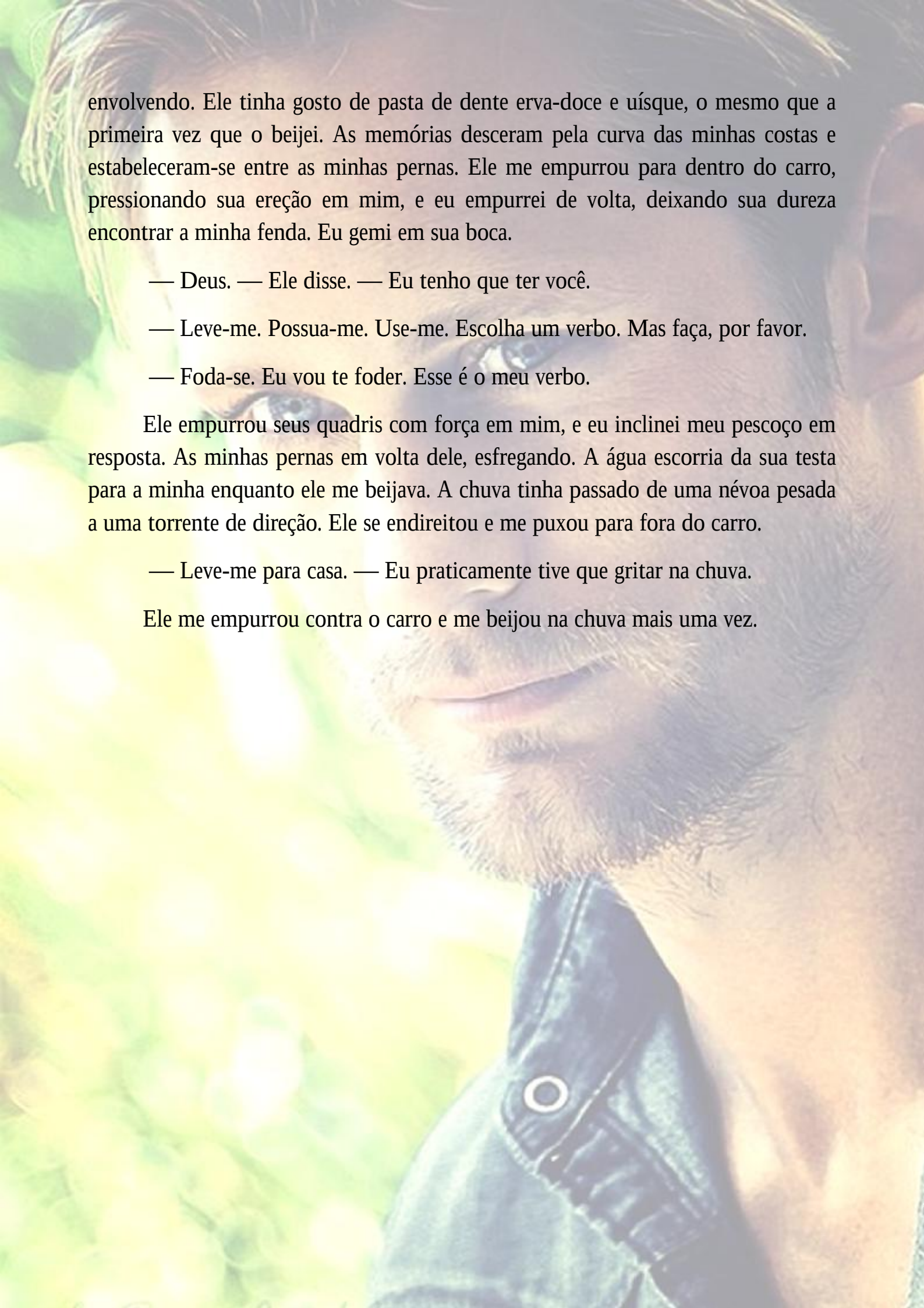
— Monica, não é isso que eu quero dizer.

— Me arruíne.

— Pare.

Dei um passo para frente. — Me destrua, Jonathan.

Ele amaldiçoou sob sua respiração e apertou seus lábios nos meus. Seus movimentos eram ferozes, sua língua invadindo minha boca, seus braços me



envolvendo. Ele tinha gosto de pasta de dente erva-doce e uísque, o mesmo que a primeira vez que o beijei. As memórias desceram pela curva das minhas costas e estabeleceram-se entre as minhas pernas. Ele me empurrou para dentro do carro, pressionando sua ereção em mim, e eu empurrei de volta, deixando sua dureza encontrar a minha fenda. Eu gemi em sua boca.

— Deus. — Ele disse. — Eu tenho que ter você.

— Leve-me. Possua-me. Use-me. Escolha um verbo. Mas faça, por favor.

— Foda-se. Eu vou te foder. Esse é o meu verbo.

Ele empurrou seus quadris com força em mim, e eu inclinei meu pescoço em resposta. As minhas pernas em volta dele, esfregando. A água escorria da sua testa para a minha enquanto ele me beijava. A chuva tinha passado de uma névoa pesada a uma torrente de direção. Ele se endireitou e me puxou para fora do carro.

— Leve-me para casa. — Eu praticamente tive que gritar na chuva.

Ele me empurrou contra o carro e me beijou na chuva mais uma vez.

Capítulo Trinta e Cinco

Nós nos atrapalhamos no caminho com os lábios ligados, passando pelo balanço da varanda onde ele tentou e não conseguiu quebrar o meu coração indo para a sala, onde gotejava pequenas poças de água como um arquipélago reverso atrás de nós. Peguei a mão dele e acompanhei-o até a lavanderia.

A lavanderia estava suja, lugar imundo e fiquei imediatamente com vergonha. Quando eu limpava a casa, a lavanderia era o último lugar para tirar o mop e a última pia a ser limpa. Assim, nove em cada dez vezes, eu simplesmente não me incomoda. E lá estava eu, com um cara que tinha uma equipe de pessoas para limpar os cantos com cotonetes, pingando no bruto linóleo de 1980. Era a primeira água que esse lugar tinha visto em meses.

— Está uma bagunça aqui. — Eu disse, afastando as toalhas que tinha pendurado para secar, semanas atrás.

Ele colocou seus braços atrás de mim e abriu meu vestido. Notei sua mandíbula tremer e o gelo de seus dedos enquanto deslizavam em minha espinha.

— O que isso tem a ver com eu fodendo você? — Ele tirou meu vestido. O bojo do meu sutiã estava pesado, encharcado, pendurado em mim, e ele deslizou as alças pelos meus ombros, facilmente me liberando. Eu tirei a meia calça e sapatos, e ele ainda estava congelando com a roupa molhada.

Empurrando-o contra a secadora, eu desabotoei a camisa, beijando-o no centro de seu tórax. Ele estava úmido e eu o aquecia com a minha boca, lambendo os rígidos e apertados mamilos. Seus braços saíram de suas mangas como uma lagarta se renovando. Eu joguei a camisa em cima do meu vestido no chão e trabalhei em suas calças, enquanto ele me beijava.

— De joelhos. — Disse ele.

Eu desci ficando sua virilha ao nível dos meus olhos e abri suas calças. O zíper molhado não funcionava bem, mas consegui isso. Coloquei meus dedos na cintura e deslizei sua cueca para baixo com as calças, arqueando o elástico sobre sua ereção. Ele saiu das pernas, tirando os sapatos, levantando os pés quando fez isso. Eu tirei a meia, depois fiz o mesmo com o outro pé. Ele estava nu. Perfeito. Eu olhei para ele, seu corpo perfeito, magro, com suas linhas em V e sulcos fazendo um triângulo a partir de seus quadris para a beleza entre as pernas.

Peguei seu pau na minha boca, lambendo toda a superfície, como se fosse para aquecê-lo. Ele colocou as mãos no meu cabelo e gemeu.

— Deixe-me sentir você.

Ele segurou minha cabeça e empurrou seu pau todo o caminho até a minha garganta, as bolas descansando no meu rosto. Eu respirava pelo nariz, o aroma de sua pele molhada me enchendo. Ele ainda me segurava, e quando olhei para ele, ele estava me observando. Ele deslizou lentamente. Eu coloquei minha língua contra ele enquanto ele fazia isso.

— Eu mencionei que você é muito boa nisso? — Ele perguntou.

— Sim.

— Levante-se.

Quando o fiz, ele recolheu as roupas e as colocou na máquina de secar. Ele olhou para os botões e sorriu.

— Você não tem ideia de como usar isso, não é? — Perguntei.

— Sem botões, não.

Eu liguei a máquina. Jonathan me pegou pela cintura e me colocou em cima dela. A secadora balançava e sacudia debaixo de mim.

— Deite de costas. — Ele disse. — E abra os joelhos para mim. — Ele deslizou um dedo sob a entreperna da minha calcinha. Eu respirei. Seus dedos se moveram da minha entrada para o meu clitóris. — Você está molhada. — Ele deslizou seus dedos em mim. Eles estavam frios.

— Deus, sim.

Ele empurrou meus joelhos mais longe com sua mão livre. — Diga-me o que você quer.

— Eu quero você.

— Você me quer, o quê?

Eu queria seu pau em mim. Eu queria gozar. Eu queria que ele fizesse o que quisesse me fazendo gritar e implorar para ele. Eu olhei para ele, sua perfeita pele manchada com arrepios, seus mamilos duros com o frio, o cabelo ainda molhado. Pela primeira vez, notei que a coloração azulada ao redor dos seus lábios. — Eu quero que você se seque. Você parece hipotérmico.

Tirei uma toalha fora do varal e coloquei sobre sua cabeça, inclinando-me para secar o cabelo. Ele me deixou, me aproximei enquanto acariciava sua cabeça de forma mais lenta e suavemente quando ele ficou mais seco. Eu saí da secadora e passei a toalha nele, do peito para sua gloriosa bunda, indo para as pernas musculosas e em cima dos seus pés perfeitos. Envolvendo a toalha sobre os ombros, eu o beijei.

— Já me sinto melhor. — Disse ele.

— Você precisa de algo quente para beber. Eu tenho chá.

— Você? Chá?

— Você pode escolher um sabor. Vamos.

Ele me pegou como se estivesse me carregando além do limite, me levou para a cozinha, nua, nada além da minha calcinha e me colocou sobre o balcão. Eu me

inclinei para a prateleira e peguei meu bule para o chá, depois me inclinei para o outro lado e enchi-o. Eu dei a ele que colocou no fogão.

— O chá está na prateleira de cima. — Eu disse. — Eu tenho alguma variedade na parte de trás.

— Alguma variedade? Deixe-me ver. — Ele encontrou a caixa e trouxe-a de volta, mas não abriu. Eu coloquei minhas pernas em volta de seus quadris, puxando-o para mim. Ele acariciou minha sobancelha com o polegar. — Sinto muito. Eu fui cruel na noite passada. Eu disse coisas terríveis.

— Sim, você disse.

— E eu te bloqueei. Eu sabia que ia machucá-la, e mesmo assim eu fiz. O que você mandou me fez questionar minhas ações. Eu não estava pronto para questionar isso. Eu pensei que tinha feito a coisa certa, protegendo-a de mim. Eu ainda não estou convencido do contrário.

— Isso quer dizer que você vai me deixar de novo? Porque Darren vai pirar se você fizer.

— Foda-se o Darren.

— Não me deixe para me proteger, Jonathan. Eu sou uma mulher adulta, e sou perfeitamente capaz de arruinar a minha vida sem a sua ajuda.

— Sim, senhora. — Um sorriso esticou seu rosto quando ele escolheu um chá preto e estendeu a caixa para mim.

— Sem brincadeiras. — Eu peguei um de camomila. — Eu quero dizer isso. Eu tive que me segurar em uma reunião no dia seguinte, e foi a coisa mais difícil que já fiz.

— Mas você fez isso.

— Sim, mas...

— Estou orgulhoso de você. — Ele colocou a mão no meu rosto, e nos beijamos até que o bule assobiou. Apertou mais a toalha e despejou a água fumegante em duas xícaras, colocando os saquinhos de chá.

— Eu liguei para Margie. — Eu disse, cruzando as pernas e esperando meu chá esfriar. — Ela está enviando um advogado de mídia de sua empresa para trabalhar comigo. Sinto muito se isso foi errado.

— Está tudo bem. Ela gosta de você. Você é a oitava irmã que ela não teve.

Limpei a garganta. — E você sabe aquela coisa? A festa dos Colecionadores?

Ele olhou para mim, a cabeça inclinada para o chá. — O Conselho de Administração dos Colecionadores de L.A. Mod. Claro.

— O Carnival é um doador, por isso estão enviando Eddie. Eles querem que eu vá com ele. É a festa que vai me apresentar como uma artista. — Eu o vi tenso, mudando o ângulo da toalha envolta em seus ombros. — É um negócio.

— Absolutamente não.

Fiquei em silêncio enquanto olhava para ele por cima da borda da minha xícara.

— Monica?

— Jonathan.

— Ele quer transar com você.

— Eu não acho que você está realmente ameaçado por Eddie Milpas.

Ele esfregou os olhos. — Eu vou dizer uma coisa. Você vai comigo.

— Sério?

— Realmente.

— Oh, Jonathan, eu prefiro muito mais ir com você.

— Eu quero que você lembre-se que lá, a plateia é da Jessica. São desagradáveis. Eles são entediados e ricos. Se você estiver comigo, será alvo para o seu tédio.

— Eu não me importo.

Ele colocou seu rosto no meu. Senti o cheiro do chá em seu hálito. — Eles vão cair matando em você.

— Fodam-se eles.

— Descobrimos todo o áudio em seu telefone, e postamos online. Ela ficou louca. Todo mundo sabe.

Eu cheguei mais perto, coloquei meu nariz ao lado dele, e sussurrei: — Que parte do “fodam-se eles” não ficou claro?

— Essa é a minha deusa. — Ele pressionou seu rosto ao meu, a boca aberta apenas o suficiente para movê-la ao mesmo tempo em que a minha, me dando um beijo puramente de lábios e pele. Tinha sexo no beijo, mas só a promessa flutuava de sua respiração. Então ele enfiou a língua entre os meus lábios, e minha coluna arrepiou como se algum espírito profano usasse minhas vértebras como teclas de piano.

Eu gemi. Minha boca aceitando sua língua correndo, o comando de seus lábios. Eu arqueei quando sua mão escorregou para o meu seio, deslizando suavemente as costas da mão contra o meu mamilo duro.

— Leve-me. — Eu sussurrei em sua boca.

— Eu vou fazer o que gosto. — Disse ele no meu, e eu senti a força de suas palavras na pressão entre as minhas pernas. A mudança de personalidade que acompanhava o jogo era tão forte que a primeira palavra com sua voz severa, fez a minha fenda tremer como uma corda dedilhada. — Mãos atrás de você no balcão. Uma em cima da outra.

Eu fiz isso. Ele colocou a mão na parte baixa das costas e pressionou para cima até que eu estava arqueada e de frente para o teto.

— Você precisa voltar para o Bordelle. — Ele puxou meus joelhos afastados rudemente. — Essa merda de algodão é indigna. — Abrindo duas gavetas, ele colocou meus pés sobre as bordas para as minhas pernas ficarem abertas. Ouvi o tilintar de talheres. — Essa coisa. — Disse ele antes de ouvir o barulho suave do tecido sendo cortado. Ele tinha cortado a minha calcinha com uma faca. — Isso me ofende.

— Sim, senhor.

Ele passou a mão sobre mim. Eu não podia ver o que ele estava fazendo. Senti sua pele seca despertar minhas terminações nervosas, deslizando sobre os meus seios, barriga, coxas. Mesmo a menor pressão enviava cacos de dor na base azul e preta das minhas costelas e a carne macia entre as minhas pernas, a repetição rítmica para o prazer do seu toque.

— Você ainda está machucada. — Disse ele. — Isso vai demorar um tempo para curar.

— Não pare.

— Vou ser gentil onde você está machucada. — Disse ele. — Mas, em qualquer outro lugar é meu.

— Sim.

— Agora, você quer seu chá?

— Sim, senhor. — Embora o meu corpo estivesse acordado com desejo, a minha voz estava rouca de calor e exaustão. Minhas cordas vocais não tinham esquecido que era quase meia-noite.

Ele apertou minha boca aberta com o polegar e o indicador, como se eu fosse um gatinho tomando remédio. O saquinho de chá pairava sobre o meu rosto, pingando líquido quente sobre a minha boca. Senti o fluido quente em meus lábios e o sabor seco da cera de chá de camomila na minha língua. Ele viajou pelo meu queixo e me pescoço. Eu engoli-o como uma oferta de comunhão.

— Obrigada, senhor.

Fechei os olhos, sentindo o calor das gotas do chá no meu peito. Ele deve ter mergulhado o saco de volta na xícara, porque o calor renovava nos meus mamilos. Linhas de líquido derretido escorriam em ao redor de minhas costelas às minhascostas. Engoli em seco quando ele colocou o saquinho em minha barriga e arrastou-o para a beira do meu triângulo. Eu tremia em antecipação. Aquela coisa quente, em mim. Suave e flexível, ainda firme em sua intensidade ardente. Mas ele não fez. Ele se inclinou, beijando e lambendo o chá de mim. Ele chupou meu

mamilo suavemente enquanto sua mão ficou no saquinho de chá, que parecia como se fosse resfriamento muito rápido.

Eu gemia. Eu nunca tinha pensado em colocar um saquinho de chá quente no meu clitóris, mas era tudo em que eu conseguia pensar. Ele tinha que fazer isso. Tinha que fazer. Antes que ele esfriasse.

Quando ele moveu sua boca para o outro mamilo, limpando-o com a língua e os lábios, ele deslizou o saquinho para baixo, pressionando-o contra o meu clitóris com a palma da sua mão ao colocar dois dedos em mim. Eu gritei. Quente. Não quente direto-da-panela, mas quente o suficiente. Dez vezes mais quente no meu clitóris do que em qualquer outro lugar, e o fogo foi adicionado exponencialmente ao meu desejo. Chá quente escorria em minha fenda. Estremeci em todos os lugares, abrindo mais minhas pernas, aceitando seus dedos. Sua língua ainda estava em meu mamilo, e eu estava machucada sim, mas queria que ele o mordesse. Eu queria que ele me machucasse. Eu estava viciada.

Ele empurrou a mão contra mim no saquinho de chá quente no clitóris, com os dedos na boceta e ele esfregou-os em círculos. Minha boceta bebeu. O saquinho ficou mais seco quando o chá foi espremido dele, tornando-o mais áspero, como folhas crepitantes no outono. Os pequenos arranhões das ervas quentes me levou até o limite.

— Eu quero gozar. — Eu gemi.

— Não.

— Eu não posso. — Eu abri meus olhos para encontrá-lo olhando para mim.

— Você é minha. Não importa o que aconteça. Seu prazer e dor. Sua pele. Seus lábios. Sua boceta.

Ele empurrou o saquinho e seus dedos dentro de mim. — Jonathan. Você me possui. Eu sou sua. Deus, o que mais? Foda-se. Por favor. Meu rei. Por favor, deixe-me...

— Goze.

Com um movimento brusco, ele me levou ao orgasmo na cozinha novamente. Eu me empurrei contra sua mão, gritando, torcendo minhas costas. Ele colocou a outra mão atrás da minha cabeça para que eu não batesse no gabinete quando me encontrava enrolando de certa maneira, que eu quase expulsei uma gaveta, ele me pegou, ofegante e nua.

— Obrigada. — Era tudo que eu poderia dizer.

— De nada.

— Deus, eu te amo.

— E eu, você. — Ele disse suavemente. — Você ainda quer chá?

— Está frio. — Eu disse em seu ouvido. — Eu não gosto do frio.

— Você está com todo ele em você. Deixe-me levá-la ao chuveiro.

Ele me levou para o banheiro e me colocou na banheira. Eu estava sob a água, deixando-a correr onde tinha chá.

Jonathan entrou requintadamente nu, tenso, magro, pele sobre os músculos sobre os ossos na proporção perfeita. Eu não sei se ele malhava. Eu não sabia onde ele encontraria tempo para isso. Ele poderia ser do jeito que era, sem esforço algum, e que estava tudo bem para mim.

— Você simplesmente está seco. — Eu disse. — E eu vou fazer você se molhar de novo. — Eu coloquei a barra de sabonete em seu peito e esfreguei, trabalhando sobre os ombros lentamente, e de volta para seus mamilos e para o abdômen rígido. Sua ereção era enorme, a espera, um sinal das coisas que estavam por vir. Eu o acariciava com o sabonete. Eu não queria me apressar. Eu queria levá-lo totalmente, em toda a sua beleza, tocar todas as superfícies, sentir cada vale e curva.

Seus olhos estavam sobre o meu corpo enquanto eu o lavava. Eu lavei as costas, colocando meus braços ao redor dele, sentindo seu pau prensado contra mim. Ele me pegou pelos cabelos e puxou minha cabeça para trás. A água entrou em meu rosto, e eu sorri. Ele molhou meu cabelo quando beijou meu pescoço. Ele colocou mais xampu no meu cabelo e massageou meu couro cabeludo. A espuma

estava por toda parte. Eu ri quando elas entraram em meus olhos, e ele riu também, pressionando os polegares nos meus olhos para tirar a espuma. Eu estava coberta de xampu, e Jonathan usou para me lavar, deslizando as mãos onde o chá esteve. Ele foi gentil onde eu estava machucada, mais ou menos onde não estava, até que ele chegou ao ponto onde o saquinho de chá me fez gozar, e eu gemi.

— Ah, deusa... — Ele deslizou sua mão debaixo da minha bunda, seus dedos deslizando em minhas pregas. Elas estavam molhados, mas não do chuveiro.

— Mais uma vez, por favor.

— Coloque suas mãos para o chuveiro. — Eu fiz, e ele seguiu a linha dos meus braços, colocando as mãos sobre as minhas, deslizando-as para o tubo que segurava a o chuveiro. — Segure isso.

Meus braços estavam para cima como se amarrados, ele me empurrou contra o azulejo e colocou uma das minhas pernas em volta de sua cintura. A cabeça de seu pau estava na minha entrada, esperando. Eu me empurrei contra ele, e onde seu membro me tocou fez meu corpo responder em ondas de prazer. Ele me beijou, com as mãos na minha bunda, me espalhando com os dedos.

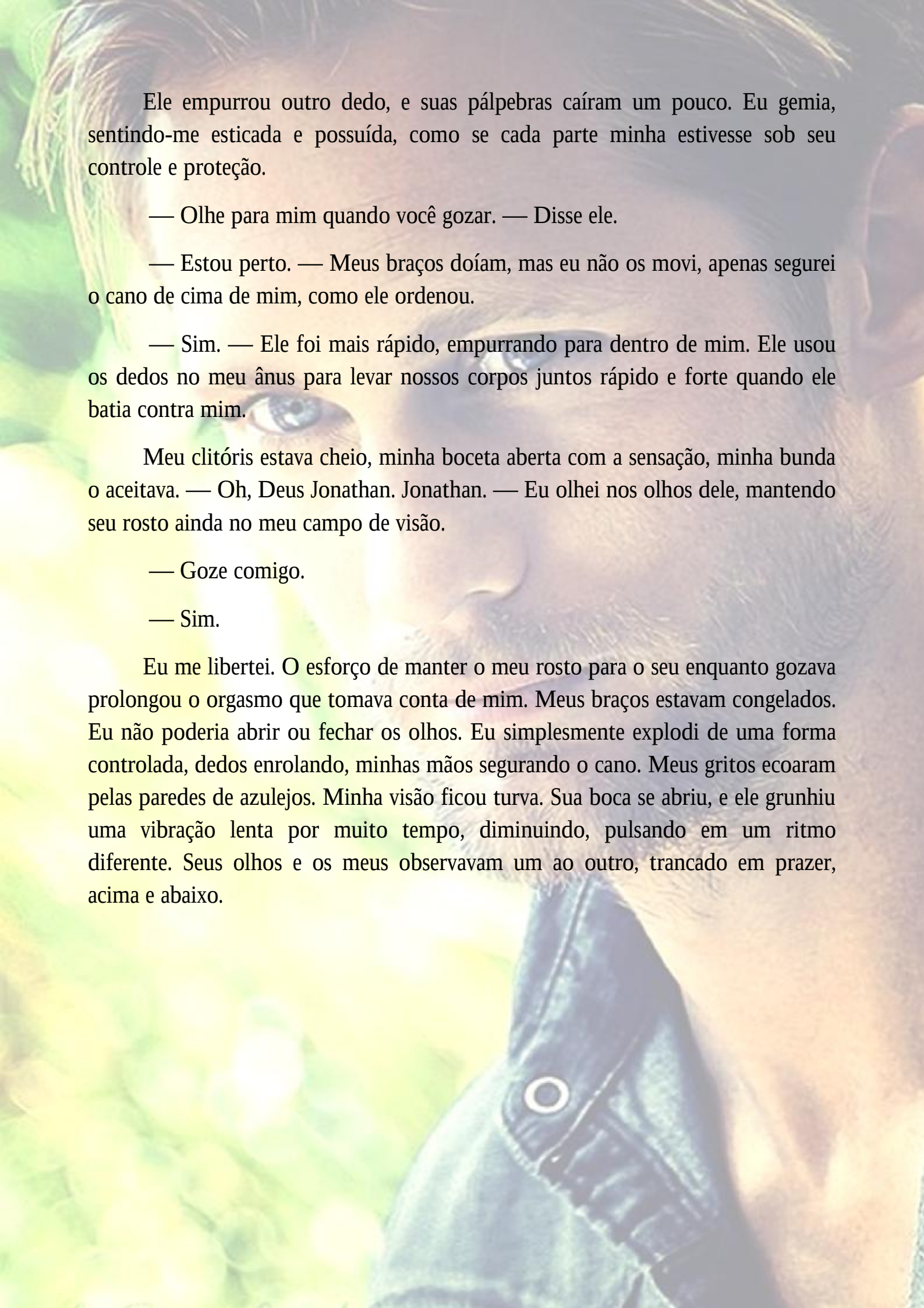
— Por favor. — Eu disse. — Eu quero você.

— Eu sou seu. — Ele empurrou para dentro de mim. Senti como se um choque elétrico atravessasse meu corpo, pulsando enquanto ele me empurrava, cada centímetro aumentando a pressão. Eu estava cheia, inchada, com toda superfície para ele. — Olhe para mim.

Abri os olhos. Seu cabelo estava encharcado. Riachos de água escorriam nos ângulos de seu rosto e pescoço, enquanto seus quadris trabalhavam em mim. Ele puxou minha bunda aberta e colocou um dedo. Apenas um dedo. Agradável. Prazer com nenhuma dor. Eu apertei sua volta.

— Em breve, quando você estiver curada, tomarei essa bunda de novo. — Disse ele.

— É sua.



Ele empurrou outro dedo, e suas pálpebras caíram um pouco. Eu gemia, sentindo-me esticada e possuída, como se cada parte minha estivesse sob seu controle e proteção.

— Olhe para mim quando você gozar. — Disse ele.

— Estou perto. — Meus braços doíam, mas eu não os movi, apenas segurei o cano de cima de mim, como ele ordenou.

— Sim. — Ele foi mais rápido, empurrando para dentro de mim. Ele usou os dedos no meu ânus para levar nossos corpos juntos rápido e forte quando ele batia contra mim.

Meu clitóris estava cheio, minha boceta aberta com a sensação, minha bunda o aceitava. — Oh, Deus Jonathan. Jonathan. — Eu olhei nos olhos dele, mantendo seu rosto ainda no meu campo de visão.

— Goze comigo.

— Sim.

Eu me libertei. O esforço de manter o meu rosto para o seu enquanto gozava prolongou o orgasmo que tomava conta de mim. Meus braços estavam congelados. Eu não poderia abrir ou fechar os olhos. Eu simplesmente explodi de uma forma controlada, dedos enrolando, minhas mãos segurando o cano. Meus gritos ecoaram pelas paredes de azulejos. Minha visão ficou turva. Sua boca se abriu, e ele grunhiu uma vibração lenta por muito tempo, diminuindo, pulsando em um ritmo diferente. Seus olhos e os meus observavam um ao outro, trancado em prazer, acima e abaixo.

Capítulo Trinta e Seis

Jonathan

A casa estava tão escura, a chuva e nuvem escureciam ainda mais. Estávamos presos um no outro na cama, e eu me enrolava nela. Eu troquei sua camiseta e beijei-lhe o ombro, movendo os lábios em toda ela. Ela tinha gosto de leite quente e pêsego em calda.

— Meu Jonathan. — Ela gemeu.

— Eu não estou fazendo uma investida em você.

Ela se virou para mim. — Como o inferno.

— Eu acho que você vai me ajudar a dormir.

— Você nunca dorme muito.

— Bem, eu tenho dormido menos, e não me sinto bem. Desde a prisão. E desde que Rachel. — Eu limpei minha garganta quando engasguei com o nome dela. Meu pescoço e os braços machucados, como se os nervos estivessem sendo espremido. Eu comecei a suar. Ridículo. Eu tentei obter o controle de mim mesmo, mas era difícil respirar. Devo estar deprimido com alguma coisa.

Ela se virou para me encarar. — Você nunca vai se perdoar por isso?

— Eu vou superar.

— Você vai se dar úlceras.

Eu não respondi. Falando sobre os meus problemas emocionais irracionais não faria qualquer um de nós dormir o tanto que precisávamos. Eu acariciava suas sobrancelhas como tinha feito antes, fazendo com que seus olhos se fechassem. Ela suspirou e me deixou tocá-la, relaxando. Nossas pernas ficaram pesadas juntas, quando ela lançou a mola de tensão que nos vinculava. Ela parecia à beira do sono, respirando regular e suavemente. Seus olhos ficaram fechados enquanto eu acariciava seus cabelos. Então ela os abriu.

— Você está acordado. — Disse ela.

— Está tudo bem.

Ela sentou-se. — Não, não está.

Eu tentei me sentar com ela, mas ela me empurrou para baixo. Eu era mais forte, claro, mas a deixei pressionar meus ombros no colchão.

— Fique aqui. — Disse ela.

Ela saiu da cama e caminhou para longe. Eu não sabia para onde estava indo ou o que pretendia, mas eu esperava que não envolvesse Xanax ou álcool. Eu não queria discutir por isso, por nada. Ela voltou com uma viola e arco pendurado no ombro, como uma massa enfeitando. Se eu já tivesse visto algo tão sexy como Monica Faulkner em uma camiseta comprida e segurando um instrumento de cordas, eu teria o cuidado de me lembrar.

— Você vai me bater até a inconsciência com essa coisa?

— De uma forma ou de outra. — Ela rastejou sobre a cama, deixando um pé no chão e esticando seu corpo de modo que o instrumento coube sob o queixo. Ela puxou o arco de lado, fazendo um zumbido, então virou a cravelha¹³ na parte

¹³Cravelha é uma peça metálica ou de madeira que em certos instrumentos de corda permite controlar a tensão aplicada a cada corda, retesando-a ou afrouxando-a, fazendo com que seja atingida a afinação ideal

de cima do pescoço. Eu deslizei para mais perto até que meus lábios tocaram sua coxa. — Algum pedido?

— Alguma coisa bombástica. Com percussão.

Ela riu e tocou uma nota. Reconheci-a imediatamente como de Mendelssohn — Canção da noite. — Ela era boa, minha mulher. O que ela estava tentando não funcionaria, mas a tentativa honesta não seria desvalorizada. Eu acariciava seu joelho com o polegar enquanto ela tocava e balançava seu corpo no ritmo lento da música. A peça era curta, e quando terminou, tocou um refrão da melodia, suavizando ainda mais. Seus quadris balançavam o colchão em ondas como no oceano. Eu acariciava seu joelho, depois parei, colocando a mão na perna dela.

Ouvia com meus olhos fechados, sentindo a sua influência, ouvindo sua música, como ficou cada vez mais longe. Os sons do oceano de fora da janela ficaram mais altos, a água subindo, vindo sobre o peitoril e fluindo em seu chão. Ela não deve ter notado o dilúvio ou se preocupado com o fato de que sua casa provavelmente flutuaria, descendo a colina, porque ela continuou tocando e balançando. Eu estava muito pesado, muito fraco, muito contente, para impedi-la.

A chuva ficou mais alta e mais forte, caindo nos meus olhos, me cegando. Meu estômago estava em convulsão completa, e minha cabeça boiava quando as ondas me puxavam para o mar. Eu era um peso morto sendo arrastado para baixo pelo meu braço direito. Era uma pessoa. Uma mulher. Monica? Eu deixaria seu rosto caído enquanto lutava contra a maré. Puxei-a para cima, o esforço torcendo meu estômago. Sua boca estava cheia de água, e seus olhos estavam vidrados.

O cenário era meu. Eu apaguei na metade de uma garrafa de uísque, mas as coisas tinham acontecido, e meu cérebro tinha armazenado-os profundamente.

— Rachel, baby, vamos lá! — Mas, mesmo dizer as palavras levou mais energia do que a que eu tinha.

Olhei para cima, para a segurança, e vi apenas penhascos entre nós e a rua acima. A praia tinha se afogado em quarenta noites de chuva, e estávamos prestes a nos afogar. Ninguém sabia que estávamos lá. A maioria da população de Palos Verdes estava fora para o Natal.

Assim era comigo. Tudo o que eu tinha a fazer era manter a cabeça sobre a água e não flutuar para muito longe, uma tarefa simples que se tornou mais difícil, pois os minutos passavam. O carro se afastou, os faróis ficando mais fracos, uma vez que derivava no mar. Eu fui jogado para longe, salvo pela inércia e um corpo flexível e livre de dor pelo consumo excessivo do álcool. Rachel estava sóbria e presa, mas de alguma forma, ela pulou e se empurrou do carro.

Olhei para cima do penhasco novamente, a chuva caindo nos meus olhos. Era uma borda preta, cortando o céu estrelado ao meio. Sem esperança. Descer foi tão fácil como um salto com corrida. Voltar seria impossível. Eu tentei manter a cabeça acima da água, e não consegui, e tentei novamente, e falhei novamente.

Uma luz.

Duas luzes.

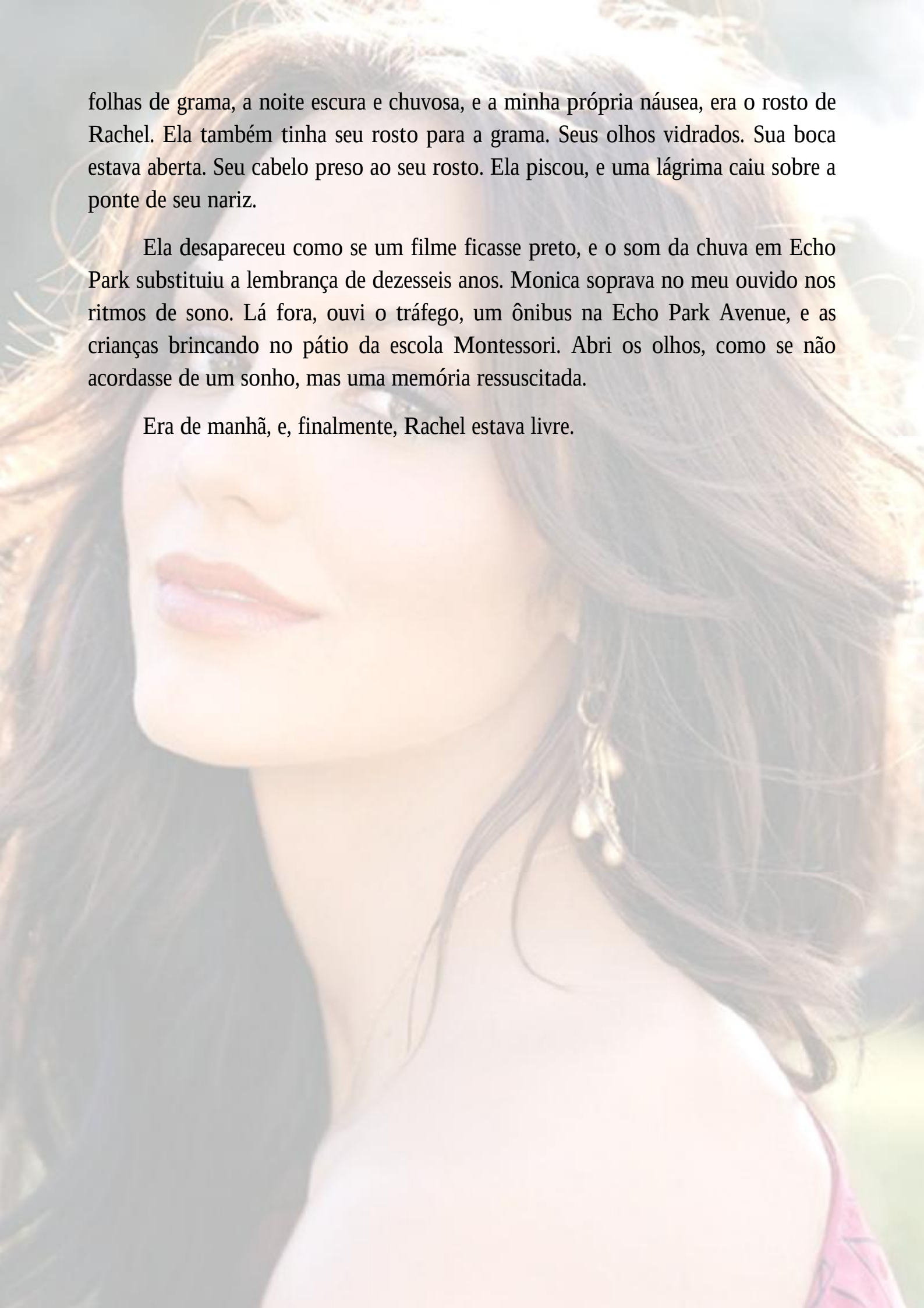
Um carro estacionou à direita na borda do penhasco. Tentei gritar, mas eu não tinha mais nada. O barulho do mar e da chuva teria abafado até mesmo o mais poderoso grito. Tudo que eu tinha era o meu corpo e os meus últimos pedaços de força. Nadei para as luzes, me empurrando contra a corrente, e vi que o motorista tinha encontrado uma maneira de rastejar para baixo.

O motorista era o meu pai.

Ele usava o casaco cáqui que eu procurei na casa de Sheila. Eu queria sua chave para que pudesse perseguir Raquel. Eu o tinha visto da janela, indo atrás dela, e saindo correndo. Foi assim que ele soube que estávamos lá. Agradeço a Deus por ele. Eu nunca fui grato pelo meu pai antes. Olhei para Rachel. Ela tinha se tornado um peso morto nos meus braços, mas eu a puxei para cima. Uma onda nos apanhou. Um golpe de sorte. Eu bati contra as rochas, conseguindo colocar-me entre elas e Rachel. Meu pai estava com a coxa no fundo da água, agarrou meu colarinho, e me puxou para a borda. Eu subi com ele, puxando Rachel. Papai agarrou-a e ajudou-nos. Eu desmoronei em cima.

— Isso vai me custar, meu filho. — A voz do meu pai. — *Vai custar.*

O mundo girava como se eu estivesse montando nas xícaras na Disney. Abri os olhos. Na minha frente, tão perto que eu não tinha contexto, mas algumas



folhas de grama, a noite escura e chuvosa, e a minha própria náusea, era o rosto de Rachel. Ela também tinha seu rosto para a grama. Seus olhos vidrados. Sua boca estava aberta. Seu cabelo preso ao seu rosto. Ela piscou, e uma lágrima caiu sobre a ponte de seu nariz.

Ela desapareceu como se um filme ficasse preto, e o som da chuva em Echo Park substituiu a lembrança de dezesseis anos. Monica soprava no meu ouvido nos ritmos de sono. Lá fora, ouvi o tráfego, um ônibus na Echo Park Avenue, e as crianças brincando no pátio da escola Montessori. Abri os olhos, como se não acordasse de um sonho, mas uma memória ressuscitada.

Era de manhã, e, finalmente, Rachel estava livre.

Capítulo Trinta e Sete

Monica

Eu usava um dos vestidos que tinha comprado em Vancouver, sem mangas, preto com uma saia que caia a um centímetro do chão. O decote tão baixo que exigia um sutiã especial que ficava embutido nele. Ele me pediu para usá-lo, e ficou magnífico.

Cobri as contusões amareladas com um pouco de maquiagem, envolvendo o cabelo, acessórios e tudo o que eu poderia reunir. Eu não enfrentaria uma equipe forense, mas uma noite, em uma festa sombria, talvez eu não teria que contar uma piada ou contar uma mentira.

Eu queria ter o meu próprio carro, mas Jonathan insistiu em mandar o carro de Lil, então esperei na minha varanda pelo Bentley. Chegou exatamente no horário. Lil deixou Jonathan na parte de trás. Ele usava um terno azul-marinho e uma gravata de cor de rosa mais escuro. Sua camisa era branca e ajustada, e ele estava perfeito. Comecei a descer os degraus da varanda, e ele ergueu a mão.

— Vamos lá, Monica. De a um cara a chance de pegá-la na porta.

Eu parei e esperei. Ele abriu o portão de arame que parecia barato e usado ao seu lado excessivamente limpo. Ele caminhou pelo pequeno concreto rachado, que levava aos meus degraus de madeira quebrados.

— Você está pronta? — Ele perguntou, pegando minha mão.

— É apenas uma festa.

— Não, isso será ruim.

Eu o beijei uma vez nos lábios. — Eu fui para a escola.

— Os riscos são maiores.

— Eu não vou ficar em casa. Eu me vesti pra isso.

— Ah, falando de... — Ele tirou uma longa e fina caixa do bolso. Eu reconheci a Harry Winston azul escura.

— Jesus, Jonathan, você está passando dos limites.

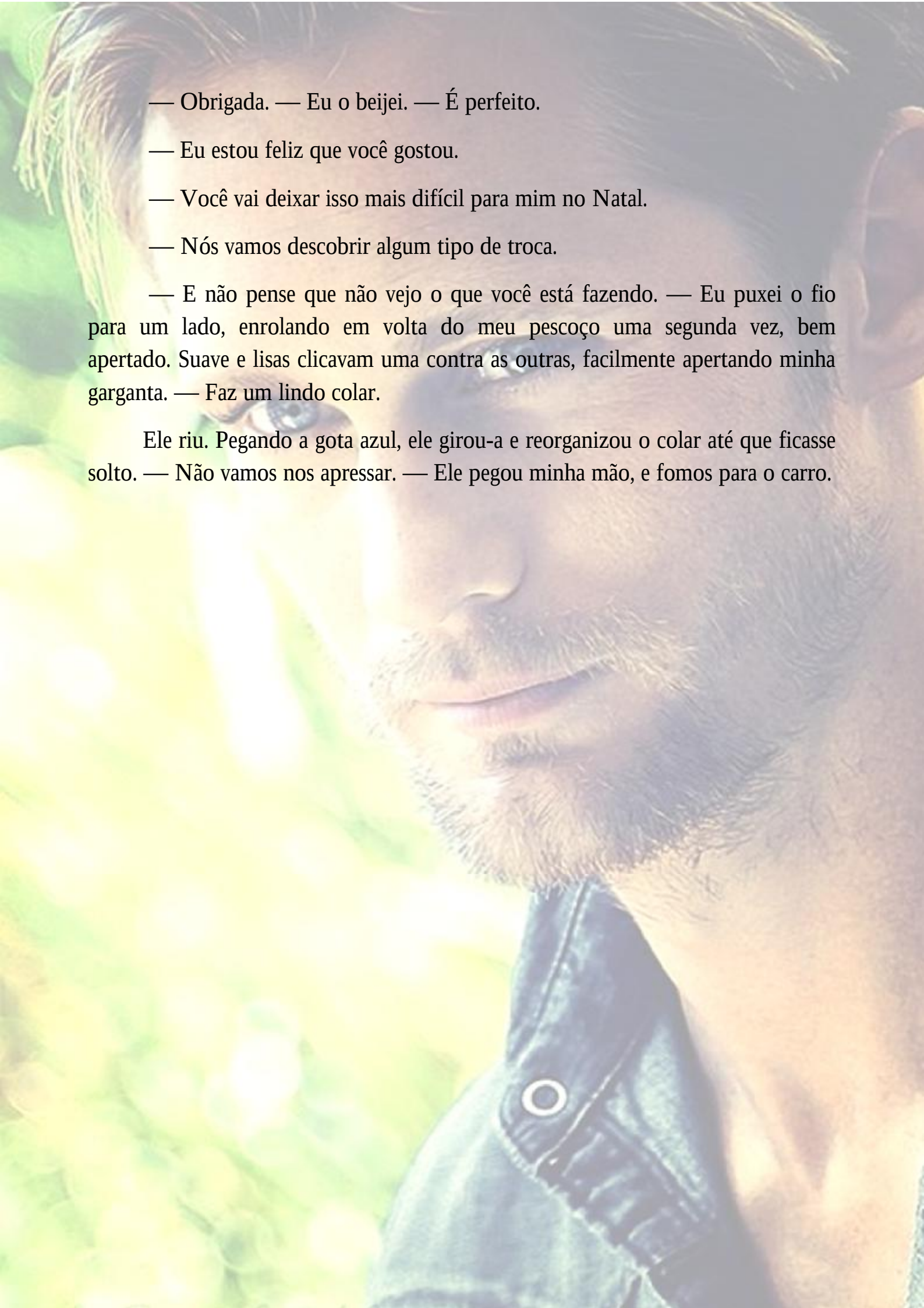
— Sim. Estou. Eu não tenho uma viola. — Eu levei a caixa. Amaldiçoá-lo enquanto eu estava sorrindo seria difícil. Eu desfiz a fita. Ele pegou e enrolou ao redor dos seus dedos. Quando olhei para ele intrigada, ele disse: — Talvez seja necessário mais tarde.

— Se a fita for o verdadeiro presente, você pode salvar uma tonelada de dinheiro, apenas me dando caixas vazias.

Eu levantei a tampa. Dentro da caixa, uma corrente de platina lisa enrolada em volta de si mesma. Puxei-a para fora. Não era uma laçada no final, mas um longo fio. Deveria ter 1 metro de comprimento, com pedras preciosas incrustadas no formato de gotas do tamanho de amoras. Umás brilhavam como safiras, outras, como esmeraldas.

— Um laço. — Eu disse. — Meu Deus, isso é lindo. Você pode colocá-lo em mim?

Ele enrolou o fio em volta do meu pescoço uma vez, ajustando para que as gotas de joias caíssem logo abaixo os meus seios. — Esmeraldas verdes para o mar. Safiras azuis para o céu.



— Obrigada. — Eu o beijei. — É perfeito.

— Eu estou feliz que você gostou.

— Você vai deixar isso mais difícil para mim no Natal.

— Nós vamos descobrir algum tipo de troca.

— E não pense que não vejo o que você está fazendo. — Eu puxei o fio para um lado, enrolando em volta do meu pescoço uma segunda vez, bem apertado. Suave e lisas clicavam uma contra as outras, facilmente apertando minha garganta. — Faz um lindo colar.

Ele riu. Pegando a gota azul, ele girou-a e reorganizou o colar até que ficasse solto. — Não vamos nos apressar. — Ele pegou minha mão, e fomos para o carro.

Capítulo Trinta e Oito

Monica

Ele recebeu um telefonema no caminho.

Ele resmungou algumas sílabas e relaxou visivelmente. Quando desligou, apertou minha mão.

— O quê? — Perguntei.

— Minha mãe não está se *sentindo bem*. — Disse ele, as duas últimas palavras enfatizadas como se fosse algum tipo de código. — Nós podemos realmente ter um bom tempo, se eu a manter longe das harpias.

— Eu posso lidar com harpias e sua família.

— Eu não estou mantendo nenhum segredo sobre meus pais, mas não sei. Eu gostaria que você ficasse imaculada o maior tempo possível.

— Eu não vou pensar menos de você por causa deles.

— Dê-me algum tempo.

Ele não tentou me foder no caminho, apesar dos nossos lábios se encontrarem tantas vezes que eu tive que reaplicar o batom quando chegamos.

Ficamos parados no estacionamento quando Lil foi embora. Outros carros elegantes descarregavam pessoas em sapatos caros e ternos. As luzes brilhavam que eu utilizei a janela do valet como um espelho, arrumando o batom. Jonathan tirou o tubo da minha mão antes que tocasse meu rosto e me beijasse novamente.

— “Alma encontra a alma na boca do amante”. — Ele me beijou, em seguida, colocou a boca no meu rosto, e voltou para o meu ouvido. — Exceto quando a cera pigmento é passada nelas.

— Barrett Browning?

— Percy Shelley.

— E a segunda parte?

Ele virou meu tubo até o batom ficar visível. — Lancôme, aparentemente. — Ele acariciou a esmeralda do final do meu laço como se fosse parte do meu corpo. — Eu mal posso esperar para este circo acabar. — Ele se aproximou e sussurrou: — Eu vou te levar para casa, e amarrarei seus pulsos no corrimão. Vou vender você, então despi-la lentamente. Vou colocar meus lábios em cima de você até você me pedir para tomá-la, que pode ou não acontecer.

— Jonathan. — Eu sussurrei seu nome como a bandeira branca da rendição.

— Você acabou de tremer, ou está frio neste estacionamento?

— Houve alguém antes de você?

— Você poderia ter pensado isso na época.

— Eu me sinto como se ninguém nunca tivesse me amado antes.

— Eu tenho certeza que fizeram o seu melhor, mas você sempre me pertenceu.

As luzes do estacionamento eram fluorescentes e frias, mas seu olhar era mais do que quente, era quente e fixo. Eu realmente sentia como se eu nunca tivesse amado antes. Pelo menos não corretamente. Não com um propósito.

Ele quebrou a nossa conexão para olhar por cima do ombro, depois de volta para o meu rosto. — Víboras descendo.

Olhei para trás. Jessica vestindo roxo e creme, andava com uma multidão, com a mão segurando o braço de um homem com um corpo atlético. Eu balancei a cabeça para ela. Ela não acenou de volta. Ela desviou o olhar para uma conversa com um homem com as bochechas vermelhas em vez de me reconhecer. Um rosto que eu conhecia se destacou da multidão.

— Geraldine. — Eu disse. — Uau. Oi.

A artista de rua Trompe l'oeil Geraldine Stark olhou para mim, então para Jonathan, e sorriu. Ela deixou seu cabelo castanho encaracolado ficar selvagem e teceu brilhavam fios por ele. Seu vestido era uma mudança macramê de mil cores ao longo de um deslizamento de cetim preto. Ela me deu um abraço estilo Los Angeles, mas senti os olhos em Jonathan, que manteve a mão nas minhas costas.

— Oh meu Deus. — Disse ela. — Você ouviu sobre Kevin?

— Não, eu...

Ao meu lado, Jonathan cumprimentou o Sr. Atlético. Eles compartilharam palavras que eu não conseguia me concentrar. Enquanto a multidão se moveu em direção aos elevadores, ouvi Jessica rir atrás de mim. Sua voz foi pega na cadência de conversa fiada e saudações alegres.

— Ele está preso, em Boise. — Geraldine assobiou. — Três anos.

— O quê? Por quê?

— Sua liberdade condicional é verdadeiramente rigorosa. Ele ficou o tempo de prisão efetiva. Ele está *chateado*. Então... — Ela olhou para Jonathan, depois de volta para mim quando entramos no elevador. Ela pensou que eu não soubesse o que ela foi dele. Ela pensou que me surpreenderia para o efeito dramático. Ela pensou errado. Olhando de forma significativa para mim, depois para Jonathan, que falava com o cara loiro, ela murmurou. — Você já ouviu falar sobre o seu encontro? Está em toda a cidade.

— A coisa sobre o Kevin é terrível. Honestamente. — A notícia me abalou. Eu não me importava se ela tinha fodido com Jonathan algumas noites atrás, quando eu não sabia que ele existia. Eu não me importava se ela queria esfregar isso na minha cara para se divertir. Jesus Cristo, eu sabia que o cara não era virgem. Uma centena de mulheres na cidade poderia se lamentar a proeza do meu amante se eu fosse o tipo de comiseração. Que eu não era. Eu era do tipo que ficou chateada quando seu ex-namorado foi preso. — É horrível.

Geraldine olhou para longe. Eu esperava que ela tivesse vergonha.

— Nós incorporamos luz no projeto. — Jessica disse a alguém que eu não podia ver. — A temperatura certa da luz foi o mais difícil de alcançar. Nós encontramos lâmpadas antigas de tungstênio em um armazém em Torrance.

As portas se abriram para o pátio em LA Mod, que foram vestidos com lanternas e cordas de prata. O efeito foi bonito, incandescente, como se uma dúzia de artistas havia colaborado na decoração.

— Cinco minutos. — Jonathan disse no meu ouvido, enquanto a multidão saía. — Fique na minha visão.

O encontro de Geraldine empurrou com a maré em direção ao pátio, mas não antes que ela pegasse a minha mão e dissesse: — Faça... — Ela riu quando desapareceu na multidão.

Fotógrafos e repórteres esperavam, e as luzes piscando me fez estremecer. Acenei para ela rapidamente para me despedir e ela acenou de volta. Eu queria que ela tivesse ficado até mesmo para falar sobre sexo ou o tempo de prisão, porque eu estava sozinha. Jonathan estava a três metros de distância do stand de servir, falando em tons graves com o rapaz de cabelos claros. Jessica estava cercada por um bando de gente, todos rindo como se não tivesse preocupação no mundo. Jonathan e o grandalhão pareciam que iriam se golpear. Ele olhou para mim e estendeu a mão em um pequeno gesto que significava “fique longe”.

As portas do elevador se abriram e outro grupo saiu. Eu ouvi a frase novamente, embora Geraldine estivesse longe de mim.

Faça...

Parecia gravada. Olhei para trás. Duas meninas olharam para um telefone, a luz brilhando em seus rostos.

Faça...

Uma embolsou o telefone quando entrou no pátio, rindo.

A conversa de Jonathan não estava indo bem. Eu não poderia estar lá. Eu simplesmente não conseguia. Eu andei.

— Oi. — Eu disse. Jonathan enfiou a mão por cima do meu ombro. — Eu sou Monica. — Eu estendi minha mão. O loiro não a pegou.

— Você roubou algo da minha casa.

Jonathan me puxou para mais perto. Senti seu corpo avançando entre o outro homem e eu. — Essa conversa acabou.

— Ela nem começou. Eu tenho um advogado.

Ele parecia agressivo e fora de forma. Tão grande quanto ele era, não era tão ameaçador, e eu não poderia ficar com medo. Ele era bonito e parecia bem de smoking, mas ele não estava usando... aquilo o estava usando. Ele não tinha nenhuma presença, não tinha voz, não tinha significado. Então percebi quem ele era. Erik. O homem por quem Jessica deixou Jonathan.

Aquela mulher precisava de um transplante de boceta.

— Todos estes telefones são parecidos. — Eu disse. — Estava escuro. Eu pensei que era o meu. — Apertei meus lábios, tentando manter minha boca em algum tipo de linha que não se parecia com um sorriso. Mas falhei em algum nível. Ela não acreditou em mim. Uma criança de quatro anos de idade, não teria acreditado em mim.

— Você sabe o que ele fez? — Disse Erik. — Para ela. — Ele apontou o polegar na direção de onde Jessica estava parada.

— Ouvi dizer que ela estava pedindo por isso. — O elevador apitou atrás de mim.

— Vocês dois são doentes. — disse Erik.

— O'Drassen — A voz veio de trás, do elevador. Jonathan me virou e me levou para Eddie. Ele usava uma jaqueta branca e gravata preta, seu cabelo penteado em um topete.

— Ed. — Jonathan disse: — Cuide dela. — Ele me empurrou em direção ao rapaz que se opôs a me levar para o evento em primeiro lugar.

— Não há problema. — Eddie respondeu. — E estou indo muito bem, por sinal. Obrigado por perguntar.

— Eu quero dizer isso. Não a perca de vista.

Alguma coisa cara aconteceu entre eles, porque Eddie estendeu a mão para Jonathan que a apertou, levando-a pelo bíceps. Então ele me beijou. — Fique bem. — Ele se virou para Erik, que estava acompanhado por um homem com o cabelo mais escuro e bochechas rosadas.

— Eu sinto que estou preso em Manland. — Eu disse para Eddie.

— Você está.

Quando fomos para a multidão de fotógrafos, olhei para trás para encontrar Jonathan e Erik conversando acaloradamente como antes de eu ter interrompido.

— Você está pronta para ser o mais novo rosto do Carnival? — Perguntou Eddie.

— A menos que você tente me colocar em uma máscara de couro.

— Sim, bem, isso é fora de questão. Poderia fazer um monte de dinheiro. Esta nova ideia é um calhambeque.

— Você poderia me soltar.

— E deixar algum babaca de Vintage buscá-la? Claro que não.

As luzes foram me cegando. Entre as mulheres de lantejoulas e os homens vestidos de preto, era um mundo de alto contraste. Eu ouvia risadas e alegres vozes. Eu ouvi claramente uma frase que me tinha chamado atenção. Era um sussurro e grito e risada de novo.

Faça...

Eu tinha meu sorriso de serviço ao cliente pronto. Minha mão estava no braço de Eddie, mas mantive o meu corpo longe dele. Eu não queria embarçar Jonathan, e não queria parecer fraca e carente. Essas fotos acabariam em música e comércios de arte. Se eu agisse como um pedaço de braço doce de um executivo de gravadora, teria que explicar, então, provar que eu não era.

O coquetel era um turbilhão de bebidas, câmeras e perguntas. Quem era eu? Por que eu estava lá? Eu falaria sobre a B.C Mod com Trio Sem nome, isso trouxe Kevin para minha mente. Eu tentei não pensar nele. Eu falei sobre os meus shows no Frontage, a possibilidade de um contrato, e minha educação. Não houve perguntas sobre música. Os repórteres eram tudo sobre negociações de arte, por isso não houve nenhuma conversa de arte em si, apenas o negócio de arte. Encostei no ombro de Jessica uma vez. Nós nos entreolhamos e seguimos em frente. Eram negócios.

Eddie e eu rodamos com os convidados do lado de fora de duas enormes portas de madeira. Uma mulher em um casaco vermelho veio com um homem atrás dela. Ele carregava uma bandeja de prata cheia de alfinetes de metal de lapela. Ouro, prata e strass. Ela perguntou nossos nomes e, em seguida selecionou um alfinete de ouro da bandeja do seu assistente e deu a Eddie. Ela me deu um strass. Eu não tinha ideia do que isso significava. Olhando ao redor, eu poderia facilmente dizer quem eram os artistas e os colecionadores. Eles eram diferentes em suas posturas até a marca da roupa. As cores, acessórios, sapatos, tudo indicava a classe social. Eu chamei a atenção de Geraldine Stark. Ela usava um alfinete de lapela de prata. Meus olhos encontraram Jessica. Ela parecia nervosa e infeliz, colocando seu cabelo atrás da orelha. Ela também usava um alfinete de prata. Os artistas deveriam usar prata, só eu que tinha de strass.

Um casal atrás de mim disse: — *Faça...* — Juntos antes de rir.

— Estamos sentados na cinco. — Eddie murmurou. — Eu vou devolvê-la para o seu namorado.

— Obrigada. Isso foi divertido.

— Acostume-se com isso.

— Eu pensei que nós iríamos todos quebrar porque não quero levar um chicote.

— Não é bem assim quebrado. — Ele sorriu para mim e deu um tapinha no meu braço.

As portas se abriram e a multidão corria em uma sala enorme com vista para Los Angeles em três lados. Mesas foram dispostas em fileiras, com toalhas brancas e talheres brilhando. A mesa já estava na frente, ao lado da janela, Jonathan não estava lá. Cadeiras raspavam. Vozes ricocheteavam no teto alto. Eu poderia sentar e iniciar uma conversa, mas ele estava muito longe. Um caminho muito longo.

Eddie e eu mantivemos uma conversa animada sobre o futuro da transmissão com dois homens que ele apresentou como desenvolvedores de sites. Eu vi Erik conversando com Jessica. Olhei ao redor da sala. Nenhum sinal de Jonathan. Entre seu cabelo e sua altura, era um cara difícil de perder. Os assentos estavam sendo tomados, e a espera que a equipe saísse com jarros de água e vinho. Eu escorreguei longe de Eddie quando ele estava fazendo falando sobre as taxas de inscrição no rádio internet, e saí pelas grandes portas de madeira de volta para o pátio.

A equipe já tinha começado a desmontar, e a área parecia deselegante na melhor das hipóteses. Os refletores foram retirados da área dos fotógrafos, fazendo parecer simples e cheio de lixo. Jonathan estava longe de ser encontrado. As câmeras tinham saudades dele inteiramente. Gostaria de saber se esse era seu plano desde o início.

Um homem se aproximou de mim com intenção. Ele era alto, poderia ter 1,95 metros e usava um casaco de cashmere preto e cachecol. Ele estava na casa dos sessenta, mas bem-cuidado, tenso no pescoço e mandíbula. Ele tinha brilhantes olhos azul-turquesa e cabelos brancos. — Eles já se foram?

— Sim. As senhoras de jaquetas vermelhas mostrarão seu lugar. Você pega um desses alfinetes. — Eu indiquei meu strass, e ele olhou para ele em agradecimento.

— Deus me livre andar por aí sem um símbolo de status. — Disse ele.

— Sim. É como um crachá, mas não tão pessoal.

— Como se você só fosse bom pelo dinheiro que gasta.

Sua voz soava estranhamente como a de Jonathan, mas não era. Devo ter ficado preocupada porque ele colocou a mão no meu ombro. Não era um toque desconfortável, apenas reconfortante. — Você está bem?

— Estou bem, obrigada.

Ele tirou sua mão de cima de mim e se endireitou, puxando um lenço de seda do bolso. — Você deve limpar os olhos, então.

— Eu não estava chorando. — Eu disse mais de surpresa do que em negação. Coloquei meus dedos no meu rosto, mas ele estendeu a sua mão antes que eu tocasse. Ele apertou o lenço sob meus olhos. Eu deixei. Eu não sabia o porquê. Ele parecia bom o suficiente.

— Você está manchada, no entanto. Não seria certo ter um olhar encantador de mulher como um guaxinim.

Eu coloquei minhas mãos nas suas e apertei o lenço para baixo. Ele tirou a mão.

— Obrigada. — Eu disse.

— Você me parece familiar. — Disse ele. — Você veio a este circo nos últimos anos?

— Não.

— Meu Deus. Você deveria ter visto o lugar. Foi uma homenagem a Damien Hirst com cabeças decapitadas com peças centrais.

— Parece horrível.

— Os garfos tinham mãos inertes ligados a ele. Com veias e nervos. Eu quase não vim hoje. Eu estava com medo do que eles tentariam cobrir. — Ele torceu o nariz, e eu sorri. — Bem, estou feliz que você não estava aqui. Pode ser que eu te conheça de algum outro lugar.

Eu olhei para ele como se fosse a primeira vez, tentando ver se poderia colocar suas feições. Havia algo sobre o formato de seus olhos, o ângulo de sua mandíbula, a forma como ele inclinava a cabeça quando falava.

Jessica saiu de uma das grandes portas no telefone. Eu me inclinei para trás do homem de casaco de caxemira. — Negue. — Ela disse ao telefone em sílabas cortadas. — Não é a minha voz. Basta dizer, nenhum comentário.

Ela parou no meio do pátio, ainda em sua ligação, e olhou para seus sapatos, em seguida, ao longo do mezanino em Wilshire Boulevard. Os lances de degraus de pedra de cada lado dela perfeitamente enquadrados, ela ainda parecia perdida. Se eu sentisse pena dela por meio segundo, a imagem de Jonathan entrando em um carro da polícia no aeroporto de Santa Monica dissolveu minha compaixão e substituiu com algo muito mais feroz.

Jessica olhou para as portas de madeira, em seguida, virou-se e saiu por um corredor. Uma vez que ela estava longe o suficiente, entreguei o homem lenço. Suas costas foram com ela, e ele não olhou ao redor.

— Obrigada. — Eu disse.

— Fique com ele. — Ele sorriu e foi em direção às portas de madeira. Eu vi lá dentro quando ele a abriu. A sala estava lotada, e todos estavam sentados. Eu chequei meu telefone. Nada de Jonathan. Se ele estivesse sentado na nossa mesa, ficando irritado, teria me mandado uma mensagem.

Fui ao fundo do corredor. Eu vim para procurar Jonathan, mas pensei que poderia ouvir outro trecho do telefonema. Eu tinha certeza que ele estava bem. Somente sendo misterioso, como de costume. Segui Jessica para o banheiro feminino. Era um banheiro padrão de museu. Limpo, branco e azul, com equipamentos de nível médio e iluminação simples, quente, clara. Meus sapatos ecoaram no ladrilho. Se ela estivesse na ligação no banheiro, pararia a conversa quando eu entrasse ou já teria desligado a ligação.

A porta se abriu atrás de mim, e eu ouvi a voz de Jonathan, mas não era ele.

— *...meu cinto, um giro, e atingi-la em toda essas doces bochechas brancas até que você esteja vermelha como uma rosa e seu rosto estiver coberto de lágrimas.*

Eu vou parar quando puder ficar com dois dedos em sua boceta e sentir como ensopada você está.

Eu congelei. Era sem dúvida ele, a partir da metáfora florida, a palavra boceta, na voz dominante. Três mulheres vieram e pararam no meio do caminho quando me viram. A jovem mulher, com o telefone na mão tinha o cabelo feito como Audrey Hepburn, até a tiara. A segunda era alta e matronal com uma blusa, sapatos baixos, e as linhas de decepção permanentemente gravadas em seu rosto. Ambos usavam alfinetes de prata.

A terceira mulher era Geraldine Stark.

A gravação continuava.

— *Então vou te foder até você me implorar para deixá-lo entrar, que pode ou não acontecer. Isso vai funcionar para você? Não penso assim.*

— *Faça isso.*

A voz era estridente e desesperada e, definitivamente de Jessica. Deve ser isso. O memorando de voz de seu telefone roubado.

Audrey Hepburn se atrapalhou com o telefone e o desligou.

— Eu quero ouvir isso. — Eu disse. — Desde o início, se você não se importa.

Ela hesitou.

— Eu estava dizendo a ela. — Geraldine disse. — Ele é realmente assim, e é quente. Você não acha? — Ela levantou uma sobrancelha. Eu não respondi, mas olhei para Audrey Hepburn. Ela era uma gatinha nervosa, frágil e facilmente comandada.

— Faça isso. — Eu disse com minha voz exatamente o oposto do gemido de Jessica.

Ela encolheu os ombros como se não estivesse muito entediada com a perspectiva de não continuar. — Ela só é realmente boa quando ele começa a isso.

— *Eu vou desfazer seus jeans. Eu vou levá-los até o meio das coxas por isso será difícil de andar. Você vai ficar desconfortável, e isso vai me agradar. Então vou ficar atrás de você, e vou pegar um punhado de seu cabelo na parte de trás de sua cabeça e dobrá-la sobre essa mesa. Eu vou tirar o meu cinto, girar uma vez, e atingi-la em todas essas doces bochechas brancas até que você esteja vermelha como uma rosa, e seu rosto estiver coberto de lágrimas. Eu vou parar quando puder ficar com dois dedos em sua boceta e sentir como você está ensopada. Então eu vou te foder até você me implorar para deixá-lo entrar, que pode ou não acontecer. Isso vai funcionar para você? Não penso assim.*

— *Faça isso.*

— *Jess, realmente.*

— *Faça isso! Comece com o cabelo. Ou as calças. Que seja.*

— *Não.*

— *Faça isso!*

Audrey cortou. Eu sabia que era brincadeira. O desespero. A lábia. Uma atriz não poderia ter reproduzido algo tão cru. Eu pressionei meus lábios entre meus dentes. Todos nós sabíamos quem era, e como isso saiu, todos nós pensamos a ideia dela desesperadamente pedindo uma surra era cômica.

Geraldine riu pela primeira vez. Em seguida, Audrey. Matronly olhou como se tivesse comido limão, e as rugas em sua testa me enviaram no limite da gargalhada. Então, todas nós terminamos. Entre repiques de alegria, alguém gritava *faça!* Em um estridente pedindo de lamentação, e nós rimos novamente.

— *Você quer ouvir o resto?* — Perguntou Audrey.

— *Não, obrigada.* — Eu disse. — *Eu vou ter muita a coisa verdadeira mais tarde. Sem *faça!** — Eu gritei a última palavra e nós rimos novamente.

Eu verifiquei o meu rosto no espelho, me estiquei, e arrumei meu laço. — *Eu vejo você lá dentro.* — Eu olhei para cada um delas pelo espelho. — *Obrigada pelo entretenimento.*

Quando voltei para o pátio, parei nas grandes portas de madeira e me virei, dando um passo atrás de uma divisória. Apesar da pessoa legal, o que aparentava no banheiro, eu fiquei chateada ao ouvir o sexo promissor de Jonathan para outra mulher. E eu estava chateada que todos sabiam. Eles não o veriam como meu. Eles olhariam para mim e nem sentiriam pena de pobre menina enganada ou assumiriam que eu o compartilhava com outras mulheres.

— Pare com isso, Monica. — Eu sussurrei para mim mesma. — Pare com a preocupação. — Eu apertei os punhos.

As três artistas saíram do banheiro, rindo e solidarizando. Matronly abriu uma das grandes portas de madeira e entraram. Elas estavam rindo de mim? Geraldine estava falando sobre suas noites com Jonathan e apostas sobre quando ele me dispensaria?

Meu nome é Monica. Eu canto como um anjo e rujo como um leão. Eu sou dona e governadora da minha mente. Eu mantenho o meu próprio conselho. Eu decido o que sinto. Eu não respondo a ninguém.

Eu não sabia que meus olhos estavam fechados, até que ouvi um soluço e a briga de pés no tapete. Jessica saiu correndo do banheiro, chorando. Ela parou, e me abaixei mais atrás da partição. Ela brincava com o telefone, mas estava chateada e não conseguia decidir o que precisava fazer. Ela jogou-o em sua bolsa segurou firmemente a bolsa, pressionando-a para si mesma como se pudesse cavar no fundo.

Pela segunda vez, senti pena, mas eu estava sobrecarregada. Eu sabia exatamente o que eu estava fazendo no banheiro. Eu sabia que ela estava por trás de uma porta ou uma parede, ainda incitei as mulheres porque eu podia. Para quê? Ferir seus sentimentos? Eu não era melhor do que isso? Saí de trás da partição. — Jessica?

Ela se virou e me viu. — Afaste-se de mim. — Ela usou seu tom faça isso. Eu não acho que ela pudesse ouvi-lo.

— Você está bem?

Ela correu, ainda segurando sua bolsa aberta, caminhando para os degraus de pedra. Fui para o corrimão do mezanino e observei-a ir, arrastando os pés. Ela perdeu o equilíbrio e o conteúdo de sua bolsa caiu. Papéis e recibos flutuavam para o pátio, batons e canetas clicando. Um caderno aberto como uma borboleta três passos abaixo dela. Ela parou e pegou suas coisas. Seus soluços ecoavam nas paredes de granito, mesmo tão longe como estavam.

— O que aconteceu com Eddie? — Jonathan se aproximou por trás de mim. — Era para ele ver você. — Eu coloquei minha mão em seu rosto. Ele estava frio e úmido.

Jessica olhou para cima, e vendo nós dois olhando para ela, deixou meio conteúdo de sua bolsa e fugiu. Ela tropeçou, escorregou, endireitou-se e correu para Wilshire sem olhar para trás.

— O que aconteceu? — Ele perguntou com respirações curtas.

— Essa gravação. — Eu não queria descrever a cena do banheiro. Eu não me importo mais. Ele parecia uma merda, e o Sr. Drazen nunca parecia uma merda. — Você está bem? Onde você estava?

— À procura de alguém. — Ele rangia os olhos fechados.

— Quem?

— Eu não tenho sentido... — Ele apoiou-se no corrimão. — Minhas costas doem e... — Seus joelhos dobraram. Levei-o pelos braços e olhei em seus olhos verdes. Ele não estava bem, ele estava em pânico. Não. Isso estava errado. Tirei o lenço que o homem de casaco de caxemira tinha me dado e acariciei seu rosto.

— Você parece o inferno. Você precisa se sentar. — O banco mais próximo ficava a uma cem metros de distância, ou quatro degraus.

Ele pegou o lenço. — Onde você conseguiu isso? — Sua respiração arfava como se fosse machucá-lo.

— Um cara. Cara alto, está tudo bem.

Ele caiu de seus dedos e eu vi as letras bordadas em preto e azul: JDD. Tudo veio a mim. A voz, o jeito que ele parecia e andava. Ele era o pai de Jonathan. Eu

estava prestes a confirmar isso, mas Jonathan colocou a cabeça no meu ombro. Coloquei meus braços sob o seu, e em pouco tempo, eu o estava segurando.

— Jonathan. — Eu chorava por ajuda, os sons e gritos ecoando nas paredes de granito.

Ele caiu, deslizando pelo meu corpo. Debrucei-me sobre ele, rolando-o de costas. Eu não sabia o que fazer. O rosto dele me dizia que estava com dor, com as mãos estendidas para minha, segurando meus braços, me impedindo de me mover. Tudo o que eu podia fazer era gritar o nome dele.

Por que ninguém vem?

Meu telefone. Eu tinha que pegar meu telefone.

Eu despejei o conteúdo da minha bolsa no chão, buscando através dos conteúdos. Eu olhei para ele, o amor da minha vida e finalmente encontrei, finalmente reconheci, finalmente compreendi, com os olhos para o céu em sinal de rendição. Voltei-me para a minha pilha de lixo e encontrei meu telefone através de uma cortina de lágrimas. — Ok, estou chamando alguém. Por favor, só...

Seus olhos se fecharam.

— Não! Seu merda! — Eu gritei o nome dele e dei um tapa no rosto.

Seus olhos se moveram sob as pálpebras.

Bati novamente.

As pessoas vieram.

Eu bati-lhe com mais força.

Senti as mãos em mim, apertando duro nas partes machucadas dos meus braços.

Eu não podia bater nele, se me segurassem.

Então lutei e eles me afastaram.

Eu não me lembro de nada depois disso.

Continua em
Sing...